UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

EDNA CELESTE VIEIRA BONASSI

GLOBALIZAÇÃO NA ESCOLA, PARA ALÉM DE UM CONTEÚDO

São Paulo

2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

GLOBALIZAÇÃO NA ESCOLA, PARA ALÉM DE UM CONTEÚDO

Edna Celeste Vieira Bonassi

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas para
obtenção do Título de Mestre em
Geografia.
Área de concentração: Geografia Humana.

Orientadora: Professora Dr^a Nídia Nacib Pontuschka

São Paulo

2010

BONASSI, Edna Celeste Vieira.

Título: **Globalização na escola, para além de um conteúdo.**

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do Título de Mestre em Geografia Humana.

Aprovado

em: _____

Banca examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

*Dedico este trabalho à minha mãe,
eterna lembrança.*

*Ao Flavio meu marido e amigo e aos
filhos: Camila e Fernando sinônimos
de incentivo e motivação.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo que sou e por tudo que tenho.

Nesses três anos, além do saber, agreguei amigos; somei incentivos de pessoas que de forma direta ou indireta estiveram presentes nesse momento da minha vida.

Assim sem ordem e com muito apreço, agradeço:

À Prof. Dra. Nídia Nacib Pontuschka que confiou em mim, foi paciente, orientadora e amiga nesse percurso acadêmico.

Aos professores Dr. Manoel Oriosvaldo, Dra. Monica Arroyo e principalmente às Professoras Dra. Glória da Anunciação Alves e Dra. Vanderli Custódio que na qualificação apontaram caminhos para a continuidade e desenvolvimento deste estudo. A lembrança que marcou e merece menção é “onde está o jovem?”; omissa no relatório e muito presente na dissertação.

Aos amigos agregados ao longo da pós-graduação que além do incentivo, contribuíram nas discussões, nas críticas e sugestões: Edmilson Brito, Rosemeri Diettrich, Simone, Vivian, Marcos, Amália, Maria Alice, Angela, Eustáquio, Ari, Rose, Edjailson, Robson, Jerusa, Ana Claudia.

À Carla e ao Claudivan que me acolheram, deram apoio e no dia a dia a amizade se desenvolveu com alegria.

Aos amigos da escola, profissionais da educação que de alguma forma se fizeram presente nessa trilha ouvindo, apoiando, rindo ou brincando: Marcelo, Marina Moraes, Lurdinha, Valdecira, Mariza, Claudia, Joelle, Andréia, Beti, Déia, Sr. Paulo, Robson, Donizete, Tadeu, Paulo Cesar, Fernando, Maria Olímpia, Marcos, Elisabel, Vivien, Silvana, Vilma, Monica, Soninha, Imperatriz, João, Cristiane, Rosilene, Denilson, Eliana.

À Célia, Renato, Vera e Marcio, eis que eles estão de alguma maneira reflexos nas linhas ou nas entre linhas deste trabalho.

Aos professores entrevistados, que prontamente se dispuseram a colaborar na pesquisa.

Aos meus amigos e companheiros de ideal religioso, representados aqui por: Fátima Nocetti, Natália, Soninha e Nelson.

Aos familiares que entenderam, aceitaram e apoiaram esse intento: sogra, cunhadas, cunhados, sobrinhos, primos e primas.

À Suely, Yone, Luiz Felipe, Albino, Dulce, parentes, amigos presentes e frequentes nesse momento.

Aos meus irmãos Sergio, Marcelo e Marcio, sempre preocupados comigo.

À Fátima, muito mais que irmã, amiga, confidente, companheira de ideias e ideais.

Ao meu pai, incentivador incontestado em tudo que se refere à estudos e progresso do ser humano.

Ao meu marido, companheiro, amigo, paciente e presente em todo o desenvolvimento da pesquisa.

Ao Luiz Henrique meu genro, que somou mais alegria à família.

Aos meus filhos, maior riqueza, incentivaram, apoiaram, estimularam e motivaram-me a enveredar pelos caminhos da pós-graduação.

RESUMO

BONASSI, E. C. V. **Globalização na escola, para além de um conteúdo**. 2010. 182f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Esta dissertação trata do ensino da globalização, enquanto conteúdo no último ano do Ensino Fundamental. A pesquisa envida nos caminhos de compreensão da globalização no campo teórico, mas enfocada principalmente em sua materialização no lugar de vivência do aluno, expresso no cotidiano e as relações dialéticas aí geradas a fim de oportunizar condições de contexto dessa temática para encaminhamento do tema nas aulas de Geografia. O nascedouro desta proposta ocorreu em função de contradições e paradoxos no comportamento dos alunos em relação à posse e uso de aparelhos tecnológicos de última geração, e também, das dificuldades, enfrentadas por nós professores, no ensino desse conteúdo. Assim, o objetivo da pesquisa está direcionado para a possibilidade de contextualizar o conteúdo da globalização na perspectiva dialética, considerando as variáveis que se lhe constituem, as dimensões: tecnológica, cultural, política, econômica e social, manifestas e imbricadas no cotidiano. Antes, porém é dedicado um espaço de compreensão do jovem e sua condição no contexto da e na globalização, se perfazendo no lugar do vivido, do cotidiano. O jovem, neste início de século, vive em “presentes perpétuos”, fragmentados pelas imagens, signos e significados; o tempo presente é um momento aparentemente único, descolado de um passado e supostamente sem vínculo com o futuro. A juventude, enquanto condição está equacionada nos moldes da racionalidade econômica e disponibilizada à globalização através dos sentidos orientados para o mercado de consumo neste momento sócio histórico e cultural, quando os signos, produtos e cultura, tomam a forma de mercadoria e delineiam comportamentos que sugerem o imediatismo e a efemeridade. Demonstramos as relações do contexto através das respostas dadas pelos alunos, seja no questionário de perguntas fechadas ou abertas. Para tanto, se fez necessária a compreensão de elementos constitutivos da globalização, no caso, destaca-se a tecnologia e o consumo, este com conotação cultural, em decorrência da ênfase dada às mercadorias-signos, imagens e bens que, em geral, ganham novos significados no processo, assim como a cidadania atrelada aos direitos de consumo a serviço do capitalismo. Tem-se nessa dialética a relação ensino aprendizagem da e na globalização objetivado no desenvolvimento formativo do aluno. Nesse sentido, destacamos as entrevistas com os professores, a fim de apurar como é articulado o conteúdo da globalização, no último ano do Ensino Fundamental, na intenção de evidenciar as dificuldades desses profissionais com relação ao tema para um posicionamento mediante às questões relevantes e propor sugestões. O encaminhamento, por sua vez, se constitui como eixo de sugestões possíveis para compor a articulação do conteúdo da globalização no movimento dialético das dimensões que lhe perfazem, a fim de favorecer o ensino e aprendizagem desse tema tão complexo. Faz-se necessário ainda tornar significativo o conteúdo a partir da realidade vivida por esses jovens e contribuir para um modo de pensar mais consciente e formador do aluno no desenvolvimento da cidadania.

Palavras chave: Geografia; globalização; juventude; cotidiano; ensino aprendizagem.

ABSTRACT

BONASSI, E. C. V. **Globalização na escola, para além de um conteúdo**. 2010. 186f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

This dissertation deals with the teaching of globalization as course content in the final year of primary level education. The study endeavors to bring to light how globalization is understood at the theoretical level, however, it mainly focuses on how globalization is inserted into the everyday experience of students, how it is expressed in their day-to-day lives and the dialectic processes that arise therein, with the purpose of taking advantage of the contextual conditions of this subject matter and how it is delivered in Geography classes. The concept for this study arose from the contradictions and paradoxes evident in the behavior of students with regards to their possession and use of the latest generation technological devices, and also from the difficulties that we, as teachers, face in teaching this subject. Thus, the aim of this study concerns the possibility of contextualizing the subject of globalization from a dialectic perspective, considering the variables that constitute it: the technological, cultural, political, economic and social dimensions, which overlap each other in everyday life. Beforehand, however, part of the study is dedicated to the comprehension of youths and their position in the context of globalization, and how it is received in their experiences and daily life. At the beginning of this new century, youths are living in the "perpetual present", a world fragmented by a plethora of images, signs and meanings; the present time is an apparently unique moment, detached from the past and with supposedly no link to the future. Youth as a condition is laid out in the moulds of economic rationality and is exposed to globalization through senses that are oriented towards the consumer market at this socio-historical and cultural junction, when signs, products and culture take the form of merchandise and delineate a type of behavior defined by immediatism and ephemerality. The students' relationships with the context are demonstrated by the replies they gave in questionnaires containing both closed-ended and open-ended questions. Accordingly, comprehension of the formative elements of globalization is necessary, in this case technology and consumption stand out, the latter with a cultural connotation, as a result of the emphasis given to merchandise comprising of signs, images and goods that, in general, take on new meaning in the process, like citizenship linked to the consumption rights at the service of capitalism. This dialectic process is apparent in the relationship between the teaching and learning of globalization, aimed at the formative development of the student. Accordingly, interviews with teachers are emphasized, with the purpose of ascertaining how the subject of globalization is articulated in the final year of primary level education, with the intention of making evident the difficulties that these professionals face with regards to the subject, when they are confronted by relevant issues, and to propose suggestions. In turn, the promotion of this subject is the axis for possible suggestions to compose the articulation of globalization as subject matter in the dialectic movement of the dimensions it takes on, with the purpose of favoring the teaching and learning of this complex subject. Furthermore, it is necessary to make the content relevant from the standpoint of the reality experienced by these youths and to contribute to a more conscious manner of thinking and educating the student in the development of citizenship.

Key words: Geography; globalization; youth; day-to-day life; teaching and learning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem de satélite 1 - Localização das escolas em que foi realizada a pesquisa, no município de São Paulo	32
Imagem de satélite 2 - Localização das escolas em que foi realizada a pesquisa, em relação às represas Guarapiranga e Billings.....	33
Imagem de satélite 3 - Localização da EMEF Engenheiro José Amadei, no bairro Jardim IV Centenário.....	34
Imagem de satélite 4 - Localização da EMEF Frei Damião, no bairro Parque Residencial Cocaia.....	36
Imagem de satélite 5 - Localização da EMEF Frei Conde Pereira Carneiro, no bairro Jardim Consórcio.....	37
 Mapa 1 - Localização das escolas em que foi realizada a pesquisa, no município de São Paulo	 31
 Quadro 1 - Respostas apresentadas pelos alunos da escola em que foi realizada a pesquisa, sobre a importância do aparelho celular e da internet em suas vidas	 44
Quadro 2 - Respostas apresentadas pelos alunos da escola em que foi realizada a pesquisa quanto a seus desejos de consumo imediatos	47
Quadro 3 - “ <i>Não tenho, não gosto</i> ” – respostas apresentadas pelos alunos da escola em que se realizou a pesquisa para justificar não possuírem determinados objetos	49
Quadro 4 - Relação entre a renda familiar e o uso e posse de instrumentos informacionais e comunicacionais pelos adolescentes, a partir das respostas apresentadas pelos alunos da escola em que foi realizada a pesquisa.	50
Quadro 5 - Respostas dadas pelos alunos da escola em que foi realizada a pesquisa, sobre a importância da tecnologia informacional e comunicacional para os jovens	69
Quadro 6 - Desejo: item que compõe o consumo – respostas dos alunos da escola em que foi realizada a pesquisa, a respeito de seus desejos de compra.....	81
Quadro 7 - Dificuldades na abordagem do conteúdo globalização em sala de aula, segundo os professores entrevistados.....	92
Quadro 8 - Objetivos dos professores entrevistados na articulação do tema globalização em sala de aula, de acordo com seus depoimentos.....	94

Quadro 9 - Importância do conteúdo da globalização em sala de aula: questão pessoal ou institucional? – a visão dos professores entrevistados	96
Quadro 10 - Contextualização do tema globalização em sala de aula, segundo depoimentos dos professores entrevistados	99
Quadro 11 - Relação entre o tema globalização e a formação do aluno, segundo depoimentos dos professores entrevistados	102
Quadro 12 - Depoimentos dos professores entrevistados sobre a relação entre globalização e cidadania.....	105
Quadro 13 - Abordagem em sala de aula dos efeitos da globalização, segundo depoimentos dos professores entrevistados	108
Quadro 14 - Escalas de abordagem da globalização em sala de aula, segundo depoimentos dos professores entrevistados.....	110
Quadro 15- Uso de recursos e livros didáticos para a articulação do tema globalização em sala de aula, segundo depoimentos dos professores entrevistados	112

LISTA DE SIGLAS

EMEF	Escola Municipal do Ensino Fundamental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PMSP	Prefeitura do Município de São Paulo
SME	Secretaria Municipal de Educação
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNISA	Universidade Santo Amaro
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
1.1 DINÂMICA DA PESQUISA.....	22
1.2 MÉTODO: MOVIMENTO DO PENSAMENTO.....	23
1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	26
1.4 QUESTIONÁRIOS: O PENSAMENTO DE ALUNOS.....	28
1.5 ENTREVISTA: UM CAMINHO ARTICULADOR.....	29
1.6 Os LOCAIS DA PESQUISA.....	31
1.7 CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS ESCOLAS, SEGUNDO OS PROFESSORES ENTREVISTADOS.....	34
2 O JOVEM DA/NA GLOBALIZAÇÃO.....	38
3 A GLOBALIZAÇÃO: O LUGAR E O COTIDIANO.....	52
3.1 GLOBALIZAÇÃO.....	52
3.2 TECNOLOGIA E TÉCNICA – MATERIALIDADE DA GLOBALIZAÇÃO.....	65
3.3 REDES TÉCNICAS E SOCIAIS – MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA: LUGAR – MUNDO – LUGAR.....	71
3.4 LUGAR – GLOBALIZAÇÃO – LUGAR.....	74
3.5 COTIDIANO DO/NO LUGAR.....	77
3.6 CONSUMO E CIDADANIA.....	78
4 GLOBALIZAÇÃO, CONTEXTUALIZAÇÃO: ARTICULAÇÃO NECESSÁRIA.....	88
4.1 GLOBALIZAÇÃO COMO CONTEÚDO DA GEOGRAFIA NA ESCOLA.....	89
4.2 ENCONTRO ARTICULADOR.....	91
4.2.1 DIFICULDADES NA ABORDAGEM DO CONTEÚDO GLOBALIZAÇÃO EM SALA DE AULA.....	91
4.2.2 OBJETIVOS NA ARTICULAÇÃO DO TEMA GLOBALIZAÇÃO EM SALA DE AULA.....	93
4.2.3 IMPORTÂNCIA DA ARTICULAÇÃO DO CONTEÚDO GLOBALIZAÇÃO EM SALA DE AULA.....	95
4.2.4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ARTICULAÇÃO DA GLOBALIZAÇÃO EM SALA DE AULA.....	97
4.2.5 RELAÇÃO ENTRE O TEMA GLOBALIZAÇÃO E A FORMAÇÃO DO ALUNO.....	101
4.2.6 GLOBALIZAÇÃO E CIDADANIA – IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO.....	104
4.2.7 GLOBALIZAÇÃO: NUANCE DO CAPITALISMO.....	107
4.2.8 ESCALAS DE ABORDAGEM DA GLOBALIZAÇÃO.....	110
4.2.9 RECURSOS E LIVROS DIDÁTICOS PARA ARTICULAÇÃO DO TEMA GLOBALIZAÇÃO EM SALA DE AULA.....	111
5 ENCAMINHAMENTO – CAMINHOS POSSÍVEIS.....	114

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS.....	132
GLOSSÁRIO.....	137
MEMORIAL.....	139
APÊNDICE A Visão geral da importância do aparelho de celular e internet na vida do jovem, a partir das respostas dos alunos das escolas em que foi realizada a pesquisa.....	151
APÊNDICE B Resultado total (três escolas) das respostas dos questionários dos alunos.....	153
APÊNDICE C RESULTADO QUESTIONÁRIO: ALUNOS DA EMEF ENGENHEIRO JOSÉ AMADEI.....	154
APÊNDICE D RESULTADO QUESTIONÁRIO: ALUNOS DA EMEF FREI DAMIÃO.....	157
APÊNDICE E RESULTADO QUESTIONÁRIO: ALUNOS DA EMEF CONDE PEREIRA CARNEIRO.....	160
APÊNDICE F Roteiro da entrevista	163
APÊNDICE G Entrevista na íntegra do Professor João.....	164
APÊNDICE H Entrevista na íntegra do Professor Manuel	173
APÊNDICE I Entrevista na íntegra da Professora Jane.....	179

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é decorrente de dificuldades e paradoxos vividos em nossa atividade docente no ensino de Geografia, mais especificamente, as dificuldades relacionadas à abordagem do conteúdo da globalização e também de questionamentos e inquietações mediante situações contraditórias que observamos no cotidiano de nossos alunos. Refletimos sobre nosso e o lugar do aluno, lugar de vivência, das interações e construções que se dialetizam na dinâmica do mundo. Lugares que revelam o mundo através das imagens, dos objetos, das coisas, dos gostos, do real e do imaginário, das condições que os jovens vivem em seu cotidiano.

Como é ser, ter, acessar, obter, integrar e viver; contextualizar e ser contexto? Parecem divagações, mas na realidade são os verbos que conjuga o momento atual, que indicam a dinâmica e o movimento global dialeticamente relacionado ao cotidiano, lugar de vivência, afirmando a globalização na aparência e ofuscando as contradições na essência.

A essa inquietude juntou-se outra, referente a comportamentos contraditórios dos jovens no que diz respeito à posse e uso de aparelhos eletrônicos de última geração – como telefones celulares, tocadores de música os mais avançados e modernos, computador e internet¹ – supostamente, desconsiderando a aquisição de artigos necessários a uma qualidade de vida básica – como agasalhos e ou alimentação adequada.

Observamos o adolescente em situações que nos provocaram questionamentos sem respostas, incitaram dúvidas e também interesse na busca de caminhos para que pudéssemos nos posicionar mediante nosso compromisso com a educação.

Os pensamentos divagaram sobre o modo de ser do jovem nesse mundo de imagens, signos, artigos de toda ordem que se traduzem em mercadoria; seguimos elucubrando a respeito de o adolescente não ter como adquirir, mas querer, desejar possuir; parece lógico, mas de que lógica estamos falando? Embrenhamo-nos no mundo das contradições, das desigualdades, no mundo de hoje, da globalização materializada pelas mesmas variáveis que a

¹ Oferecemos, ao final desta dissertação, um glossário com alguns termos relacionados a esse universo da tecnologia da informação e comunicação.

constituem, em uma relação dialética se compondo na parte e no todo, na contradição e na superação.

Estamos considerando o jovem de baixo poder aquisitivo, aquele que deseja, almeja, mas tudo lhes é muito difícil, ou mesmo, e principalmente, o adolescente que opta por consumir o objeto, o signo, a imagem em vez de considerar suas necessidades básicas mais cotidianas, como se alimentar e vestir adequadamente.

Apresentamos nossas observações iniciais que provocaram inquietações, tomaram forma e ganharam consistência nos questionamentos:

- Em uma rua de casas precárias, alguns carrinhos de catadores de resíduos sólidos parados ao longo das calçadas; um jovem, aluno da escola de pé ao lado de um dos carrinhos posicionando-se para sair bem cedo no cumprimento de sua atividade, de repente tira um celular² do bolso, mantém um rápido diálogo, encerra, guarda o celular, pega seu carrinho e sai para o trabalho.
- Alunos com vestimentas inadequadas para temperaturas muito baixas, ao serem questionados sobre por que estavam sem agasalho condizente com o frio, responderam que não tinham como comprar. No entanto esses mesmos alunos possuíam celulares ou aparelhos mp4, alegando tê-los ganho da mãe ou de algum outro parente direto.
- Mesmo aqueles jovens que moram em condições precárias vestem-se com roupas e tênis de marca, denotando a condição de acompanhar a moda sem ter preocupação com as carências de outros recursos mais urgentes do cotidiano.
- Um aluno diz que a Geografia não vai lhe ajudar, pois ele precisa de dinheiro urgente para comprar comida, e afirma que ser “aviãozinho” – ou seja, colaborar com o comércio ilícito de droga – proporciona para si um ganho imediato.
- Encontrando um de nossos alunos após um ano de sua conclusão do Ensino Fundamental, ele diz que conseguiu emprego em uma empresa de informática, irá trabalhar no almoxarifado, e sente-se muito bem, pois suas perspectivas anteriores quanto à integração ao mercado formal eram inexistentes. Segundo ele, achava que nunca teria uma oportunidade dessas. Ainda afirmou lembrar-se das aulas de Geografia em que trabalhamos a globalização e as novas tecnologias informacionais.

Esses fatos instigaram-nos a pensar com maior profundidade sobre os conteúdos da Geografia em geral e se haveria algum tema que pudesse enfocar os paradoxos do cotidiano.

² Usaremos o termo “celular” ou “aparelho celular” para designar o “telefone celular”. Conforme o *site* DicWeb: “Telefonia móvel – se refere ao sistema em que os aparelhos portáteis (celulares) são interligados à central por ondas de rádio em lugar de fios.” Disponível em: <<http://www.dicweb.com/>>. Acesso: fev. 2010.

Mais uma vez refletimos sobre a perspectiva da globalização, já que esta tem como materialidade as tecnologias da informação, o consumo e a relevância das desigualdades sociais. A tecnologia informacional³ influencia o modo de vida de cada pessoa e, ao mesmo tempo em que os itens que a compõem são atrativos eles não suprem as necessidades básicas do jovem e das pessoas em geral; pelo contrário contribuem para aumentar a carência, porque sua manutenção tem um custo.

Os acontecimentos apresentados poderiam ficar no nível do senso comum, olhados pelo prisma do andamento da globalização e de todo o desenvolvimento tecnológico informacional que invade os lugares, sejam eles mais pobres ou ricos. O que nos chama a atenção são as contradições evidenciadas no cotidiano, pronunciadas por um processo em movimento dialeticamente destacado no modo de vida desses jovens, o qual de alguma forma pode ser trabalhado no espaço escolar a partir do ensino da Geografia. Entendemos o cotidiano a partir da concepção de Lefebvre (1991, p. 27), que destaca a vida cotidiana no nível da realidade social:

Aí tudo conta, porque tudo é contado: desde dinheiro até os minutos. Há uma demografia das coisas, que mede o seu número e a duração da sua existência, assim como uma demografia dos animais e das pessoas. No entanto, essas pessoas nascem, vivem e morrem. Vivem bem ou mal. É no cotidiano que eles ganham ou deixam de ganhar sua vida, num duplo sentido: não sobreviver ou sobreviver, apenas sobreviver ou viver plenamente. É no cotidiano que se tem prazer ou se sofre. Aqui e agora.

Nessa perspectiva, a vida cotidiana perfaz-se pelas pessoas e tudo que as rodeia, sejam os animais, objetos, os alimentos que consomem, os locais onde moram e trabalham. Enfim, o

³ Os termos “informacional” e “comunicacional” têm, para nós, conotação social relativa ao aparato tecnológico ao qual se faz representar, seja através de objetos ou imagens, em uma relação dialética a partir da sociedade, não só no que se refere à produção como ao uso, o usufruto e necessidades imbricadas nessa interação.

O termo “informacional” é extensamente utilizado por Manuel Castells (2000), que caracteriza a sociedade a partir das novas tecnologias de informação, comunicação e entretenimento, e, com elas, os conceitos de informação, conectividade e interatividade. A microeletrônica constitui o novo modelo que se estabelece a partir das atuais inovações tecnológicas e configura uma rede complexa que vai além das transformações de caráter técnico, afetando todos os aspectos de nosso sistema cultural.

Para Milton Santos (1996, 2000, 2002), o termo “informacional” é usado para caracterizar as novas técnicas da informação. A comunicação e a circulação de informações – como dados, ideias ou decisões – ocorrem instantânea e simultaneamente, sendo características do que o autor denomina de meio técnico-científico-informacional; assim, a ciência, a tecnologia e a informação, hoje, são a base técnica da vida social, em outras palavras, o meio técnico-científico-informacional é um meio geográfico no qual o território inclui dialeticamente esses mesmos elementos. O informacional indica “o grau de exterioridade do lugar” da “intervenção vertical” no lugar e o comunicacional ou comunicação está no âmbito do “acontecer solidário”. (2008, p. 257-258)

que acontece aos jovens, o que está à sua volta e constitui a vida diária, faz parte do seu cotidiano, e é aí também que a globalização torna-se visível e como processo do sistema capitalista reproduz-se, materializando as relações de produção e reprodução através do consumo e aquisição de bens em geral.

A visibilidade dos contrastes sociais entre os adolescentes é mais pronunciada nas escolas, pois é ali que eles têm como se mostrar a seus pares, como se perceber em um grupo institucionalmente organizado. Não pretendemos discutir essa organização, mas pensar o lugar onde as contradições se manifestam, e onde o professor terá de trabalhar conteúdos que atendam a essa realidade.

Esse esboço geral e gerador das nossas inquietações iniciais revela de forma ainda bem superficial o adolescente com o qual lidamos nas escolas, e instigou nosso pensamento especulativo no sentido de buscar caminhos na Geografia, não talvez para dar conta dos problemas sociais instaurados, mas para partir deles dar encaminhamentos e buscar possibilidades para direcionar a articulação conteúdo da globalização na sala de aula.

Retornando às narrativas já expostas, e inter-relacionando elementos que perfazem o estudo da globalização na perspectiva geográfica, sentimo-nos movidos a correlacionar esse tema e sua complexidade ao contexto de vida dos jovens. Somam-se a essa justificativa as dificuldades enfrentadas pelos professores para ministrar tal conteúdo, visto ser a globalização um processo associado a outros mais amplos da Economia e da Sociologia.

Focalizamos a pesquisa no último ano do Ensino Fundamental porque, em geral, ao final desse período escolar, o aluno de classes populares não dá continuidade aos estudos, visto que necessita gerar recursos para ajudar na escassa e limitada renda familiar. E, como normalmente está abaixo da faixa etária regulamentada por lei para o trabalho formal, muito cedo inicia suas atividades ajudando vizinhos, colaborando em oficinas, mercadinhos, pequenas lojas ou como vendedor ambulante, sempre no entorno do bairro de moradia, normalmente o mesmo da escola. A idade desse adolescente e a carga de responsabilidade que lhe é imposta pelas condições socioeconômicas em que está inserido em geral não oferecem alternativas de profissões ou funções que possam futuramente lhe proporcionar um ganho melhor. De acordo com as pesquisas de Sene (2008, p. 155) o número de alunos que não concluem o Ensino Médio é expressivo, como relata:

Em 2005, o número de ingressantes no Ensino Médio foi de 3.651.903 e o número de concluintes, de 1.858.615 (INEP 2007)⁴. Embora a base de comparação dos estudantes que entraram no sistema não seja o número de 2005, grosso modo pode-

⁴ INEP - Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais
www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Sinopse/sinopse.asp

se dizer que cerca da metade dos ingressantes no 1º ano do Ensino Médio não conclui o 3º ano, não chega a se formar.

Esse quadro de não continuidade dos estudos após o Ensino Fundamental fez com que refletíssemos sobre a importância do encaminhamento do tema da globalização nesse nível escolar, para que esse conteúdo não tenha um tratamento incipiente ou ausente, já que é tratado com maior profundidade apenas no Ensino Médio, momento em que a escola e o próprio estudante estarão mais preocupados com seu engajamento no mercado de trabalho.

A preocupação desta pesquisa condiz com a fala dos professores entrevistados que afirmaram, em momentos diferentes, o abandono dos estudos após o último ano do Ensino Fundamental, afirmando também a necessidade de trabalhar tema globalização ainda nesse período:

Por enquanto, hoje, talvez ele não tenha toda essa dimensão do conceito da globalização. A base foi dada, pode começar alguns pontos. [...] A gente deu o caminho para ele, se ele quiser continuar entendendo esse caminho, lá na frente, terá o Ensino Médio. (JOÃO);
[...] globalização é um preparo para o Ensino Médio, ali a abordagem será muito maior. (MANUEL);
Muitos alunos não completam o Ensino Médio, seja por falta de desenvolver competências, habilidades ou a questão econômica. Aí lembro para eles a importância da globalização. (JANE).

O deslindar de nossas inquietações justifica e suscita uma dissertação direcionada intencionalmente para a busca não só de respostas, mas também de encaminhamentos possíveis a partir de resultados do esboço teórico em relação direta e dialética com os sujeitos da pesquisa: os alunos e os professores.

Embora o nascimento desta proposta deva-se muito às contradições e paradoxos observados no comportamento dos alunos no espaço escolar em que atuamos, seu objetivo maior sempre esteve na possibilidade de contextualizar o conteúdo globalização na perspectiva dialética.

Como dar concretude e fundamentação no contexto da aula, a elementos que se configuram no âmbito da macroeconomia e aparentemente se fragmentam na vida das pessoas? Observamos que a visibilidade e evidência da globalização em sua essência estão clarificadas exatamente no cotidiano dos sujeitos.

Conforme narramos, inquietamos-nos frente ao conteúdo da globalização e às dificuldades que esse tema gera no momento do ensino e de sua contextualização, nesse sentido, pensamos que instrumentos, estratégias pedagógicas ou encaminhamentos didáticos poderiam tornar mais significativos o tema da globalização, considerando a realidade vivida

por esses jovens e contribuir para um modo de pensar mais consciente, esclarecedor e formador do adolescente no desenvolvimento da cidadania.

Pontuschka (2001, p.112) nos convida a pensar a globalização dizendo que o ensino de Geografia tem de estar acordado à realidade do aluno, seu momento, seu tempo; “[...] perguntas antigas sobre ensino-aprendizagem da Geografia. Que conteúdos selecionar? Que métodos utilizar? Que linguagem priorizar? Como sensibilizar os alunos para a importância da Geografia para sua vida em suas múltiplas dimensões?”

Algumas perguntas referentes ao ensino são essenciais e pertinentes, pois, diante da fala do aluno que se lembrou de nossas aulas, especificamente do conteúdo relativo à globalização, conteúdo que de alguma forma teve sentido em sua vida porque conseguiu ajudar a contextualizar as experiências de ensino anteriores (e este é apenas um exemplo dentre tantos outros), destacamos a importância do tema nas aulas de Geografia, enfrentando, portanto, o desafio de investigar mais a respeito dessa temática

Consideramos como objeto central de nossa pesquisa a articulação do conteúdo da globalização, orientado para a possibilidade de contextualização e práticas que observem o cotidiano do jovem direcionando a formação cidadã do aluno.

Não tivemos intenção de avaliar a postura os saberes dos professores, visto que, dada nossa vivência, sabemos das dificuldades que o tema da globalização encerra, muito por conta da condição polissêmica do termo.

O caminho norteador da dissertação deu-se justamente em analisar o processo da globalização partindo do movimento teórico ao empírico, evidenciando-o na dinâmica de vivência do jovem, sem perder de vista o contexto, buscando possibilidades propositivas do tema nas aulas de Geografia.

Na mesma linha de raciocínio, questionamos a contextualização desse assunto no Ensino Fundamental, observando se a globalização for vista apenas no quadro da economia global e não analisada em relação às situações de vida do adolescente. Por vezes, perde-se o fundamento teórico de que a globalização acontece “no” lugar. As evidências do fato ficam claras nos poucos exemplos de vivência acima apresentados. Carlos (1996, p.15) em “O lugar no/do mundo”, afirma que:

[...] a globalização materializa-se concretamente no lugar, aqui se lê/percebe/entende o mundo moderno em suas múltiplas dimensões, numa perspectiva mais ampla, o que significa dizer que no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. O mundial que existe no local, redefine seu conteúdo, sem todavia anular-se as particularidades.

Como a autora, pensamos que o lugar onde se realiza o cotidiano do aluno também é o lugar manifesto da globalização, que deve ser considerado no ensino de Geografia para a formação do aluno como cidadão, já inserido no processo da globalização, seja de forma consciente ou não.

A partir do exposto a pesquisa projetou-se a fim de clarificar a globalização, como conteúdo e para além de um conteúdo.

O objetivo segue nos caminhos do tema e em que medida esse conteúdo pode tornar-se mais um elemento que colabore na formação do aluno, para que este se perceba no processo da globalização materializada no lugar, principalmente, em sua relação com o consumo e com o uso de aparelhos tecnológicos⁵ de última geração.

Para aprofundar a questão é imperativa a abordagem teórica, entendendo a globalização no e a partir do lugar geográfico, nas diferenças e desigualdades manifestas e reflexas no cotidiano do adolescente. O contexto da globalização, sua geografização é uma das variantes no ensino da Geografia e, em nossa perspectiva de análise, objetivada na relação contextualizada no processo formativo do aluno. A partir das indagações expostas, apresentamos os objetivos específicos de nossa pesquisa.

- Reconhecer o aluno como o jovem da e na globalização, compreendendo-o no processo da globalização.
- Relacionar a abordagem teórica da globalização, sobretudo às relações estabelecidas com o lugar geográfico e ao cotidiano.
- Compreender de que modo os professores de Geografia articulam o conteúdo da globalização no último ano do Ensino Fundamental.
- Propor sugestões aos professores na metodologia do ensino da globalização para que o aluno se sinta inserido no processo da globalização.

⁵ Não temos intenção de criticar o uso ou a posse desses instrumentos pelas pessoas em geral, inclusive pelo jovem de que estamos tratando. Pensamos que esse aparato tecnológico e seu consumo são formas que dão visibilidade à globalização, logo também tomam nova conotação no ensino. Mas também não é possível apartar esses elementos da realidade cotidiana, produtos e produtores da globalização que refletem um momento histórico fundamental.

A estrutura da dissertação tem a seguinte sequência: organiza-se em quatro seções, que se seguem:

Na primeira, apresentamos o jovem ou a juventude como condição, equacionada nos moldes da racionalidade econômica e disponibilizada à globalização através dos sentidos orientados para o mercado de consumo neste momento social histórico e cultural, nos quais os signos, produtos e a cultura, tomam a forma de mercadoria e delineiam comportamentos que sugerem o imediatismo e a efemeridade. Demonstramos as relações no contexto teórico através das respostas obtidas seja no questionário de questões fechadas ou de perguntas com respostas abertas.

Na segunda seção, delineamos enfoques teóricos da globalização nas interfaces econômica e social, destacando o processo no lugar geográfico, lugar do cidadão. Ressaltamos alguns itens constitutivos do teor do assunto, como a tecnologia as redes e o consumo, subsídios que compõem o embasamento teórico para a contextualização temática.

Na terceira seção, colocamos em evidência as entrevistas com os professores, a fim de apurar como é articulado o conteúdo da globalização, no último ano do Ensino Fundamental. Tivemos apenas a intenção de objetivar as dificuldades na ação desses profissionais no que diz respeito ao tema para nos posicionar diante de questões relevantes e propor encaminhamentos.

A quarta seção se constitui do encaminhamento como eixo de sugestões possíveis para compor o ensino do conteúdo da globalização no movimento dialético das dimensões que lhe perfazem, a fim de favorecer o ensino e aprendizagem desse tema tão complexo.

1.1 DINÂMICA DA PESQUISA

Nosso objeto de pesquisa é a articulação, na escola, do conteúdo globalização no e a partir do cotidiano, sendo seus sujeitos os professores entrevistados e os alunos aos quais foram apresentados questionários. Nos caminhos da investigação, optamos por apresentar o método dialético como linha condutora do pensamento e da articulação entre o teórico e o empírico. Como técnica metodológica, apoiamo-nos em entrevistas com os professores e na

aplicação de questionários aos alunos do último ano do Ensino Fundamental. Severino (2007, p. 100) ajuda-nos nessa reflexão:

[...] não basta seguir um método e aplicar técnicas para se completar o entendimento do procedimento geral da ciência. Esse procedimento precisa ainda referir-se a um fundamento epistemológico que sustenta e justifica a própria metodologia praticada. É que a ciência é sempre o enlace de uma malha teórica com dados empíricos, é sempre uma articulação do lógico com o real, do teórico com o empírico, do ideal com o real. (SEVERINO, 2007, p.100)

Uma vez orientada a parte teórica, buscamos elementos para obter respostas aos nossos questionamentos, evitando o parcelamento ou a classificação deste ou daquele fenômeno, já que estamos tratando de um processo social, vivido em diferentes dimensões, que resulta em consequências concretas nas atividades individuais. A apreensão da realidade pela entrevista e pelos questionários deram-nos condições de analisar o objeto de pesquisa e testar os objetivos propostos.

1.2 MÉTODO: MOVIMENTO DO PENSAMENTO

A proposta teórica deste trabalho tem o método dialético como condutor da pesquisa, sendo que ele favorece a reflexão e a visualização do movimento da globalização como processo do capitalismo, visualizado e vivenciado no cotidiano do ser humano.

Visto que a análise proposta permeia o global, não o global como localização, mas como processo e categoria decorrente da expansão do capitalismo, procuramos ver esse movimento nos lugares, perceber os efeitos da globalização na vida dos alunos. O método dialético contribui para a pesquisa, pois nos sentimos frente a uma nova prática, a variáveis e paradoxos que demarcam a realidade local.

Para debatermos esse tema e visualizá-lo no cotidiano, é preciso procurar na realidade, relacionar o absoluto ao relativo, a forma ao conteúdo, o todo e as partes; temos de perceber-nos nas contradições do processo da globalização e perceber o modo como ela se apresenta em nossas vivências. E tais contradições têm de ser percebidas não na condição de oposição, mas como formas latentes de uma situação tão complexa e real.

No encaminhamento do método, é necessário entender a totalidade não como acúmulo de partes, mas como as incongruências que se manifestam, imbricam-se na realidade, possibilitando a busca do conhecimento concreto. Conforme Konder (2006, p. 54):

[...] não podemos ter uma visão correta de nenhum aspecto estável da realidade humana se não soubermos situá-lo dentro do processo geral de transformação a que ele pertence (dentro da totalidade dinâmica de que ele faz parte), também não podemos avaliar nenhuma mudança concreta se não a reconhecermos como mudança de um *ser* (quer dizer, de uma realidade articulada e provida de certa capacidade de durar).

Esta pesquisa busca o desvendamento da realidade social a partir de um sistema de produção capitalista mundial, observar a totalidade no lugar, as singularidades, dar concretude ao que se expõe como abstrato na cotidianidade, compreender globalmente o lugar de forma imbricada, e decifrar aí os códigos socioespaciais, as relações do ser geográfico estabelecidas através dos signos e significados; destacar as diferenças para assim, fugir da homogeneização e da linearidade.

Pensar a globalização como um processo e constituir elementos que a expliquem no lugar, em diferentes dimensões leva-nos a refletir sobre a questão do todo e das partes. Considerando o mundo e os lugares, Santos (2005, p. 158) traz uma reflexão sobre esse movimento afirmando que, os lugares são suportes das relações globais: “Muda o mundo e, ao mesmo tempo mudam os lugares [...]. O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente”.

Em nossa perspectiva, o local está relacionado à localização e o lugar à dinâmica, ao movimento, enfim a uma categoria de análise do espaço geográfico em si, corroboramos com Carlos (1996) “a realidade do mundo moderno reproduz-se em diferentes níveis, no lugar encontramos as mesmas determinações da totalidade sem com isso eliminar-se as particularidades [...]” (p.17). E, a reflexão do cotidiano na pesquisa diz respeito à mediação de relações sociais no lugar geográfico. Segundo Damiani (2001, p.168):

[...] a vida cotidiana como mediação necessária ao conhecimento da relação dialética entre o lugar e o mundo. No lugar, a vida cotidiana pesa com todo seu peso. [...] Apesar das diferenças, o cotidiano se repete em mais de um lugar. Ele é a ordem do mundo, do Estado no lugar, atingindo a base desse lugar. O cotidiano, como conjunto de atividades e relações, efetua-se num espaço e num tempo sociais: o lugar e suas temporalidades. (DAMIANI, 2001, p.168)

Dada a complexidade do assunto e sua contextualização no cotidiano, também não se pode perder de vista a escala como elemento essencial na análise da extensão das relações socioespaciais. Smith (2002, p. 142) apresenta-nos a escala para além da forma sistematizada a qual a Geografia faz uso, dizendo que deve haver uma interconexão entre as escalas geográficas, desde “las escalas del capital” e considerar “también es la escala de resolución o abstracción que nosotros empleamos para entender las relaciones sociales, cualquiera que sea

su impresión geográfica.” De forma geral a escala constitui-se da atividade social, ela se estabelece pelas diferenças, considerando os modos de produção e reprodução social:

Las diferentes sociedades no sólo producen el espacio, como Lefebvre nos ha enseñado, ellas también producen la escala. La producción de la escala puede ser la diferenciación más elemental del espacio geográfico y es en toda su extensión un proceso social. No hay nada ontológicamente dado sobre la división tradicional entre hogar y localidad, escala urbana y regional, nacional y global. La diferenciación de las escalas geográficas establece y se establece a través de la estructura geográfica de interacciones sociales. (SMITH, 2002, p.141)

Assim, o autor conduz-nos a expressar a escala em suas dimensões sociais, nas configurações estabelecidas pelas relações, sem quantificá-las, mas sim qualificá-las mediante os movimentos observados.

Nas contradições emanadas no processo de globalização, considerando a escala social de análise, tencionamos refletir sobre as dinâmicas socioespaciais, a fim de dar visibilidade ao lugar, espaço de vivência e do cotidiano.

Para o encaminhamento dialético da articulação do pensamento teórico ao empírico, apropriamo-nos da base teórica de Lefebvre (1995, p. 238-240, grifos do autor) para a orientação do desenvolvimento da pesquisa:

Lei de interação universal: [...] considera cada fenômeno no *conjunto* de suas relações com os demais fenômenos e, por conseguinte, também no conjunto dos aspectos e manifestações daquela realidade de que ele é ‘fenômeno’ [...]

Lei do movimento universal: [...] *movimento profundo* (essencial) que se oculta sob o movimento superficial.

Lei da unidade dos contraditórios: *O método dialético busca captar a ligação, a unidade, o movimento, que engendra os contraditórios, que os opõe, que faz com que se choquem, que os quebra ou os supera.*

Transformação da quantidade em qualidade (lei dos saltos): A Ação e o conhecimento não podem criar nada já pronto e acabado.

Lei do desenvolvimento espiral (da superação): A contradição dialética é já ‘negação’ e ‘negação da negação’, visto que as contradições estão em luta efetiva. Desse choque [...] surge uma promoção mais elevada do conteúdo positivo que se revela e se libera no e pelo conflito.

O grande desafio, na dialética, é buscar nos saltos a superação de definições preconcebidas do processo da globalização, e edificar uma ação conscientizadora que nos leve à crítica, não apenas frente a nosso objeto de pesquisa (o ensino da globalização no processo formador do aluno por meio da Geografia), mas para além de nossa postura no meio em que estamos inseridos: “O conhecimento humano em seu conjunto integra-se na dupla e infinita tarefa do homem de transformar a natureza exterior, e sua própria natureza.” (VÁZQUES, 2007, p. 224).

1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em busca de respostas para nossos questionamentos, consideramos que a melhor orientação metodológica para o desenvolvimento de nosso trabalho é a pesquisa qualitativa, visto que nossa investigação ocorre no processo do fenômeno, na análise dos fatos em andamento (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Destacamos os dados da realidade, distinguimos os significados dos conceitos pesquisados junto aos entrevistados para, assim, articulá-los ao corpo teórico pesquisado, seguindo o mesmo procedimento no que diz respeito às respostas dos alunos aos quais foram submetidos questionários.

Levando em conta a globalização como um processo e averiguando a aplicabilidade do tema como conteúdo, estamos em um movimento dialético, pois a globalização realiza-se e manifesta-se nos lugares, sendo também materializada pelos sujeitos nesses lugares – e nós, professores, estamos inseridos nesse contexto. Lembramos Pádua (1997, p. 30):

[...] toda pesquisa tem uma intencionalidade, que é elaborar conhecimentos que possibilitem compreender e transformar a realidade; como atividade, está inserida em determinado contexto histórico-sociológico, estando, portanto, ligada a todo um conjunto de valores, ideologia, concepções de homem e de mundo que constituem este contexto e que fazem parte também daquele que exerce esta atividade, ou seja, o pesquisador. (PÁDUA, 1997, p.30)

Refletindo a partir dos termos acima – construir conhecimentos para compreender e transformar a realidade –, colocamo-nos frente ao encaminhamento deste trabalho, que é objetivar um saber válido, crítico e útil ao grupo social ao qual é dirigido.

No que se refere à escolha de focar o último ano do Ensino Fundamental, é importante enfatizar que isso se deu em função das respostas obtidas dos professores, os quais afirmaram ser nessa série que desenvolvem o conteúdo da globalização, como podemos observar em seus depoimentos: segundo João, “[...] porque eles [alunos] dão mais retorno na oitava série.”; Manuel indica sua preferência em trabalhar e abordar a globalização para “Oitavas séries. Porque [os alunos] são mais maduros e dá para discutir.”; e Jane foi enfática em preferir atuar na “oitava série, e começo com esse tema”.⁶

Trabalhamos também com elementos quantitativos, a fim de perceber certo padrão de comportamento dos alunos em relação ao uso e posse de aparelhos portáteis de áudio e vídeo, assim como de telefones celulares, computadores e internet.

⁶ Oitava Série ainda corresponde ao último ano do Ensino Fundamental nas escolas públicas do Município de São Paulo, onde desenvolvemos nossa pesquisa.

O procedimento quantitativo por ser um instrumento que busca uma identificação de padrão de comportamento através da coleta de informações, permite uma correlação entre os dados e os relatos apurados. Para tal procedimento, foram aplicados questionários com questões fechadas com alternativas para os alunos dos professores, sujeitos das entrevistas. Desses questionários, selecionamos as variáveis mais adequadas a fim de objetivar a pesquisa e facilitar as interações necessárias na busca de respostas aos questionamentos.

O critério dos questionamentos, tanto para os jovens como para os professores, se deu em função dos objetivos da pesquisa, visto que não poderíamos conduzi-la a partir de conceitos gerais, tivemos que nos dispor e determinar um enfoque bem diretivo, pois o título da globalização pressupõe diversas óticas de análise. Lembramos Lüdke e André (1986, p.49):

A categorização, por si mesma, não esgota a análise. É preciso que o pesquisador vá além, ultrapasse a mera descrição, buscando realmente acrescentar algo à discussão já existente sobre o assunto focalizado. Para isso ele terá que fazer um esforço de abstração, ultrapassando os dados, tentando estabelecer conexões e relações que possibilitem a proposição de novas explicações e interpretações.

A pesquisa seguiu essa linha de raciocínio, no esforço da abstração e da busca de interconexões, embasada no fundamento teórico desenvolvido com vistas a pensar o conteúdo globalização e compreender como ele é exposto aos alunos, apresentando, a partir daí, sugestões de articulação de novas propostas para a ação em sala de aula.

1.4. QUESTIONÁRIOS: O PENSAMENTO DOS ALUNOS.

A aplicação de questionário permite recolher uma amostra dos conhecimentos, atitudes, valores e comportamentos, trata-se de questões articuladas que objetivam obter informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, a respeito do tema da pesquisa.

Para sugerirmos encaminhamentos de atividades sobre o conteúdo da globalização nas aulas de Geografia, foi essencial apreendermos a condição do adolescente e sua relação com alguns elementos que materializam o processo.

Nesse sentido, foi realizado dois blocos de questões em momentos diferentes: um conjunto de questões de alternativas com a representatividade de três escolas e outro de perguntas com respostas abertas. Em relação ao primeiro bloco de questões, as respostas deram-nos indicativos significantes para correlacionar o poder aquisitivo do jovem com a posse e uso de aparelhos portáteis de áudio e vídeo, telefones celulares, computadores e

internet. O segundo questionário de perguntas abertas, eu apliquei para um grupo menor de alunos, a fim de compilar informações de cunho pessoal referente ao consumo e importância da tecnologia da informação e comunicação na vida dos alunos. Não alteramos ou corrigimos as respostas, pois elas também ajudam a interpretar o adolescente. Esses relatos foram de suma importância nas reflexões, pois possibilitaram o traçado de um perfil, mesmo que acanhado, dos jovens que motivaram nossas interrogações e se pronunciaram no contexto da globalização.

Os dados mais relevantes e a transcrição das respostas permitiram interpretar a situação real e possibilitar sua articulação com a pesquisa teórica. A intenção é que o pensamento dialético garanta a emergência da essência desse conhecimento para sobrepor a aparência.

O questionário de múltipla escolha foi aplicado nas seguintes escolas: Escola Municipal do Ensino Fundamental (EMEF) Engenheiro José Amadei, no final do mês de outubro de 2009, sendo respondido por 93 alunos; EMEF Frei Damião, na mesma época, sendo respondido por 76 alunos; e EMEF Conde Pereira Carneiro, na primeira semana de novembro de 2009, sendo respondido por 90 alunos. A aplicação dos questionários foi realizada pelos professores de Geografia, também sujeitos de nossa pesquisa, em horário normal de aula.

Quanto ao questionário de perguntas abertas, apliquei para 47 alunos de quatro salas diferentes, na escola EMEF Engenheiro José Amadei em horário de aula normal na primeira semana de dezembro de 2009. Preferimos fazer pessoalmente a aplicação deste questionário, pois tínhamos o propósito de observar e inferir novos questionamentos, caso eu percebesse a inibição ou entendimento equivocado das perguntas por parte dos alunos. Esse momento inquiridor era necessário para analisar a reação dos alunos e verificar a possibilidade de fazer uso das perguntas encaminhamento para o ensino do conteúdo da globalização.

É relevante destacar a observação de Thiollent (1982, p. 33): “O questionário é aplicado a um conjunto de pessoas escolhidas por diversos procedimentos em função de representatividade da população global, objeto de investigação”. Não houve necessidade de intervir no momento da aplicação, observei a postura séria na busca de respostas autênticas. Em uma análise geral, muitas respostas repetem-se e dão indicativos acordantes à pesquisa teórica.

1.5. ENTREVISTA: UM CAMINHO ARTICULADOR

A entrevista, como técnica, remete-nos à compreensão da realidade, e obtivemos através dela meios de analisar nosso objeto de pesquisa. Ela possibilita interatuar no contexto do processo em foco. A técnica de coleta de dados é um procedimento mediador que conduz à uma interação entre o pesquisador e o sujeito, para melhor compreensão da realidade.

A versatilidade nesse tipo de diálogo e o encadeamento de perguntas e respostas promove uma sondagem esclarecedora nos propósitos da investigação. Foi interessante interagir com professores atuantes no nível de ensino que focalizamos, reconhecendo neles as ações relacionadas aos nossos questionamentos.

Optamos pela entrevista semiestruturada, para termos a liberdade de intervir com novos questionamentos. Insistimos em considerar a globalização como um processo, e em que todos nós, assim como os sujeitos da pesquisa, estamos nesse movimento.

A escolha dos professores baseou-se nos critérios de sua atuação em escola pública, no Ensino Fundamental, e na disponibilidade de compartilhar conosco a forma como desenvolvem o conteúdo da globalização. Usamos nesta dissertação nomes fictícios para identificar os docentes entrevistados, a fim de resguardar sua identidade.

Nas entrevistas, procuramos obter dos professores o depoimento sobre como desenvolvem pedagogicamente o tema da globalização; que representatividade tem esse assunto em seu planejamento, em suas aulas; o que eles pensam a respeito da importância desse conteúdo para a formação cidadã dos alunos; de que modo contextualizam o tema; e qual sua postura perante o livro didático utilizado.

O roteiro de perguntas visava a fomentar respostas para subsidiar os posteriores encaminhamentos, além de articular o enfoque de alguns teóricos que debateram ou debatem a globalização, em diferentes vertentes, ao ensino de Geografia e a sua contribuição no desenvolvimento da cidadania.

As perguntas estruturaram-se em um esquema básico, de forma a captar informação “opinativa e atitudinal” (THIOLLENT, 1982), em que os sujeitos indicam escolhas e preferências. A relação entre pesquisador e entrevistados não é a mesma em todos os momentos, e é nas variáveis que pautamos uma análise mais substancial de nossas buscas. É nesse contexto que reconhecemos os diferentes enfoques dados ao conteúdo pelos professores com quem conversamos.

A primeira entrevista, com duração de uma hora a quatro minutos, foi com o professor João, no dia 24 de abril de 2009, na Sala dos Professores da escola em que ele trabalha.

À medida que realizamos os questionamentos, percebemos o quanto foi fundamental que nossas pesquisas teóricas já tivessem sido direcionadas, pois a entrevista semiestruturada requer pressupostos orientadores do objeto de pesquisa, dando-nos mobilidade para conduzir o assunto para as perspectivas que desejamos conhecer. Mesmo orientando a entrevista, observamos que muito do que nos é dito trata-se do modo de vida daquele sujeito, e destacamos a dialeticidade dessa situação. É nítida, na fala do professor João, a postura e a opinião pessoal quanto à temática em destaque. Ele coloca, inclusive, muitos exemplos de sua vida nas aulas que desenvolve, ou seja, coloca-se nesse movimento dialético. Lüdke e André (1986, p.12) observam que: “O ‘significado’ que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.”

Ao transcrever a primeira entrevista, percebemos a necessidade de aprofundar algumas questões – valendo-nos da flexibilidade do encaminhamento metodológico da entrevista semiestruturada, conforme Lüdke e André (1986, p.34): “a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção de informações desejadas.” Voltamos, eu e o professor João, a nos reunir, momento em que ele discorreu com mais detalhes a respeito de suas ideias. Esse novo momento durou uma hora, também na Sala dos Professores da escola. Houve reincidência de algumas posturas pessoais e principalmente sua postura, na condição de professor, do processo da globalização.

A segunda entrevista, com o professor Manuel, ocorreu no dia 6 de maio de 2009, com duração de uma hora, mais uma vez na Sala dos Professores da escola em que atua o professor entrevistado.

A terceira entrevista, com a Professora Jane, foi realizada no dia 17 de setembro de 2009, com duração de 55 minutos, também na Sala dos Professores da escola em que atuava a professora.

As três entrevistas subsidiaram-nos para os propósitos de analisar a articulação do conteúdo da globalização nas aulas, visto que na última interlocução houve a reincidência dos relatos. Mesmo porque, como professora atuante nesses anos, sabemos das dificuldades emergentes para o desenvolvimento do conteúdo da globalização nas aulas. Daí compreendermos as falas dos professores e nos sentirmos preocupados na busca de encaminhamentos possíveis.

1.6 OS LOCAIS DA PESQUISA

Abaixo, apresentamos o mapa do município São Paulo, seus distritos e subprefeituras, destacando as escolas às quais se vinculam os sujeitos – alunos e professores – desta pesquisa. Duas delas localizam-se nos distritos de Cidade Dutra e Grajaú, da Subprefeitura da Capela do Socorro; a outra, no Distrito de Campo Grande, na Subprefeitura de Santo Amaro, bairros da Zona Sul de São Paulo. Na sequência expomos a imagem de satélite do município, com as escolas sinalizadas, dando uma ideia geral de sua localização na cidade.

Mapa 1 - Localização das escolas em que foi realizada a pesquisa, no município de São Paulo
Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento do Município de São Paulo (Sempla), Departamento de Estatística e Produção de Informação (Dipro) (jun. 2009)

Imagem de satélite 1 - Localização das escolas em que foi realizada a pesquisa, no município de São Paulo
 Fonte: Google Earth (2010) ⁷

⁷Pesquisado no site: www.geografia.fflch.usp.br - Localização, cartas e mapas – limite_municipio_2[1].zip-WinRAR.

Fonte: Google Earth– Data SIO, NOAA, U.S. Navy, NGA, GBECO; Image 2010 Geo Eye: Map Link/ Tele Atlas.

Imagem de satélite 2 - Localização das escolas em que foi realizada a pesquisa, em relação às represas Guarapiranga e Billings
Fonte: Google Earth (2010) ⁸

⁸ Todas as imagens de satélite correspondem à mesma fonte: Google Earth - Data SIO, NOAA, U.S. Navy, NGA, GBECO; Image 2010 Geo Eye: Map Link/ Tele Atlas.

A EMEF Frei Damião, escola situada no Distrito de Grajaú, vinculada à Diretoria Regional de Educação da Capela do Socorro, às margens da represa Billings, atende 2.200 crianças, em seus quatro turnos de aula. A maioria delas, segundo o professor Manuel, em condições de baixo poder aquisitivo. É importante mencionar as palavras desse professor, que caracteriza a escola como de “periferia”

[...] considerando a escola em que trabalho, que é de periferia [...]. E, na periferia, falamos muito com os alunos que eles são atores nesse mundo global [...]; [...] o livro não trata da realidade do aluno de periferia, por isso eu busco mais da minha vivência e postura pessoal nesse assunto em particular. Aqui na periferia onde eu trabalho, há uma influência muito grande da cultura nordestina, por causa de muitos migrantes, e eu busco essa valorização.

A periferia, da forma como foi colocada pelo professor Manuel tem uma conotação que está de acordo com a caracterização dada por José de Souza Martins (2001, p. 78 e 83):

A periferia já é o produto da especulação imobiliária, ruas estreitas, calçadas estreitas, falta de praças, terrenos minúsculos, casas ocupando na precariedade de seus cômodos todo o reduzido espaço disponível para a construção, falta de plantas, muita sujeira e fedor (p.78). Hoje periferia é sinônimo de degradação, exclusão, pobreza, problemas. Indica o detestável e o indesejável.

Martins (2001) concebe periferia a partir de um processo histórico, e também a coloca na relação com as políticas e políticos que se beneficiam desse lugar, como palco de promessas eleitoreiras. Destaca a ruptura entre subúrbio e periferia, levando em conta o perfil da cidade de São Paulo – e para o subúrbio resta a história social do operário.

Esse tema suscita extenso debate, mas não é nosso objetivo aqui ampliar a discussão a esse respeito; todavia é mister clarificar os termos usados, a fim de não descontextualizarmos nossos propósitos. Mesmo porque concordamos com a abordagem de Martins (2001, p. 78), reconhecendo que “A periferia é a vitória da renda da terra sobre a cidade e a urbanização [...] é a designação dos espaços caracterizados pela urbanização patológica, pela negação do propriamente urbano e de um modo de habitar e viver urbanos.” O pequeno recorte (imagem de satélite) da paisagem do local onde está situada a escola em questão dá mostras da densidade habitacional, do aglomerado de residências, mas nem por isso podemos dar por concluída a caracterização do lugar, porque temos de nos voltar para o lugar com uma perspectiva de análise ampliada e fazer interagirem a história, as formas de ocupação, as relações com o poder público e privado – enfim, compor o lugar no processo urbano.

Sendo assim, manteremos a fala dos professores com esse cunho conceitual, a fim de visualizar os ambientes de trabalho e vivência desses profissionais e dos alunos, ambos

sujeitos de nossa pesquisa, visto que são eles que integralizam o processo ensino-aprendizagem do conteúdo da e na globalização.

Imagem de satélite 4 - Localização da EMEF Frei Damião, no bairro Parque Residencial Cocaia
Fonte: Google Earth (2010)

2. O JOVEM DA/NA GLOBALIZAÇÃO, CONDIÇÃO DA JUVENTUDE, NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

Os termos “jovens” ou “adolescentes”⁹ tomam conceituações diferenciadas segundo a perspectiva de estudo ou o enfoque a partir do qual se observam esses sujeitos. Para nós, eles assumem um papel social, articulador e manifesto dentro do processo da globalização.

É relevante salientar que a bibliografia que referencia o adolescente ou jovem na faixa etária que enfocamos é pouco representativa, assim como as abordagens em uma condição normal de juventude, ou seja, a maioria das obras consubstancia-se nas questões relativas ao desenvolvimento psicológico ou às transgressões sociais. Abramo (1997), ao discorrer sobre a abordagem do tema juventude, levanta os aspectos mais apresentados, que são os de categoria geracional e os de ordem de “problema social” (que inclusive é histórico). A juventude é pensada:

como um processo de desenvolvimento social e pessoal de capacidades e ajuste aos papéis adultos, são as falhas nesse desenvolvimento e ajuste que se constituem em temas de preocupação social. É nesse sentido que a juventude só está presente para o pensamento e para a ação social como ‘problema’: como objeto de falha, disfunção ou anomia no processo de integração social; e, numa perspectiva mais abrangente, como tema de risco para a própria continuidade social. Não é por acaso que a problematização é quase sempre então uma problematização moral: o foco real de preocupação é com a coesão moral da sociedade e com a integridade moral do indivíduo — do jovem como futuro membro da sociedade, integrado e funcional a ela. (ABRAMO, 1997, p.29)

Nesse sentido, justifica-se a quase ausência de uma bibliografia que dê vistas aos jovens em condições de normalidade. Dayrell (2003, p.40) também apresenta que as contribuições teóricas relativas ao jovem têm “lacunas”, tornando-se difícil sua compreensão “como sujeitos na sua totalidade”. O autor ainda admite que o jovem seja parte de um cotidiano que suscita à juventude uma série de imagens, como a da “transitoriedade [...] onde o jovem é um ‘vir a ser’, tendo, no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido de suas ações no presente.” (DAYRELL, 2003, p. 40) Outra tendência, ainda segundo o mesmo autor, é ver o jovem “reduzido ao campo da cultura” (DAYRELL, 2003, p. 41), envolvido em

⁹ Usaremos os termos como sinônimos, conforme o dicionário Houaiss (2004): “**Adolescência**: período de vida entre a infância e a idade adulta. **Adolescente**: pessoa que está na adolescência.” (p. 16); “**Juventude**: período de vida do ser humano entre a infância e o desenvolvimento pleno do seu organismo. Conjunto de pessoas jovens” (p. 440); “**Jovem**: que(m) está na juventude, período de vida entre a infância e a idade adulta; adolescente.” (p. 437).

atividades culturais, ou em relações de crise. Há também a visão romântica, que surge com a “indústria cultural e de um mercado de consumo dirigido aos jovens.” (DAYRELL, 2003, p. 41). Esta última referência de juventude é destacada pelo hedonismo, e os estudos também são direcionados para o quadro das negatividades. Logo é fundamental ter clara a perspectiva dos diferentes caminhos da pesquisa relacionada ao jovem, como o autor afirma:

Torna-se necessário colocar em questão estas imagens, pois, quando arraigados nesses ‘modelos’ socialmente construídos, corremos o risco de analisar os jovens de forma negativa, enfatizando as características que lhes faltariam para corresponder a um determinado modelo de ‘ser jovem’. Dessa forma não conseguimos apreender os modos pelos quais os jovens reais, principalmente se forem das camadas populares, constroem a sua experiência como tais. (DAYRELL, 2003, p.41)

Assim sendo, pensamos o jovem no início dessa fase juvenil, interpretando a vida nas condições de dependência financeira (socialmente e legalmente postulado), devido a sua pouca idade – em geral 14, 15 anos (situação de normalidade serial escolar) –, como o aluno do último ano do Ensino Fundamental, que em nossa pesquisa é expresso por:

- 12 alunos com 13 anos de idade;
- 143 alunos com 14 anos de idade;
- 73 alunos com 15 anos de idade;
- 31 alunos com 16 ou mais anos de idade.

Vislumbramos no adolescente um elemento codificador no capitalismo, a partir do consumo de aparatos tecnológicos de ponta, integrado ao mundo informacional, independente de sua condição e poder aquisitivo. Esse viés, independente, é assumido justamente no intuito de termos a liberdade de vislumbrar essa geração presente como foco de interesses da racionalidade econômica, que nela vê um mercado fértil e extremamente lucrativo.

Há em geral definições para o jovem na Psicologia, Sociologia e Educação. Temos claro que os conceitos foram se definindo ao longo do processo histórico e de acordo com a sociedade em que foram atribuídos.

Em nossa sociedade, a adolescência, na perspectiva da Psicologia, é marcada por uma série de fatores, sendo os mais destacados a mudança do corpo concomitante ao desencadeamento de alterações comportamentais que se evidenciam no meio social. Na Sociologia, a juventude é tratada como uma fase de transição entre a infância e a o momento adulto e, a ela são dadas características que vislumbram esse sujeito dotado de perspectivas futuras e adequações ao mundo adulto.

Nós, professores de Geografia, importamos da Psicologia e da Sociologia o jovem na condição de aluno, sujeito aprendiz de conteúdos elaborados para atender ao desenvolvimento íntegro e integral desse ser como um cidadão consciente e crítico. Em tese, esse é o objetivo maior do ensino, seja qual for a disciplina. Nesse sentido, lembramos Sacristan (2002, p. 9), que nos remete a pensar a educação com um caráter utópico: “A utopia continua dando sentido à vida e à educação, e a partir dela dotamos de sentido e avaliamos o mundo que nos rodeia.” O autor reflete a condição teleológica do ensino, porque é necessária a projeção de novas propostas, considerando a realidade existente, sua história e a orientação para o futuro, mas sem perder de vista a dialeticidade que garante a crítica, como podemos ver em suas próprias palavras:

Hoje não podemos ver na utopia uma visão apriorística de uma realidade totalmente configurada a partir de um modelo definitivo, mas sim a pulsão criticamente sustentada que ilumina os passos que damos em cada momento e em cada circunstância. O que se acrescenta ao dado como novo no curso do progresso é a realidade que se cria em um processo dialético de resultados não-prefixados entre o que era aquela e o que podia ser em um dado momento. (SACRISTAN, 2002, p.11)

O ensino pressupõe a projeção de objetivos em um futuro que não é fechado ou determinado: as mudanças durante o desenvolvimento fazem-se necessárias. E é importante sempre considerar, entre outros fatores, os sujeitos que aprendem, sua realidade, sua vivência, que é dotada de dinâmicas as mais diversas.

Para nos referirmos ao jovem, buscamos apoio em noções norteadoras do que é a juventude. A obra **Retratos da juventude brasileira**, de Abramo (2005, p. 40-41), expõe análises de uma pesquisa nacional que caracteriza o jovem como sendo uma condição juvenil, visto que esta é uma etapa do ciclo de vida, uma transição:

entre a infância, o tempo da primeira fase de desenvolvimento corporal (físico, emocional, intelectual) e da primeira socialização, de quase total dependência e necessidade de proteção, para a idade adulta, em tese a do ápice do desenvolvimento e de plena cidadania, que diz respeito, principalmente, a se tornar capaz de exercer as dimensões de produção (sustentar a si próprio e a outros), reprodução (gerar e cuidar dos filhos) e participação (nas decisões, deveres e direitos que regulam a sociedade).

Outro aspecto a se considerar é que o conceito de juventude é socialmente variável, estando sujeito ao tempo e às condições sociais, ou seja, ao “modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo de vida [...]” (ABRAMO, 2005, p. 43). É necessário observar as dimensões históricas, políticas e socioeconômicas no contexto em que ocorre a análise desse grupo classificado como juventude, a partir das representações

socialmente estabelecidas e propositadas no enfoque a ser abordado. (ABRAMO, 1997,2005; DAYRELL, 2003; PERALVA, 1997).

Abramo (2005) alerta ainda para o fato de se reconhecer a juventude como uma “condição válida” que tem sentido para todos os grupos sociais, não obstante ser necessário considerar situações e significações diferentes para os “setores populares” e as desigualdades sociais, dentro desse grupo social, os jovens.

Bourdieu (2003), em “A ‘juventude’ é apenas uma palavra”, ao ser interrogado sobre como a Sociologia aborda o problema dos jovens, diz que antes de tudo as divisões entre as idades são arbitrárias, apontando que a fronteira entre juventude e velhice é um objeto de disputas em sociedade. Logo é necessário diferenciar a idade biológica daquela que seria chamada de idade social, e as relações entre elas são muito complexas. Assim, afirma o autor:

que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável: e que o facto de se falar dos jovens como uma unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e de se referir esses interesses a uma idade definida biologicamente, constitui já uma evidente manipulação. (BOURDIEU, 2003, p. 153)

O autor critica o fato de se conceber a juventude como uma única unidade social, dizendo existir pelo menos duas juventudes: uma burguesa e outra das classes populares. Ou seja, para além do aspecto biológico, a juventude e seus atributos seriam uma categoria socialmente construída e dependente da condição de classe social.

No entanto, pensamos como Abramo (2005, p. 44), que não nega Bourdieu (2003), mas alerta para o fato de que as condições hoje suscitam uma questão: “Agora a pergunta é menos sobre a possibilidade e impossibilidade de viver a juventude, e mais sobre os diferentes modos como tal condição é ou pode ser vivida.” A discussão a respeito de desigualdades, diferenças, injustiças é objeto de uma nova perspectiva nas pesquisas, assim como deve-se levar em conta a manifestação dos jovens que se fazem pronunciadas nos dias de hoje. Portanto é necessário “falar de *juventudes* no plural, e não de *juventude*, no singular, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam essa condição.” (ABRAMO, 2005, p. 43-44, grifo da autora).

A juventude, como condição, contempla nosso enfoque, pois a globalização, como processo da expansão do capitalismo, tem nos jovens fontes férteis de expansão e concreção do sistema, principalmente em sua relação com o consumo.

Não temos a intenção de aprofundar as discussões conceituais relativas à modernidade e à pós-modernidade¹⁰, mas dado o contexto atual e considerando a historicidade no processo da globalização, faz-se necessário e interessante destacar alguns teóricos que, ao debater a globalização, o fazem no âmbito da pós-modernidade. De nossa parte cabe destacar, principalmente, as relações que se dialetizam nos modos de produção, e considerar o consumo como categoria do sistema capitalista, atrelado ao modo de vida e à significação que ele toma na vida do jovem.

David Harvey¹¹ (2009) aborda temas como cultura, arte, arquitetura, urbanismo, cinema, tempo e espaço, buscando uma reflexão acerca da pós-modernidade e seus reflexos na sociedade contemporânea. Ressalta, no contexto da compressão tempo-espaço, a construção de novos sistemas de signos e imagens a partir das novas tecnologias, da questão do consumo, da moda e da manipulação de opinião e gosto. O autor concorda com Jameson (1985) e Baudrillard (2007) que a imagem é uma mercadoria, e destaca que, sendo assim, ela deve ser analisada no bojo do capitalismo atual:

A aquisição de uma imagem (por meio da compra de um sistema de signos como roupas de griffe e o carro da moda) se torna elemento singularmente importante na auto-representação nos mercados de trabalho e, por extensão, passa a ser parte integrante da busca de identidade individual, auto-realização e significados de vida. (HARVEY, 2009, p. 260)

O capital é a categoria mais analisada para entender o pós-modernidade, pois se trata de um processo de reprodução da vida social por meio da produção de mercadorias e em nosso entender a globalização se imbrica nesse processo.

Podemos pensar o jovem na condição de vida da sociedade pós-moderna segundo Jameson (1985)¹², que teoriza a pós-modernidade como um momento em que o sentido histórico das tradições se esvanece, e o presente se constitui como momento único. Para esse

¹⁰ Teóricos como Frederic Jameson (2002), David Harvey (2009), Mike Featherstone (2007) e Jean Baudrillard (2007) destacam, entre outras características da pós-modernidade, que a cultura de consumo é uma leitura de cultura que submete o sujeito à condição de consumidor.

¹¹ Harvey (2009) conduz seu pensamento teórico a fim de clarear o significado do pós-modernismo, sem a preocupação de buscar o significado do prefixo pós, dando indícios de continuidade. Em uma sequência histórica, inter-relaciona as etapas anteriores, logo a pós-modernidade é uma condição em relação à modernidade.

¹² Fredric Jameson (1985), em sua obra **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**, propõe uma abordagem da cultura contemporânea, compreendendo-a como parte integrante do modo de produção capitalista.

teórico, a globalização é considerada como “capitalismo tardio”¹³, e ele afirma que a produção cultural nessa lógica foi assimilada pela produção de mercadorias, toda a vida social tornando-se cultural. Diz que estamos vivendo em um mundo dominado cada vez mais pelas forças do consumismo. A preferência pela imagem à coisa; a preferência pela representação à realidade. Assim afirma Jameson (1985, p. 26), com relação às pós-modernidade:

[...] o desaparecimento do sentido da história, o modo pelo qual o sistema social contemporâneo como um todo demonstra que começou, pouco a pouco, a perder a sua capacidade de preservar o próprio passado e começou a viver em um presente perpétuo, em uma perpétua mudança que apaga aquelas tradições que as formações sociais anteriores, de uma maneira ou de outra, tiveram de preservar. Basta mencionar a saturação informacional gerada pelos meios de comunicação [...] a transformação da realidade em imagens, a fragmentação do tempo em uma série de presentes perpétuos — são ambos extraordinariamente consentâneos com este processo.

A sociedade contemporânea é marcada por uma cultura da imagem, em que o instantâneo e a busca de satisfação imediata e contínua são valores predominantes. A juventude, a beleza, a felicidade, o sucesso pessoal são cada vez mais reivindicados no sistema produtivo como um bem a ser adquirido através do consumo.

Nesse sentido, pensamos que a juventude neste início de século reflete esse modelo de vida, vive em “presentes perpétuos”, fragmentados pelas imagens, signos e significados. Ao tomarmos como referência as gerações de meados do século passado, notamos que elas ainda desfrutaram de um passado de tradições, de presentes em constantes transformações e avanços tecnológicos; mudanças reveladas no cotidiano e perpassadas em todos os níveis da sociedade. No entanto, essas situações não foram vividas pelos jovens do final do século passado e início deste, pois eles viveram e vivem em um meio social já alterado, com outros níveis de avanços, onde a tecnologia, a imagem, a informação midiática, a comunicação globalizada, o *marketing*, o consumo estão para a sobrevivência no mesmo nível de necessidades cotidianas, como o alimento e o vestuário.

Diante do exposto, ressaltamos que o tempo presente é um momento aparentemente único, descolado de um passado e supostamente sem vínculo com um futuro: “presentes perpétuos” é um termo que reflete bem a condição da juventude neste início do século XXI. É difícil, para o jovem, estabelecer conexões com um mundo sem o aparato tecnológico

¹³ O termo “capitalismo tardio” é um conceito desenvolvido por Ernest Mandel (1972), que designa a terceira fase do capitalismo, caracterizada pelas multinacionais, a globalização dos mercados, consumo de massa, ascensão das mídias e da propaganda, e a predominância da tecnologia.

informacional e comunicacional. Demonstração clara disso está nas respostas¹⁴ dadas pelos adolescentes, no questionário que propusemos, a respeito da importância do aparelho de celular e da internet em sua vida.

	Qual a importância do celular na sua vida?	Qual a importância da internet na sua vida?	Imagine se não existisse celular, internet, Mps, como seria sua vida?
1 ¹⁵	Muito importante.	Para falar com minha família.	Ruim, a metade do mundo depende disso.
4	Sem importância, não tenho.	Muita, para conversar, pesquisar.	Seria uma vida em preto e branco.
7	Tudo, eu me comunico.	Sem ela, eu não vivo.	Me matava.
13	Normal, não uso muito.	Importante para pesquisa e diversão.	Normal, eu não iria conhecer essas coisas.
15	Falar com amigos.	Para aprender e falar com amigos.	Sem graça, são essas coisas que dão graça na vida de um ser humano.
41	Comunicação, fotografar, ouvir música.	É muito importante para tudo na minha vida.	Não ia ter a menor graça, porque uso esses aparelhos todos os dias.
45	Comunicar com amigos.	Para ficar ligada no mundo todo.	Seria chata, não saberia o que estava acontecendo no mundo todo.
46	Comunicar com as pessoas.	Fazer novas amizades.	Chato, sem emoções.
47	O celular serve para eu ter uma coisa só minha, ninguém mexe e ouço música na hora que quero.	Para conversar com amigos, pesquisas escolares e ficar por dentro da vida dos artistas.	Seria vazia, porque não teria com quem conversar, não existiria <i>lan house</i> . Não daria para tirar fotos, ouvir músicas.

Quadro 1 - Respostas apresentadas pelos alunos da escola em que foi realizada a pesquisa, sobre a importância do aparelho celular e da internet em suas vidas

Enfatizamos as respostas mais relevantes no tocante à inexistência do aparato tecnológico comunicacional de uso comum na sociedade. O interessante é que elas condizem exatamente com a condição de juventude, pois o momento presente é representado como o único e acabado. A opacidade do tempo contínuo e a não percepção de fases anteriores evidenciam que a juventude vive “presentes perpétuos”, condicionada às imagens e à efemeridade das mercadorias como algo dado e condicionante das relações sociais. Respostas como “me matava”, “seria vazia”, “a vida seria preto e branco” indicam não só o comportamento expressivamente dramático, que é reconhecidamente comum entre os adolescentes, como também a estupefação frente a uma situação inaceitável, pois esses elementos codificam sua realidade. Porém, dentro de uma lógica, sobressai a resposta

¹⁴ Reiteramos que fomos fiéis à grafia dos alunos, respeitando as respostas.

¹⁵ Os números são para indicar os jovens, não tendo nenhum valor classificatório.

“Normal, eu não iria conhecer essas coisas”, pois o jovem percebe-se em um momento histórico diferenciado, ao passo que aqueles que responderam simplesmente “Normal” ou “Não ia mudar minha vida” demonstram que, se porventura esses instrumentos não existissem, também não teriam o valor que têm na vida deles. O significado dado ao aparato tecnológico informacional pelo jovem em geral recai nas questões comportamentais e nas relações socioeconômicas, pois estamos referenciando coisas ou mesmo imagens que se traduzem em mercadorias componentes indispensáveis nas relações de produção e reprodução social.

A imagem, a efemeridade e a aceleração do tempo caracterizam a dinâmica da globalização no contexto de vida dos jovens e, imbricado nesse movimento podemos acrescentar que o consumo “não deve ser compreendido apenas como consumo de valores de uso, de utilidades materiais, mas primordialmente como consumo de signos.” (FEATHERSTONE, 1995, p. 122)¹⁶, o que é muito bem explorado pela publicidade e pela mídia¹⁷. Essa é a dinâmica empreendedora dada pelo capitalismo no que se refere à produção de signos e imagens em vez da produção das próprias mercadorias.

Não obstante Lefebvre (1991) criticar as definições de sociedade industrial, sociedade de consumo, sociedade tecnocrática; considera a sociedade burocrática de consumo dirigido e nesse contexto em diferentes abordagens do pensamento teórico, considera que a juventude é tida como uma abstração falsamente considerada real, ou seja, “hipostasiada”, o que ele chama de “juvenilidade” – a integração desse grupo social no mercado:

Tende-se a constituir uma essência, a juvenilidade, dotada de atributos e de propriedades comercializáveis, possuída por uma parte da população privilegiada, ou assim considerada, justificando-se desse modo a produção e o consumo de objetos marcados (roupas, entre outras coisas, que resumem e simbolizam os *blue jeans*). (LEFEBVRE, 1991, p.181)

Ao especificar a juvenilidade, o mesmo autor complementa que “Ela se torna sinônimo de alegria, de plenitude, de realização, porque autoriza o consumo dos signos dessas situações.” (LEFEBVRE, 1991, p. 182), Considerando que os signos de felicidade e alegria correspondem a objetos reais ou metalinguagens (canções, artigos, publicidade), tudo é

¹⁶ O sociólogo inglês, autor do livro **Cultura de consumo e pós-modernismo**, discute as diferentes concepções de modernidade e pós-modernidade, as teorias sobre cultura de consumo e estetização da vida cotidiana, as culturas urbanas e os estilos de vida contemporâneos diante das tensões entre o processo de globalização e o de fortalecimento dos particularismos culturais.

¹⁷ Mídia, segundo o dicionário **Houaiss** (2004, p. 496) diz respeito ao conjunto dos meios de comunicação de massa (jornal, rádio, televisão etc.).

passível de ser consumido: “O consumidor se alimenta de signos, como da técnica, da riqueza, da felicidade, do amor.” (LEFEBVRE, 1991, p. 118). A ênfase em que os signos e a cultura são artigos de consumo dão a tônica para uma melhor compreensão no cotidiano.

Podemos observar no quadro abaixo a confirmação, por parte dos alunos que responderam a nossos questionários, do que discurremos a respeito do consumo¹⁸.

	O que você deseja comprar?	Por que gostaria de comprar o que citou?
1	Muita roupa, celular.	Porque gosto.
2	Patinete motorizado, <i>videogame</i> .	Para me divertir.
3	Computador.	Porque é meu sonho.
4	Calçados, roupas, bijuterias.	Adoro essas coisas.
5	Passagem para viajar pelo mundo.	Conhecer um mundo melhor.
6	Celular, <i>Playstation</i> .	Para me divertir.
7	Um monitor, um <i>Playstation</i> .	Para minha satisfação.
8	Um celular, câmera digital.	É muito útil.
9	Computador.	Para não usar <i>lan house</i> .
10	Uma TV 52 polegadas.	Porque gosto.
11	Um computador.	Porque não tenho.
12	Celular novo.	Porque gosto.
13	Computador melhor.	Meu desejo.
14	Computador.	Para me ajudar.
15	<i>Notebook</i> .	Gosto de usar internet.
16	Celular, câmera digital.	Porque gosto.
17	Um mp4.	Gosto de música.
18	Computador.	Facilitar meus estudos.
19	Computador e aparelho de som.	Porque não tenho.
20	Sapatos, roupas, bijuterias.	Para ficar mais bonita.
21	Um casaco.	Porque quero.
22	Roupas, sapatos, celular.	Porque não tenho.
23	Um celular novo.	Porque o meu está ruim.
24	Computador.	Porque não tenho.
25	Computador.	Porque seria só meu.
26	Bicicleta e <i>videogame</i> .	Porque sim.
27	Celular.	Acho maneiro.
28	Um celular que tem TV.	Para assistir TV nos lugares.
29	TV de 42 polegadas.	Para assistir.
30	Um celular, computador.	[Não respondeu.]
31	Roupas.	Ficar feliz.
32	Bicicleta.	Porque gosto.
33	Computador.	Para estudar.
34	<i>Notebook</i> .	Para me divertir.
35	Um <i>Playstation</i> .	Para brincar.

¹⁸ No questionário, o consumo refere-se às coisas pertinentes à vida deles, de uso imediato.

36	Tênis Oakley.	Para me sentir bem.
37	Corrente e um óculos.	É legal.
38	Um skate.	Para me divertir.
39	Uma bicicleta.	Passa o tempo.
40	Computador, celular, roupas.	Ocupar melhor meu tempo.
41	Celular novo.	Porque é importante.
42	Celular novo.	Para me comunicar.
43	Computador.	Porque sim.
44	Um tênis Oakley.	Porque não tenho.
45	Um Ifone.	Seria bem melhor.
46	Um computador novo.	Porque sim.
47	Uma chapinha, maquiagem, um tênis melhor, roupas.	Melhorar o estado do meu cabelo. Maquiagem para dar retoque e roupas para melhorar a aparência.

Quadro 2 - Respostas apresentadas pelos alunos da escola em que foi realizada a pesquisa quanto a seus desejos de consumo imediatos

É importante ressaltar que o jovem procura se identificar no grupo, com seus pares; ele constrói a imagem de si próprio a partir do outro. Por conta disso, o comportamento gestual, de gosto, usos e a aquisição de produtos são em geral padronizados, ou melhor, seguem padrões diferentes para grupos diferentes. Porque cada grupo constitui-se pelas semelhanças internas e pela diferença em relação ao externo.

A visibilidade do adolescente no grupo dá-se mediante o que ele tem, como se apresenta e como é percebido. Para tal, é importante que a aparência esteja acordada aos padrões e, via de regra, estipulada pela mídia, ou seja, na moda. Afirmativa bem representada na justificativa do desejo de compra: “Uma chapinha, maquiagem, um tênis melhor, roupas”, para “Melhorar o estado do meu cabelo”. “Maquiagem para dar retoque e roupas para melhorar a aparência”, ou ainda “roupa [...] para ficar feliz”.

Logo adquirir produtos que confirmem destaque a quem os possui é de primordial importância, e nesse rol são elencados tênis de marca, aparelhos de celular principalmente com câmera fotográfica e tocador de música acoplado, já que é possível a demonstração imediata do funcionamento do aparelho aos pares; somam-se a esses elementos também mercadorias utilitárias ou de marca, que confirmem a identidade desejada no meio em que se relacionam – todos os itens têm caráter simbólico no cotidiano dos jovens pesquisados.

O celular e o computador adquirem funções específicas para o jovem, exemplos bem identificados em respostas relacionadas à importância do celular – como “Ligar para amigos”, “tirar fotos, ouvir música”; “comunicação e fotografar”; “o celular serve para eu ter uma coisa só minha, ninguém mexe e ouço música a hora que quero” –, ou à importância do

computador, focada no uso de *sites* e ferramentas de relacionamento, a exemplo de MSN e Orkut, que são itens primordiais no cotidiano desse grupo social – como “só para bater papo com amigos”; “pesquisa, Orkut, MSN”; “fazer novas amizades”.

Muitos responderam que desejariam comprar um celular novo, porque o que têm já está velho (talvez com um ano de uso). A obsolescência é uma característica fundamental da tecnologia da informação e comunicação, daí o desejo, justificado quase como uma necessidade de se atualizar. Lefebvre (1991, p. 91) discute o caráter da obsolescência no âmbito do consumo em geral e no bojo da ideologia:

Aqueles que manipulam os objetos para torná-los efêmeros manipulam também as motivações, e é talvez a elas, expressão social do desejo, que eles atacam, dissolvendo-as[...] é preciso também que as necessidades envelheçam, que jovens necessidades as substituam. É a estratégia do desejo!

Concordamos com o encaminhamento do autor, visto que as respostas obtidas por nós coadunam com essa reflexão. O jovem tem desejos convertidos em necessidades imediatas, justificadas pelo cotidiano em que estão vivendo nesse momento socioeconômico, histórico e cultural. A globalização perfaz-se nesse contexto, o desejo dos adolescentes está vinculado a objetos que materializam a tecnologia da informação e comunicação, ou a elementos que carregam consigo o peso da marca, ou seja, o significado e a imagem constituem a identidade do grupo (por exemplo, o tênis Oakley – “Porque não tenho”, “Para me sentir bem”).

Alguns jovens responderam que tanto o celular como a internet não têm importância em suas vidas, mas vale salientar que ao mesmo tempo alegaram não possuir tais instrumentos informacionais, assim como acharam complicada a vida sem essa tecnologia. A aparente contradição revela o quanto fazem falta ao adolescente esses itens, já que é usual, nessa fase da vida, afirmar que não gosta do que não possui. É uma forma de se sentir reconhecido no grupo porque o “não ter” se esvai no “não gosto”, visto que a opinião é elemento fundamental nas relações interpessoais, nessa fase. É importante destacar que o consumo ocorre em escala mundial e, paralelamente, acaba por ensinar uma forma globalizada de ser e mesmo de consumir, de ser aceito. Segundo nossa análise, pensar nas relações entre cultura e identidade é discutir também o que está sendo “consumido” por determinados grupos. “Vamos afastando-nos da época em que as identidades se definiam por essências a-históricas: atualmente configuram-se no consumo, dependem daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a possuir” (Canclini, 2008, p. 30). A construção das identidades está em constante mutação e varia de acordo com a demanda do mercado.

	Qual a importância do celular na sua vida?	Qual a importância da internet na sua vida?	Imagine se não existisse celular, internet, Mps, como seria sua vida?
16	Nenhuma, não tenho. Faz falta.	Muito, pelo Orkut, MSN, jogos.	Muito ruim.
18	Não tenho, não sinto falta.	Não tenho, uso <i>lan house</i> .	Seria complicado, pois essa tecnologia veio para facilitar nossas vidas.
42	Matar a saudade das pessoas.	Nenhuma. Não gosto, não tenho.	Ia ser ruim, não tinha como se comunicar.

Quadro 3 - “*Não tenho, não gosto*” – respostas apresentadas pelos alunos da escola em que se realizou a pesquisa para justificar não possuírem determinados objetos

Como relatamos, a juventude, como parcela da população, independente da classe social, passou a ser um alvo importante nas relações mercadológicas, em todos os sentidos, desde fomentadora de moda como público consumidor. No entanto é importante retomar um dos motivos que suscitaram nossas pesquisas: os paradoxos relativos ao uso e posse de itens tecnológicos por jovens de classes populares.

Os dados coletados nos dão uma noção do contexto de vida dos alunos, inclusive, dando vistas aos paradoxos que suscitaram esta pesquisa. As contradições se evidenciam ao fazer uma breve análise do quadro abaixo. Dos alunos de família com renda até 01 salário mínimo, 79% possui celular e, praticamente a metade tem computador com internet. São números que revelam paradoxos, pois o ganho de um salário mínimo denota carências econômicas, deixando claro as contradições no que se refere a aquisição itens tecnológicos, talvez desconsiderando outros, dada a condição de renda dessas famílias.

Ainda considerando, destacamos que, dos 100% dos jovens entrevistados (259), 72% declararam ter renda mensal de até três salários mínimos; 21%, acima de quatro salários mínimos; e 7% não responderam. O quadro abaixo oferece-nos com mais detalhe uma ideia do uso e posse dos itens das novas tecnologias, pelos alunos, de acordo com a renda familiar.

Renda (em salários mínimos), por n° alunos	Computador	Computador com internet*	Aparelho celular	Tocador de música portátil **	Lan house	Nenhum dos itens
Até 1 – 66	59%	44%	79%	86%	71%	14%
Até 2 – 74	65%	45%	69%	84%	64%	14%
Até 3 – 47	83%	62%	72%	98%	43%	2%
Mais de 4 – 55	89%	75%	82%	100%	35%	0
Não responderam – 17	88%	82%	88%	100%	24%	0

*Computador com internet é um item importante, porque somente o computador não caracteriza o informacional e comunicacional; é necessário considerar a internet como elemento de consumo do meio midiático junto às empresas de telecomunicações, o que gera um custo relevante no orçamento doméstico.

**É importante destacar que a maioria dos aparelhos de celular tem a função de aparelho portátil tocador de música. Além do mais, muitos jovens declararam possuir mais de um tipo de tocador de música.

Quadro 4 - Relação entre a renda familiar e o uso e posse de instrumentos informacionais e comunicacionais pelos adolescentes, a partir das respostas apresentadas pelos alunos da escola em que foi realizada a pesquisa.

Lembramos ainda que esta pesquisa foi realizada no decorrer do ano de 2009, sendo necessário levar em conta que nesse período os aparatos tecnológicos sofreram muitas alterações, considerando sempre as inovações. Hoje – 2010 –, já é comum esses mesmos jovens possuírem celulares com transmissão de programa de televisão, uma realidade diferente daquela encontrada nos meses em que coletamos os dados. Ou seja, a pesquisa não pode ater-se aos objetos em si, mas à intenção midiática que esses aparelhos carregam. Nossos objetivos continuam demarcando a busca de encaminhamentos para as aulas de globalização a partir do entendimento do jovem se perfazendo no lugar do vivido, do cotidiano, dando condições contextuais para amparar o professor de Geografia que se percebe em dificuldade na abordagem desse tema.

Consideramos o adolescente a partir do contexto delineado, no âmbito da globalização, ou, conforme descrito anteriormente, na pós-modernidade, vivendo perpétuos presentes. Podemos depreender que de certa forma buscamos respostas para nossas inquietudes iniciais, a respeito das quais destacamos contradições, considerando o ter imbricado no ser, que se explica no âmbito da globalização. As situações citadas na introdução envolvendo a posse e uso do celular em detrimento de outras necessidades – como alimentação, vestuário sem marca – não passam de condições marcadas por um momento seja da juventude *da ou na globalização*, ou mesmo de condições intrínsecas ao ser humano no sistema no qual estamos inseridos. E mais: resgatamos nossa citação inicial, em que o jovem diz que precisa de dinheiro rápido para comprar comida, submetendo-se ao comércio ilícito de droga, ou seja,

mesmo na busca da sobrevivência o adolescente justifica-se condicionando sua ação como sendo este o momento único, o presente sem futuro, mas com certeza um modo de vida conjugado pelas entrelinhas do sistema capitalista.

Pensamos na dificuldade de essa geração imaginar um meio socioespacial diferente daquele em que vive, já que a história esvai-se rapidamente e fica a dificuldade de constituir o porvir. Pode parecer paradoxal, mas por outro lado a juventude incorpora com naturalidade as mudanças nos costumes, nos significados, na visão das coisas e do mundo. A concepção de tempo, velocidade, ritmos está em conformidade com sua vivência. Temos de considerar as alterações profundas no cotidiano, já que a juventude perfaz-se continuamente nesse movimento, provocando um esforço de nossa parte para articular ensino e modo de vida na e da globalização.

3. A GLOBALIZAÇÃO: O LUGAR E O COTIDIANO

3.1 GLOBALIZAÇÃO

Pretendemos compor um encaminhamento dos efeitos e consequências sociais que de certa maneira materializam, formalizam a globalização nos lugares. Não temos intenção, aqui, de tratar dos debates que vêm ocorrendo em torno desse tema, nas diversas áreas do conhecimento.

É importante esclarecer a questão referente aos termos globalização e mundialização, que na realidade são quase sinônimos. Os estadunidenses falam em globalização, os franceses preferem mundialização.¹⁹

Certamente, alguns autores fazem questão de esclarecer possíveis definições, a fim de embasar sua postura quanto à globalização. Esse é o caso de Renato Ortiz (1994, p. 16 e 30), que é enfático em distinguir internacionalização – a qual diz respeito às fronteiras nacionais e sua expansão geográfica através da economia – de mundialização e globalização; quanto a estes dois últimos termos, ele afirma a existência de uma relação entre eles, mas não homologia:

O conceito [de globalização] se aplica, portanto, à produção, distribuição e consumo de bens e serviços, organizada a partir de uma estratégia mundial, e voltada para um mercado mundial. Ele corresponde a um nível e a uma complexidade da história econômica, no qual as partes, antes internacionais, se fundem agora numa mesma síntese: o mercado mundial.

O processo de mundialização é um fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais.

De nossa parte, usamos o termo “globalização”, já que ele é o eixo nuclear desta dissertação, e essa terminologia ampara-nos na dinâmica que vislumbramos nesse processo. Pensamos o mundo em movimento, refletimos sobre ele com os sujeitos em seus lugares de vivência, nas relações socioespaciais, que implicam também práticas sociais.

Muitos teóricos associam globalização ao neoliberalismo desencadeado pela crise econômica na década 1970, ou pela superação do regime de produção fordista (produção em série), ao qual se sucedeu o toyotismo (novas relações de trabalho, terceirização, robotização das indústrias). Outros a associam à liberalização e à mobilidade ilimitada do capital, bens e

¹⁹ No que diz respeito ao uso dos termos no âmbito desta dissertação, quando se trata de nos referir a teóricos pesquisados e transcritos, mantivemo-nos fiéis a sua postura e perspectiva, respeitando a terminologia por eles designada.

serviços, ampliados após a Segunda Guerra Mundial. Ou, ainda, consideram essas e outras variáveis em conjunto para esclarecer a temática.

O que não podemos negar é que a expressão mais enfática do tema globalização está ligada à dominação das forças do mercado mundial, principalmente na área financeira e junto às corporações transnacionais.

Mesmo sendo um tema profusamente tratado por economistas, salientamos que a partir da década de 1980 ele foi apropriado por antropólogos, sociólogos, historiadores, geógrafos e, recentemente, por educadores. Em nossa perspectiva, tecemos um diálogo com alguns teóricos, a fim de trilhar um caminho para efetivá-la no ensino e aprendizagem de Geografia.

Vários debates referentes à globalização seguiram-se a partir da década de 1980, em diferentes áreas do conhecimento; mas foi na década de 1990 que tal debate tomou dimensões bem mais amplas, para além do econômico e político.

No âmbito da política, as discussões deram-se em torno do fim do “Estado-Nação” por conta da mobilidade de capitais e a busca de vantagens e aumento de lucros no interior das fronteiras dos países, pelos capitalistas. Segundo essa visão, os Estados nacionais passaram a ser apenas reguladores das funções econômicas mundiais, buscando gerar infraestruturas dos bens públicos para dar encadeamento a esse processo globalizante. Esse não é o foco de nossas discussões, mas ele está presente no contexto do discurso – por isso é importante essa ressalva.

Octavio Ianni (1999a, p. 13) conduziu suas análises relativas à globalização no bojo das fronteiras nacionais, dizendo que ela é expressa por “um novo surto de universalização do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório.” O autor destaca que a tendência é o desaparecimento das fronteiras e o “embaralha-se o mapa do mundo, umas vezes parecendo reestruturar-se sob o signo do neoliberalismo, outras parecendo desfazer-se no caos, mas também pronunciando outros horizontes.” (IANNI, 1999, p. 12). E também é um processo que vem ocorrendo dentro de um movimento histórico marcado pelo colonialismo, imperialismo e pela geração de blocos geopolíticos. Esses fenômenos são assinalados pelas tensões, rupturas e contradições. Assim, é ainda Ianni (1999a, p. 27) que afirma:

Esse é um universo de diversidades, desigualdades, tensões e antagonismos, simultaneamente às articulações, associações e integrações regionais, transnacionais e globais. Trata-se de uma realidade nova, que integra, subsume e cria singularidades, particularidades, idiosincrasias, nacionalismos, provincianismos, etnicismos, identidades ou fundamentalismos.

Considerando o discurso econômico e dominante dos países ricos, esse processo tem um caráter homogeneizante, pois atende às necessidades da expansão do capitalismo mundial. Mas, se considerarmos as identidades regionais, a globalização foge à homogeneidade, transfigura-se e “recria singularidades”. Ianni (1993, 1999a, 1999b) apresenta a globalização como um fenômeno, relacionando-a aos sentimentos das pessoas, pois ela “invade” fronteiras: altera costumes; abre novos mercados, assim como os fecha; envolve o controle estatal, bem como reduz sua autonomia; modifica as relações de emprego, produção, distância, tempo; modifica o fluxo de capitais; abre novas oportunidades de conhecimento; constitui uma nova divisão social do trabalho; transforma a relação centro-periferia. O autor assevera que a economia, as grandes empresas, corporações, conglomerados transnacionais são desencadeadores de diversos processos, em diferentes escalas sociais.

O acento que Ianni (1993, 1999a, 1999b) coloca na fragilidade das fronteiras não coaduna com o que diz Armando Correa da Silva (2002, p. 75-76)²⁰, quando este relaciona a globalização às redes de informações e comunicação, deixando clara a necessidade da atuação do Estado:

[...] na questão de mercado mundial, é preciso pensar na existência de políticas públicas e privadas que têm um papel decisivo na escolha das informações a serem divulgadas, particularmente nos casos de mercados oligopolizados. [...] no caso do Estado, há que considerar o seu caráter, sua forma e regime, com quem está no poder, qual o projeto ou os projetos que estão sendo implementados nas diversas escalas, tendo em vista os objetivos a serem alcançados.

Esse geógrafo articula a globalização à alocação de capital atrelado ao Estado e ao setor privado, considerando a concorrência de mercado, o direcionamento de investimentos, a alteração dos ritmos de trabalho, tudo devido aos novos modelos de acumulação de capital. O autor acentua que “[...] o capitalismo defronta com sua própria criatura, ou seja, quanto mais se mundializa o valor, mais necessários se tornam os mecanismos protecionistas nacionais e, mesmo regionais, em alguns casos.” (SILVA, 2002, p.77)

A nosso ver, o protecionismo econômico é uma realidade, talvez a forma mais explícita de visualização e concreção de fronteiras. As questões políticas, sociais e econômicas são intrínsecas ao movimento da globalização, e estão fundadas na dialeticidade

²⁰ O livro **O novo mapa do mundo**, resultado do Encontro Internacional realizado em setembro de 1992 na Universidade de São Paulo (USP), apresenta textos com debates acirrados no tocante às questões do mundo, sua dinâmica espacial, política, econômica e social, realizados principalmente por geógrafos e sociólogos que questionam a globalização, suas perspectivas, tendência e consequências.

que lhe dá consistência, o que nos leva a discordar de Ianni (1999a) em seu raciocínio sobre o desaparecimento das fronteiras.

Santos (2008b) trata do assunto alegando que os países têm em suas fronteiras os limites de negociação dos grupos hegemônicos, logo é importante que se mantenha uma normatização, uma organização sociopolítica, pois o território acabará por especializar-se, seja pela produção ou consumo, seja pelo fomento do capital financeiro a serviço da hegemonia econômica. E é o território que se instrumentaliza para atender as instituições financeiras internacionais.

Com um enfoque diferente, mas anuindo ao debate de que as fronteiras ainda se perfazem no contexto da globalização, Ortiz (2004, p. 117) alega que a cultura nacional ainda se preserva, considerando que existem elementos que a caracterizam: “a memória nacional confere uma certidão de nascimento para os que vivem no interior de suas fronteiras.” Também se devem considerar a língua oficial, as escolas, as instituições, os símbolos nacionais, que não deixam de ser itens argumentativos acentuando os conceitos que aureolam os Estados-nação.

Ainda no movimento teórico sobre a globalização, Benko (1996, p. 43-44, grifo do autor) apresenta um contraponto no tocante ao capital e aos Estados-nação: primeiro coloca que a mundialização não é um “simples fenômeno de ‘conexão’ de atividades que extrapolam fronteiras”, sendo necessário levar em conta três itens de análise: “o capital comercial, financeiro e produtivo, o último primado sobre os outros. Se o capital aparece como entidade global, é apenas em razão da internacionalização de *todos* os seus circuitos”. O capital global tem seu lugar no espaço nacional, “mas o mesmo espaço nacional (ou local) participa por sua vez ‘sobredeterminação’ dos processos produtivos que se desenrolam em outras partes.” (BENKO, 1996, p. 44). Nessa linha de raciocínio, as fronteiras continuam a delinear os espaços de produção, muitas vezes materializados por um capital global.

A globalização, para Benko (1996, p. 41), expressa-se no termo “mundialização”, sendo a “aceleração planetária da circulação dos fluxos de trocas, de tecnologias, de culturas, de informações e de mensagens [...]”. Ela se dá em um movimento decorrente das mudanças dos espaços e na organização de produção gerada pelas reivindicações do novo regime de acumulação, assim como a flexibilidade nos processos de produção: regime de acumulação, assim como a flexibilidade nos processos de produção, como assinala:

A introdução de técnicas de produção flexíveis, assim como uma variedade de novos produtos, abriu perspectivas na reorganização do processo de produção global. Pela primeira vez na história do capitalismo, tornou-se possível combinar trabalho de alto nível tecnológico e diversificação dos produtos e dos processos. (BENKO, 1996, p. 29)

A nova configuração do regime de acumulação de capital destaca outras conjunturas marcadas pelas modernizações da estrutura de mercado, da mão de obra e das técnicas de produção.

Milton Santos traz a globalização dos títulos da economia para o lugar geográfico-lugar, hoje mais do que nunca referenciado e percebido como um espaço empírico, espaço de acontecimentos, onde está materializado o meio técnico-científico-informacional. Ele dá forma e conteúdo, teoriza na essência e dá visibilidade às consequências socioespaciais, nesse movimento.

Para esse teórico, a globalização tem um conteúdo constituído pela unicidade técnica, a convergência dos momentos, o conhecimento do planeta e o motor único, representado pela mais-valia globalizada. Esses quatro elementos estão imbricados e através deles o processo se concretiza. A técnica influencia desde a produtividade, o comércio, a comunicação, daí assegurando o uso do tempo, anuindo à simultaneidade de ações nos lugares e levando à convergência dos momentos, isto é, à instantaneidade das situações em “tempo real”, que permite “usar o mesmo instante a partir de múltiplos lugares; e todos os lugares a partir de um só deles.” A cognoscibilidade do planeta dá-se pela simultaneidade e instantaneidade frente aos interesses e possibilidades dos grupos hegemônicos. O motor único, a mais-valia universal, ocorre em função da produção em escala mundial, da competitividade das empresas globais, que se valem do progresso científico e técnico (SANTOS, 2008b, p. 28, 30).

Outro aspecto a se enfatizar diz respeito às categorias tempo e espaço, que compõem as bases para explicar a globalização, apresentadas principalmente por Giddens (1991) e Harvey (2009), os quais caracterizam esta a partir daquelas variáveis.

Giddens (1991) assevera que na era moderna há um distanciamento do tempo-espaço. Os eventos nos lugares e no mundo têm uma correspondência “alongada”, apresentando uma relação complexa na vida social, que se manifesta nos locais. Ele considera que esses elementos fundamentam a globalização:

A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção anversa às relações muito distanciadas que os modelaram. (GIDDENS, 1991, p. 69,70)

O autor destaca a globalização no movimento dialético e na correlação entre as distâncias e suas conjunturas internas. Nas sociedades pré-modernas, estas possuíam, em sua maioria, uma dimensão localizada, havendo plena coincidência entre o espaço (lugar) e o tempo; a modernidade engendrou uma mudança radical nessa relação, processando um verdadeiro “desencaixe” do tempo-espaço. Giddens refere-se à uniformização da medição do tempo, por meio da invenção e difusão do uso do relógio mecânico a partir de fins do século XVIII – até então, a medida do tempo vinculava-se a uma dada referência espacial. O autor também enfatiza a “monetização” da sociedade, por meio da universalização do dinheiro como meio de troca: “O dinheiro é um meio de distanciamento tempo-espaço. O dinheiro possibilita a realização de transações entre agentes amplamente separados no tempo e no espaço” (GIDDENS, 1991, p. 32). Assim sendo, o dinheiro proporciona simultaneamente a instantaneidade das transações comerciais e o adiamento da consecução do processo de troca. Em sua forma contemporânea, ele transforma-se progressivamente em pura informação, tornando-se independente de seu suporte físico e de sua referência material.

Já para Harvey (2009, p. 219) o tempo e o espaço na condição da globalização sofrem uma “compressão”, havendo “fortes indícios de que a história do capitalismo tem se caracterizado pela aceleração do ritmo da vida, ao mesmo tempo em que venceu as barreiras espaciais em tal grau que por vezes o mundo parece encolher sobre nós.” Ele é enfático no que diz respeito à aceleração dos processos globais, alegando sentir o mundo menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância.

Os significados de espaço e tempo tomam essa configuração com a transição do fordismo para a acumulação flexível, mudança decorrente da crise de 1973. A transição para a acumulação flexível realizou-se por uma rápida implantação de novas formas organizacionais e tecnologias produtivas, dentre as quais se destacam a condição de trabalho mais flexível e a alta rotatividade de emprego em unidades de produção descentralizadas, permitindo rápido retorno do capital, o que torna a produção mais competitiva. Imediatamente, há uma reinterpretação da organização produtiva, com a aceleração do processo de produção, troca, de giro de capital e consumo (não só consumo de bens materiais, mas também de bens simbólicos, como informação e serviços). Trata-se de uma revolução em todos os setores, que envolve mudanças na maneira como o valor é representado pelo dinheiro, o qual é desmaterializado. Ocorre uma reorganização no sistema financeiro global, sendo a informação

um produto muito rentável, uma mercadoria valiosa que proporciona, através das tecnologias, maior flexibilização das finanças globais.

A condicionante das ações globalizantes arroladas nas dimensões do capitalismo e evocadas no lugar faz-nos resgatar a questão da escala que apresentamos anteriormente, a partir de seu conceito social, colocada por Neil Smith (2002, p. 141): “La diferenciación de las escalas geográficas establece y se establece a través de la estructura geográfica de interacciones sociales.” Constituímos assim o encadeamento teórico para compormos a globalização no lugar, não nos atando aos discursos teorizados e ampliados nas condições gerais da macroeconomia

Há outros elementos que se perfazem na globalização, como a divisão internacional do trabalho, as políticas protecionistas, itens incluídos nas dimensões do capitalismo, que além de condicionar os lugares constituem-se também no lugar. E, claro, levando-se em conta os modos de produção, ficam evidentes as novas estruturas dos mercados de trabalho, em que a divisão internacional do trabalho evidencia a exploração da mão de obra coordenada pelas grandes corporações que buscam, em países com importante contingente de trabalhadores, instalar sua linha de produção e pagar salários baixíssimos, repercutindo nas localidades e lugares. Nesse mesmo pensar, a partir do âmbito mundial têm-se as forças políticas e econômicas que se unem nas disputas por matérias-primas – por exemplo, recursos minerais, como o petróleo. Desse modo, as políticas protecionistas estabelecem distâncias enormes entre os países ricos e pobres, colaborando para o aumento das desigualdades sociais em seu interior. O capital financeiro, por sua vez, apresenta grande mobilidade e, como componente material da racionalidade econômica, conduz todo o processo, implicando positiva ou negativamente as relações socioespaciais dos lugares.

Com certeza, esses eventos dão uma maior visibilidade à globalização, considerando que ela tem como matriz a economia, mas em sua dinâmica e envolvimento, neste momento da história de nosso planeta, catalisa todas as dimensões da sociedade, tornando-se real e visível nos lugares e bastante perceptível para os indivíduos.

A questão que voltamos a salientar é justamente a de sair do processo que aparenta homogeneidade, para ir constituindo o efeito desse movimento na escala do cotidiano. O vivido, segundo Lefebvre (2000)²¹, é o revelador, é o espaço de representação, o lugar das

²¹ LEFEBVRE, H. **A Produção do espaço**. Tradução da 4ª ed. Paris, Anthropos, 2000 Grupo “As (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea”. Núcleo de Geografia Urbana UFMG, 2007. (Obra em elaboração)

carências, dos desejos, das esperanças, mas também onde ocorrem as tensões, as emoções constituídas nas práticas sociais.

Entre as muitas abordagens e debates a respeito da globalização, optamos por enveredar pelos caminhos que nos dessem uma visibilidade mais clara desse processo nas relações socioespaciais do cotidiano. Para tal, partindo do enfoque mais amplo em direção ao enfoque mais direcionado, é importante trazer para a linha de raciocínio Renato Ortiz (1994), ressaltando que a mundialização ocorre desde o intercâmbio entre o Velho e o Novo Mundo, no qual o primeiro impunha-se ao segundo; hoje essa primazia mudou, estabelecendo-se como dominação cultural dos Estados Unidos da América sobre o resto do mundo. O autor alega que esse país não exporta apenas mercadorias, mas também condutas e posturas, através dos filmes, músicas, marcas, signos e da própria língua, que, fixada aos instrumentos tecnológicos, ganhou uma aura diferenciada no restante dos países, principalmente no Brasil.

Os vários objetos mundializados, segundo Ortiz (1994), sofreram o que ele chama de desterritorialização, ocorrendo uma dissociação entre os bens produzidos, sejam eles quais forem, inclusive a memória nacional com seu local de origem: eles passam a ser do mundo, na medida em que atingem populações de todos os lugares. A publicidade tem papel importante nesse processo, porque através dela os produtos adquirem uma “ética específica, valores, conceitos de espaço e de tempo são partilhados por um conjunto de pessoas imersas na modernidade-mundo” (ORTIZ, 1994, p. 144). Não é possível analisar os bens e o consumo só no nível do econômico, é necessário pensar a questão social, e aí a mídia e as corporações transnacionais destacam-se, conforme assevera o autor:

Elas se configuram em instâncias de socialização de uma determinada cultura, desempenhando as mesmas funções pedagógicas que a escola possuía no processo de construção nacional. A memória internacional-popular não pode prescindir de instituições que as administrem. Mídia e empresas são agentes preferenciais na sua constituição: elas fornecem aos homens referências culturais para suas identidades. (ORTIZ, 1994, p. 144-145)

O mercado torna-se uma das forças reguladoras da sociedade em detrimento das antigas tradições (memória), e o consumo acaba adquirindo um tom cultural devido a publicidade.

De uma forma mais abrangente e integrada, Canclini (2003), pesquisador das culturas²² latino-americanas, apresenta a globalização como um processo complexo de interações econômicas, políticas, sociais e culturais que incidem na vida das pessoas, sobre os valores e o cotidiano. O autor também considera as dinâmicas e mudanças contraditórias, em seu conteúdo e direcionamento.

Ao abordar a globalização, Canclini distingue a internacionalização da economia e a globalização. A internacionalização diz respeito à abertura de fronteiras geográficas em relação à economia e à incorporação de bens materiais e simbólicos por diferentes sociedades. A globalização, por sua vez, diz respeito a uma interação das atividades econômicas e culturais dispersas, bens e serviços, levando-se em conta mais a velocidade com que se percorre o mundo do que as posições geográficas. Mas é claro que o autor não finaliza a caracterização da globalização: ele a concebe como um processo e como tal também considera a história, a fim de constituir as observações e argumentações. O excerto que segue é um dos encaminhamentos que o autor dá para a globalização:

Quero pensar a globalização dos relatos que mostram, junto com sua existência pública, a intimidade dos contatos interculturais sem os quais ela não seria o que é. Como a globalização não apenas homogeneiza e nos aproxima, mas também multiplica as diferenças e gera novas desigualdades, não se pode valorar a versão oficial das finanças e da mídia globalizadas – que nos prometem a onipresença – sem ao mesmo tempo entender a sedução e o pânico de chegar facilmente a certos lugares e interagir com seres diferentes. (CANCLINI, 2003, p. 46)

Além disso, a globalização, para o autor, não é apreendida de forma igual por todos os membros da sociedade, o que resulta no acesso desigual à economia e à cultura global; assim a globalização torna-se imaginada, porque há pessoas que só têm uma ideia do que ocorre pelo mundo, criando um campo imaginário, visto que nunca conhecerão de fato o que realmente existe e acontece. Canclini acentua que as novas tecnologias da informação têm um grande peso no esquecimento das culturas locais e regionais, destacando a cultura e identidade dos povos como identificação própria, mergulhados nas contradições do processo globalizante. Assim, afirma que:

²² Apresentamos – e nos apropriamos dela – uma definição extremamente simplificada de cultura, retirada da obra de Canclini (2003, p. 29) **Culturas híbridas**: estratégia para entrar e sair da modernidade, que é a produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido.

[Tecnologia] Como não consiste na disponibilidade para todos, nem na possibilidade generalizada de entrar em todos os lugares, é impossível entendê-la sem os dramas da interculturalidade e da exclusão [...]. A globalização sem interculturalidade é um ‘OCNI’, objeto cultural não identificado. (CANCLINI, 2003, p.46)

As identidades, para o autor, têm consistência nas construções históricas em que foram “inventadas” e dentro dos processos que se compuseram, decompõem-se ou esgotam-se. A partir daí, afirma que a globalização converge para apreender fragmentos de outras culturas e rever a interação com os outros (culturas diferentes e individualizadas), e não com todos.

Desse modo, a oposição já não é entre o global e local, entendendo-se global como subordinação geral a um único estereótipo cultural, ou local como simples diferença. A diferença não se manifesta como compartimentalização de culturas isoladas, e sim como interlocução com aqueles com que estamos em conflito ou buscamos alianças. (CANCLINI, 2003, p.115)

É interessante o caminhar do discurso da miscigenação cultural, que para o autor é uma interlocução cultural entre o local e o global, podendo ser resultado de conflito ou acordante, dependendo da perspectiva das diferenças locais e de sua historicidade.

No entanto, com uma postura mais radical quanto à cultura, Jameson (1985, 2002) leva a uma composição quase que única da cultura com a economia, ou seja, a lógica cultural de uma sociedade de consumo é a mesma que compõe o capitalismo potencializado pelas mídias, pela propaganda e pela proeminência da tecnologia (capitalismo tardio, segundo seu enfoque).

A globalização, para esse teórico, é apresentada como inexorável, e o consumo é um fato inevitável, dadas as condições a partir das quais se perfaz o capitalismo e as dimensões que ele condiciona e pelas quais também é condicionado. A partir daí, Jameson (2002) faz uma derivação da globalização em cinco níveis distintos, porém amalgamados: tecnológico, político, cultural, econômico e social.

O nível tecnológico trata das novas tecnologias das comunicações e da revolução da informática. Essas inovações são diretas e irreversíveis; elas penetram na dinâmica das relações humanas e “produzem impacto na produção e organização industriais, assim como na comercialização dos produtos” (JAMESON, 2002, p. 19) e no consumo.

O nível político é aquele ligado ao papel do Estado-nação no contexto do mundo global. O autor defende que a expansão do poder e da influência da globalização na verdade descreve a expansão econômica e o poderio militar dos Estados Unidos.

O nível cultural diz respeito aos recursos da globalização que abrem espaço para a influência cultural estadunidense, como a música, a comida, a roupa e a indústria cinematográfica, que ingressa no mundo inteiro, alterando as formas locais ou tradicionais. Por outro lado, Jameson (2002) acredita que existam formas políticas de os grupos imporem-se ou criarem resistências à cultura estadunidense ou a outras culturas oriundas do imperialismo (ele cita o exemplo da identidade indiana).

Nesse sentido, para Jameson (2002), a cultura não pode ser analisada sem que se considere o econômico, o político, o social e o tecnológico, sendo que este tem relação direta com todas as variáveis consideradas, estando nelas imbricado. Na relação entre o cultural e o econômico, o autor parte da premissa de que o econômico “controla as novas tecnologias, reforça os interesses geopolíticos e finalmente dissolve o cultural no econômico – e o econômico no cultural.” (JAMESON, 2002, p. 22). Desse modo, a produção das mercadorias converge-se um “fenômeno cultural, no qual se compram os produtos tanto por sua imagem quanto por seu uso imediato.” (JAMESON, 2002, p. 22). A propaganda, nesse contexto, torna-se mediadora entre a cultura e a economia, porque reconduz os desejos das pessoas, associando-os às imagens. Por conta disso a economia transforma-se em uma questão cultural.

Enfim, as relações econômicas, a partir da expansão comercial e financeira, de alguma forma geram consequências que devem ser analisadas no âmbito cultural. Entre outros aspectos, o pesquisador adverte que o nível econômico e sua relação com o cultural dão condições de resistência à cultura dos Estados Unidos através das políticas econômicas dos países que fazem valer seus produtos e bens culturais, no uso de “políticas protecionistas”. Também se leva em conta, na relação entre econômico, cultural e social, a expansão dos mercados financeiros, que ocorre principalmente pelas inovações das novas tecnologias; a transferência instantânea de capital, gerando desigualdade de investimentos, alterações no mercado de trabalho, logo desigualdades sociais nos e entre os países.

A esfera social mostra-se na dimensão econômica, que está praticamente no mesmo entendimento da cultural, o que Jameson (2002, p. 27) denomina de “cultura do consumo”, que é “uma modalidade específica de vida, gerada pela produção de mercadorias no capitalismo tardio [...]”; ou seja, as imagens, a mídia, assim como o consumo integram-se como parte da vida cotidiana das pessoas, de tal modo que a sociedade torna-se mais individualista e atomizada. A produção de cultura também é a produção da vida cotidiana, o que é necessário à expansão econômica.

Para Jameson (2002), a globalização perfaz-se nesse deslindar que apresentamos para correlacionar esse fenômeno com os debates aqui expostos, buscando na dialética e na superação constituir a nossa postura diante desse processo tão amplo e envolvente.

Estamos constituindo nosso direcionamento, pois consideramos que a globalização contém em si o econômico, o tecnológico, o social, o político e o cultural, imbricados, sendo demarcada por uma historicidade que já vem das conquistas (grandes navegações) e expansões comerciais.

Depreendemos, a partir da explanação da postura de alguns teóricos, nossa própria perspectiva de análise da globalização, para empreender a articulação do conteúdo de sala de aula.

A globalização é mais um elemento que congrega e complexiza o capitalismo, interconectando componentes que se dialetizam em função do capital, nas formas de produção e reprodução, como os diferentes tipos de capital (financeiro, mercantil, produtivo), com seus diferentes elementos constitutivos: o trabalho, a produtividade, a competitividade, o consumo de mercadorias e os signos, enfim, todo processo no qual se expressam as relações sociais. A materialização da globalização ocorre, também, a partir das novas tecnologias, que reconfiguram os fluxos de capitais, mercadorias, culturas (modos de vida, consumo), tonalizando os novos espaços em função do uso, posse e acesso a tais tecnologias.

Já que depreendemos que a globalização é um processo intrínseco ao capitalismo, o qual se expressa na continuidade, na historicidade, sendo manifesta e manifestada através dos sujeitos nos lugares, formalizada pela tecnologia informacional e comunicacional e pelo consumo, apropriamo-nos do encaminhamento de Jameson (2002) com o objetivo de organizar nossa linha de pensamento, para apresentar as diferentes dimensões que caracterizam a globalização, estando aí imbricadas e dialetizadas.

Em nossa ótica, e longe de estabelecer uma categorização acabada, colocamos da seguinte forma: a dimensão política perfaz-se nas fronteiras, sejam quais forem as escalas (país, nação, cidade, lugar); segundo Smith (2002), a escala é um caminho para o entendimento das relações sociais. As fronteiras condicionam toda a ordem das questões políticas e ideológicas. A globalização prescinde da política para se realizar; o mercado imbrica-se em, implica e é condicionado por diferentes e diversas ordens da política estabelecida nos lugares.

A tecnologia imbrica-se em todas as dimensões, porque, como conteúdo material da globalização, dá a ela visibilidade em seus diferentes níveis. Lembramos que, ao adjetivarmos

as tecnologias como “novas”, não temos a intenção de demarcar a globalização com referenciais específicos, porque acreditamos que as tecnologias também se caracterizam por um movimento histórico de complementaridades e avanços acordados com as necessidades dos momentos socio-histórico-culturais.

A questão econômica é inerente ao processo, visto que não entendemos a globalização descolada dos modos de produção: ela se realiza no consumo, que pode ser de mercadorias, signos ou imagens.

Arrolados e implicados nesses elementos seguem-se o social e o cultural, pois temos de considerar que a lógica do capitalismo só se perfaz mediante a composição da sociedade e o que nela se inscreve – que são os seres humanos, com suas vivências, crenças, hábitos, cotidiano, enfim culturas que se realizam nas relações socioespaciais.

Em que pesem as considerações delineadas até aqui a respeito da cultura engastada no sistema capitalista, com maior ou menor rigor e engessada ou não às questões de consumo, para nós ela segue nas mesmas perspectivas de Ortiz (1994) (aculturação) e Canclini (2008) (hibridização), levando-se em conta os grupos sociais nos lugares, independente da escala. Consideramos a cultura de forma geral - em sua relação com a globalização, ela se esclarece e evidencia-se nas identidades, tradições, histórias locais, mas não implica necessariamente o desaparecimento das diferenças, dos hábitos, necessidades e consumo das culturas locais, pelo contrário - podemos ponderar a presença de uma heterogeneização de produtos, ideias, imagens, possibilidades trazidas pelo aumento do fluxo entre culturas, e muitas vezes, a adição de novos elementos, modificando ou não a cultura original. Tudo isso além do aumento crescente de troca de significados, símbolos e imagens, mediante os meios de comunicação e da mídia. Esses movimentos são capazes de fornecer novos elementos aos significados das diversas culturas que entram em contato com essas novidades, o que pode aparentar uma cultura global, sendo, no entanto as culturas locais capazes de reinterpretar as influências trazidas pela cultura global.

Porém, em consonância com nossos objetivos e perspectivas de análise, a cultura potencializa-se no sistema capitalista, logo não é de se estranhar que, por vezes, consideremo-la na mesma condição mercadológica apresentada por Harvey (2009) ou Featherstone (2007), entre outros teóricos.

As variáveis apresentadas cunham a realidade da vida cotidiana do ser humano, e a globalização não é um tema “à parte” nesse movimento. Os fatores imbricam-se e revelam as

contradições, revelam-se no contraditório. Daí a importância de constataremos elementos que deem um caráter mais próximo da globalização no lugar de vivência dos indivíduos.

A globalização constitui uma categoria de análise de que a Geografia não pode prescindir, pelo contrário, faz-se necessário constituir um corpo mais bem estruturado como conteúdo da disciplina escolar, considerando que o jovem está inserido, assim como nós, professores, nesse espaço vivido, no lugar onde se realiza o cotidiano, delineado por todas essas forças articuladoras e dialetizadoras desse processo em ebulição.

3.2 TECNOLOGIA E TÉCNICA-MATERIALIDADE DA GLOBALIZAÇÃO

Dissertar sobre globalização é discorrer a respeito das tecnologias, as quais se fizeram e fazem-se em pleno desenvolvimento. Sene (2007, p.42) relaciona esse momento do uso das técnicas à revolução técnico-científica:

[...] aceleração, o aumento na velocidade do deslocamento de capitais, mercadorias, informações e pessoas, assim como sua enorme redução de custos. Tudo isso indiscutivelmente não ocorreria sem os fantásticos avanços tecnológicos característicos da revolução técnico-científica [...]

Tecnologia é a primeira associação que se faz à nova configuração global. No dicionário **Houaiss** (2004, p. 711), tecnologia é um “conjunto dos conhecimentos científicos, dos processos e métodos usados na criação e utilização de bens e serviços”.

Podemos observar que os termos “tecnologia”, “informacional” e “comunicacional” adquiriram um novo caráter, saíram da definição estática e constituem-se em um contorno quase conceitual, tomando para si uma dinâmica implicada no social, dada a importância que tomam para dar forma e conteúdo à globalização.

Jameson (2002) considera reducionista focar a globalização apenas pela comunicação e informação. Ocorre que os entendidos em tecnologia e computadores direcionaram essas expressões para a mídia, com os usos e compreensão da mesma:

Isso demonstra que um conceito superficial, o de comunicação, foi de repente dotado de uma nova dimensão cultural: um significante comunicacional adquiriu um significado ou significação mais propriamente cultural. (JAMESON, 2002, p.45)

Os termos comunicação e informação em tempos de globalização adquiriu um sentido conceitual, “que ora mascara ora transmite significados culturais ou econômicos.” (JAMESON, 2002, p. 44). São elementos importantes para constituir o processo como um todo, mas não dão conta de explicá-lo.

Para Álvaro Vieira Pinto (2005), a técnica é mediação, e o homem é o verdadeiro autor de seu destino, pois é ele que desenvolve os materiais necessários à sobrevivência e que dá o uso e a função desse aparato tecnológico. O autor nega que estaríamos atualmente vivendo numa prodigiosa “era tecnológica” – isso simplesmente porque toda época possui tecnologia. Para esse filósofo, a tecnologia e a informação sempre fizeram parte das relações sociais – hoje, evidentemente, com configurações bem diferenciadas e com qualificativos inéditos no que diz respeito aos componentes tecnológicos considerados de ponta, principalmente no que diz respeito à miniaturização de *chips* e à difusão do uso de satélites na orientação das comunicações em geral.

A técnica tem sido assunto tratado pelos geógrafos. Santos (2008a) considera o meio técnico como integrado ao meio geográfico; em momentos históricos diferentes eles se explicam. Mas a partir da década de 1970, essa correlação passa a ter um novo conteúdo, toma uma nova forma, e o espaço geográfico passa a se materializar através de um meio técnico-científico-informacional. A técnica projeta-se pelo mercado, e o mercado, por meio da técnica, torna-se um mercado global, com uma intencionalidade na produção, comercialização, localização; por conseguinte, esse funcionamento só ocorre em todas as escalas devido à técnica informacional.

As técnicas, em nossa avaliação, podem ser consideradas como um conjunto de métodos e processos aplicados à determinada atividade humana. Os seres humanos foram ao longo dos tempos desenvolvendo, adquirindo habilidades e conhecimentos para produzir coisas, a fim de se adaptarem aos ambientes de vida ou para criar facilidades no cotidiano.

Em nossa perspectiva de análise, consideramos que as tecnologias da informação, as tecnologias comunicacionais, são conteúdos inerentes à globalização. Elas dão condições para a competição, a hierarquização e a consistência do capitalismo em suas diferentes dimensões. Santos (2008b), afirma que não é possível analisar apenas o meio técnico-científico a partir das articulações dos modos de produção internacional – seja das grandes corporações, seja das formas políticas engendradas nos Estados, oriundas da racionalidade hegemônica que anui esse poder.

Pensamos como Santos (2008b) quando este diz que a técnica da informação hoje se traduz no uso do tempo, no meio para a convergência dos momentos, e possibilita a simultaneidade das ações de forma instantânea. Mas, ela também resulta de uma postura ideológica, respondendo às políticas das empresas globais, dos grupos hegemônicos, e mascarando-se nos pequenos sujeitos sociais:

A técnica apresenta-se ao homem comum como um mistério, uma banalidade. De fato, a técnica é mais aceita do que compreendida. Como tudo parece dela depender, ela se apresenta como uma necessidade universal, uma presença indiscutível, dotada de uma força quase divina à qual os homens acabam se rendendo sem buscar entendê-la. É um fato comum no cotidiano de todos, por conseguinte, uma banalidade, mas seus fundamentos e seu alcance escapam à percepção imediata, daí seu mistério. (SANTOS, 2008b, p. 45)

Porém, afora esse fetichismo que envolve as novas tecnologias, Milton Santos (2008b) propõe que é através dessa técnica que há possibilidade de superação da racionalidade hegemônica, pois o computador, os novos instrumentos estão se tornando mais acessíveis. O autor acredita na profusão do novo, da criatividade: “As técnicas contemporâneas são mais fáceis de inventar, imitar ou reproduzir que os modos de fazer que as precederam.” (SANTOS, 2008b, p.165)

Com outro olhar, Ianni (1999^a, p.27) destaca as práticas tecnológicas como elementos que permitem atravessar fronteiras, asseverando inclusive que há a ilusão do mundo imediato, “sem geografia nem história”. As técnicas:

[...] estão articuladas em si, entre si, seguindo a mesma sistemática, em geral a mesma língua, predominantemente o inglês. E permitem transmitir, modificar, inventar e transfiguram signos e mensagens que se mundializam. Correm o mundo de modo instantâneo e desterritorializado, elidindo a duração.

A ilusão de um mundo sem fronteiras ou a homogeneização devida aos usos de novas tecnologias informacionais foi e é um tema debatido por muitos teóricos e pela racionalidade técnica que mantém articulados os mercados financeiros mundiais, porque as tecnologias atendem bem esses setores, mas não contemplam o social em suas diversidades. No entanto em outro momento Ianni (1999b, p. 119) aborda o tema na vertente das relações e consequências sociais desses eventos, mas não foge da questão da homogeneidade:

A tecnificação das formas sociais de vida e trabalho, produção e reprodução material e espiritual espalham-se por todos os lugares e recantos do mundo e indivíduos. A razão instrumental generaliza-se, adquire preeminência, funda ações e relações, processos e estruturas. Os produtos da ciência transformam-se em técnicas, signos,

emblemas, fetiches, ao mesmo tempo organizam a atividade e a imaginação em toda a parte e no íntimo de cada indivíduo.

Apesar de o autor esforçar-se em salvaguardar o indivíduo no processo, discordamos de seu pensamento homogeneizador, pois, para nós, globalização não significa generalização. Consideramos que o conteúdo tecnológico é um dos itens que se materializa no vivido dos sujeitos em suas relações de produção e reprodução social, inclusive dando visibilidade às desigualdades sociais. Renato Ortiz (2006)²³ exemplifica com propriedade a falsa ideia da total integração do mundo acarretada pelas novas tecnologias:

Não há dúvida que os meios informáticos conectam grupos diferentes. Entretanto, é falsa a ideia de que conexão seja sinônimo de integração. O mundo atual encontra-se conectado, mas não necessariamente integrado. A noção de integração nos remete a outro universo, cultural e social, e não meramente técnico como a de conexão. Posso escutar uma rádio da Croácia pela internet, mas preciso entender servo-croata para saber o que está acontecendo.

Nessa reflexão sobre o aparato instrumental, e buscando especificidades, têm-se as tecnologias como condição do social, principalmente aquelas de uso pessoal, como computadores pessoais, “mps”, celulares, “Ipod”, “Ifone”, que, entre outras²⁴, exercem um fascínio muito grande. As transformações, a mutabilidade rápida dos meios de comunicação, as formas de apresentação e representação da realidade em minúsculos aparelhos dão condições para que o imaginário humano perca-se nessa materialidade.

Além do mais, a fundamentação social dá-se, principalmente, porque tais tecnologias passam a ser item necessário e indispensável no uso cotidiano. Agregam benesses, inovações e dependência para àqueles que dela fazem uso, pois as relações interpessoais, comerciais, enfim, qualquer que seja o nível de relacionamento dos indivíduos, está atrelado às novas tecnologias.

Cabe aqui a observação do professor João, nosso entrevistado, quando diz que “a criança já vai para a creche com o celular”, que “os alunos têm celular de última geração, igual ao meu”. Interessante observar a naturalidade conferida ao consumo e uso de tecnologias de ponta, mesmo por pessoas de classes mais populares. O mesmo professor também fez alusões comparativas a sua vivência quando essas técnicas não existiam, ou não

²³ ORTIZ, R. *Des(a)finando o Coro Global*. Sala de Imprensa. Unicamp. Disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/maio2006/ju325pag4-5.html. Acesso em: 12/02/2010.

²⁴ Os satélites, os aparelhos de comunicação e informação (televisões, rádio-comunicador, computadores, aparelhos da telefonia em geral) são os aparatos materiais que dão condições de perfazerem-se ações midiáticas, informacionais e comunicacionais.

eram acessíveis às pessoas em geral (restringiam-se ao sistema empresarial ou a uma pequena elite), vivência que se diferencia daquela do jovem nos dias de hoje, que dá um sentido concernente às tecnologias informacionais e comunicacionais no nível de suas relações interpessoais, com dificuldade de imaginar um mundo sem todo esse aparato tecnológico. As respostas dadas pelos alunos, nos questionários oferecidos por nós, a respeito do nível de importância desses itens em suas vidas, dá bem essa dimensão.

	Qual a importância do celular na sua vida?	Qual a importância da internet na sua vida?	Imagine se não existisse celular, internet, Mps, como seria sua vida?
1	Muito importante.	Para falar com minha família.	Ruim, a metade do mundo depende disso.
8	Comunicar melhor.	Ficar por dentro de tudo.	Normal, a tecnologia é para fazer tudo mais prático.
9	Comunicar com amigos e familiares.	Para ter mais conhecimento.	Não daria para me comunicar com facilidade.
18	Não tenho, não sinto falta.	Não tenho, uso <i>lan house</i> .	Seria complicado, pois essa tecnologia veio para facilitar nossas vidas.
41	Comunicação, fotografar, ouvir música.	É muito importante para tudo na minha vida.	Não ia ter a menor graça, porque uso esses aparelhos todos os dias.

Quadro 5 - Respostas dadas pelos alunos da escola em que foi realizada a pesquisa, sobre a importância da tecnologia informacional e comunicacional para os jovens

Ter e usar tecnologias de ponta significa estar socialmente incluído. Esses materiais saíram da condição do supérfluo para a condição de necessidades básicas, na perspectiva de quem os possui e usa. A acessibilidade ao consumo já não é um obstáculo. O acesso ao uso e à aquisição dos produtos dessas tecnologias abrange boa parte da população, mesmo a de renda mais baixa – isso não significa preços baixos, mas a existência de facilidades como crediários populares que cativam os consumidores, principalmente os de renda mais baixa. Esse fato pode ser observado pelo resultado dos questionários, que mostram, em um total de 259 respostas, 54% dos alunos (140) têm renda familiar de até dois salários mínimos, dos quais 51% possuem computador e 44%, computador com internet; também, dos 140 alunos com renda familiar de até dois salários mínimos, 61% responderam que possuem aparelho de celular. Estreitando a observação, dos que ganham até um salário mínimo – que correspondem a 66 alunos, 59% responderam que tem computador – 44% têm computador com internet; 79% possuem aparelho de celular. Do total dos alunos (259), apenas 8% alegaram não possuir

nenhum dos itens sobre os quais foram questionados (computador, aparelho celular, tocador portátil de música).

É evidente que o fato chama atenção, não exatamente em função de os alunos possuírem os aparatos tecnológicos, mas em função da necessidade de pagamento para viabilizar o consumo dos serviços informacionais e comunicacionais. Lembramos que os serviços são considerados por Harvey (2009) no rol das mercadorias, carregando consigo a materialidade do capitalismo. Trata-se de serviços caros e combinados em regras de mercado monopolista apoiado pelo Estado, com cargas tributárias e taxas altas, que garantem os caminhos do lucro e o arrocho da renda familiar.

Pensamos que todos têm direito a estar integrado e interconectado com os acontecimentos e também fazendo acontecer os fatos no lugar e no mundo, a partir do uso e usufruto dos objetos tecnológicos socialmente materializados nas relações sociais. Coadunamos com Paulo Freire (1984, p. 1), que alerta:

[...] para mim, a questão que se coloca é: a serviço de quem as máquinas e a tecnologia avançada estão? Quero saber a favor de quem, ou contra quem as máquinas estão sendo postas em uso [...] Para mim os computadores são um negócio extraordinário.

É um alerta explícito quanto à suscetibilidade do aparato tecnológico a prestar-se, como tantos outros aparatos midiáticos, às políticas de toda ordem e aos interesses do capitalismo, que inclusive desfruta de amplos privilégios tanto na fabricação, no oferecimento de serviços, como na manutenção e atualização de programas, além de sustentar todo um império megafinanceiro que foge do nosso olhar particularizado no cotidiano. Se por um lado as máquinas resultam da criatividade humana, por outro também colaboram para que tal criatividade fomente situações adversas, que hoje mais se prestam à convivência pacífica de aceitação dos projetos capitalistas que vêm arrolados no âmbito da globalização.

O informacional e o comunicacional têm seu custo, mas, como citamos, também congregam benesses no cotidiano, nas relações interpessoais, nas particularidades do vivido e sentido pelos sujeitos nos lugares de vivência e não-vivência, já que é através dessa tecnologia que se têm condições para as interconexões, integrações rápidas e imediatas entre diferentes pontos do planeta. Em que pesem as benfeitorias dos recursos tecnológicos, não se pode deixar de fazer as relações dialéticas com o todo, como temos nos posicionado.

Não há como falar em interconexão, comunicação, rapidez nas transmissões de mensagens, imagens, mercadorias, sem destacar o tema rede, que toma relevância na medida

em que faz valer a mobilidade da técnica informacional e comunicacional. É disso que tratamos no item a seguir.

3.3 REDES TÉCNICAS E SOCIAIS – MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA: LUGAR – MUNDO - LUGAR

A palavra “rede” é polissêmica, adquirindo acepções diferentes segundo as intenções de seu uso teórico ou prático. Nós optamos pelo enfoque direcional e materializado da globalização em seu sentido técnico e social. As redes têm a conotação da comunicação e informação, agregando as qualidades de simultaneidade e instantaneidade.

Castells (2000) estabelece um contexto social, político e econômico, ao considerar a sociedade contemporânea como sociedade globalizada, tendo em seu eixo explicativo as técnicas informacionais e o conhecimento. Ele destaca a “sociedade em rede” composta pela “sociedade da informação”, aquela que recebe os impactos informacionais, e a “sociedade informacional”, aquela que expande as redes:

[...] rede é um conjunto de nós interconectados. [...] Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação. (CASTELLS, 2000, p. 498-499)

O autor parte da revolução da tecnologia da informação para articular os modos de produção, questões políticas, sociais e a globalização. As novas tecnologias da informação e comunicação possibilitam a comunicação em tempo real, a descentralização de tarefas, independentemente da distância. Para Castells (2000), a sociedade e a economia informacional imbricam-se e estruturam-se em redes – trata-se de um novo paradigma, que diz respeito a um processo tecnológico, político e sociocultural.

Milton Santos (2008a) dedica um capítulo ao assunto – “Por uma geografia das redes” –, apresentando-nos duas conotações que colaboram para o entendimento do efeito “rede” no espaço geográfico, que pode ser material e social. A rede social imbrica-se à rede material, que se atrela às técnicas, à materialidade das telecomunicações, dos meios de transportes, enfim, tem relação com a estrutura física. As redes social e política são constituídas “pelas pessoas, mensagens, valores que a frequentam. Sem isso, e a despeito da materialidade com que se impõe aos nossos sentidos, a rede é, na verdade, uma mera abstração.” (SANTOS, 2008a, p. 262).

Com o avanço da tecnologia, elas passam a estruturar a economia, submetem-se a regras e normas. Nesse contexto, o tempo ganha outra interpretação, é o tempo social de um

indivíduo ou de um grupo de indivíduos. Mas mesmo com toda a tecnologia, a rede instalada, os espaços continuam diferenciados. Ainda há muitos lugares no planeta que não fazem parte desse desenho reticular:

E onde as redes existem, elas não são uniformes. Num mesmo subespaço, há uma superposição de redes afluentes e tributárias, constelações de pontos e traçados de linhas. Levando em conta seu aproveitamento social, registram-se desigualdades no uso e é diverso o papel dos agentes no processo de controle e de regulação do seu funcionamento. (SANTOS 2008a, p. 268)

Fica clara a seletividade dos lugares, que estão condicionados aos investimentos, à maior ou menor intensidade de capital direcionado à circulação de mercadorias, mensagens, valores e pessoas. As redes materializam-se em níveis de solidariedade, que Santos (2008a) define como a coexistência entre os sujeitos sociais, que se pronunciam no nível mundial, territorial (através de um país, um Estado, apresenta fronteiras) e local. Neste último, elas são particularizadas, tendo uma “dimensão única e socialmente concreta, graças à ocorrência, na contigüidade, de fenômenos sociais agregados [...]” (SANTOS, 2008 a, p. 270).

Ainda na relação das redes com o lugar, considerando o processo de valorização-desvalorização dos lugares, Carlos (1996, p. 49) afirma que isso ocorre de acordo com “sua situação [do lugar] como ponto estratégico dentro do sistema de reprodução ampliada das relações sociais enquanto lugares estratégicos controlados por estruturas que permitem ao sistema mundial se manter e reproduzir.” Os conteúdos da globalização funcionalizam nos lugares, mesmo porque a rede também é expressão do capitalismo, conforme reflexão da autora:

Um lugar contém sempre o global, é específico e mundial, articula-se a uma rede de lugares. Apóia-se numa rede de difusão – de fluxos de informação, bens e serviços, processo que tem como pano de fundo a mundialização da sociedade, da economia, da cultura e do espaço que se constitui cada vez mais um espaço mundial articulado e conectado, o que implica um novo olhar sobre o local.” (CARLOS, 1996, p. 49)

Para a autora, a rede é um item mediador dos processos que se perfazem no local e global, mascarando o que ela denomina de mundialização da sociedade e embutindo elementos como economia e cultura, que se implicam nessa mesma sociedade, constituindo o espaço mundial articulado.

A rede no contexto do lugar revela a diminuição das distâncias em relação ao tempo, por conta dos fluxos de informação e comunicação; o espaço é concreto, e torna-se mais contínuo e fluído. A partir daí, segundo Carlos (1996, p. 28), o lugar se redefine, “a situação muda na trama relativa das relações que ele estabelece com os outros lugares no processo em curso de globalização que altera a situação dos lugares porque relativiza o sentido da

localização.” Nessa perspectiva, é preciso levar-se em conta a acumulação de tecnologias e pensar que o lugar perde o sentido de único, porque interage com outros lugares e outras sociedades, e mundializa-se, articulado pela funcionalidade da “imaterialidade do processo de produção” (Carlos, 1996, p. 44), que é como a autora denomina o conjunto das novas tecnologias, que reconfiguram as relações do lugar com o global:

O sentido do mundial é aquele das redes de fluxos, das inter-relações pelos satélites dando um novo sentido para o espaço e para o tempo. Nova velocidade, fruto da revolução técnica e do desenvolvimento da informática, das *superhigh-ways*, produto do desenvolvimento do binômio indústria tecnologia que torna mais flexível a localização e que requer a reconstituição dos lugares. (CARLOS, 1996, p. 46)

Concordamos com a autora, que dá um caráter de fluidez às redes associando-as ao sistema produtivo e sua relação na constituição dos lugares. Mesmo porque a dinâmica das redes dá visibilidade às desigualdades no espaço social, elas são manifestas no lugar mediante diferentes engendramentos e propostas do econômico. Repercutem e reproduzem entre os diversos sujeitos nos lugares, movimentos e complexidades que só podem ser entendidas no processo da globalização, criando-se lógicas próprias e constitutivas desse evento.

Pensamos que as redes são virtuais, porém também reais, pois em seu processo são animadas por uma dinâmica social que possibilita concentração e dispersão, integração ou desintegração, sempre condicionadas na lógica capitalista em busca de maior produtividade. As redes categorizam-se pela fluidez, instantaneidade e simultaneidade, itens que se articulam e dialetizam na globalização, em correspondência direta com os modos de produção e os modos de vivência das pessoas nos lugares.

O lugar vai tomando expressão e sentido próprio em nosso texto, mostrando-se em sua dinâmica da e na globalização. A globalização como teoria dá tom aos lugares, que se complexificam no todo, consistindo assim nas nossas reflexões. A dialética está na:

Busca, portanto, o *movimento profundo* (essencial) que se oculta sob o movimento superficial. A conexão lógica (dialética) das idéias reproduz (reflete), cada vez mais profundamente, a conexão das coisas. [...] *captar a ligação, a unidade, o movimento que engendra os contraditórios, que os opõe, que faz com que se choquem, que os quebra ou os supera.* (LEFEBVRE, 1995, p.238, grifo do autor)

Nosso pensamento não se rompe diante de novos itens da pesquisa: ele projeta-se na mesma ótica, nas partes e no todo, nas contradições, na essência que dá forma a aparência..

3.4. LUGAR - GLOBALIZAÇÃO – LUGAR

Sem a intenção de conceituar ou categorizar o lugar, Renato Ortiz (1994, p. 30) enfatiza que para o processo de mundialização “existir ele deve se localizar, enraizar-se nas práticas cotidianas dos homens, sem o que seria uma expressão abstrata das relações sociais.”

Assim Santos (2008) assevera que no lugar realiza-se o cotidiano partilhado entre as mais diversas pessoas, empresas, organizações e instituições políticas de ordens diversas; existe a cooperação e o conflito. Esses elementos são a base da vida em comum e do compartilhamento da vida social, sobrevivendo igualmente a individualização, a identidade.

O lugar é o quadro de uma referência pragmática do mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 2008a, p. 322)

O sentido de lugar, para o autor condiciona-se a partir das referências do mundo, mas ele é também onde ocorrem as singularidades, onde se totaliza a vida, e não há como discorrer sobre globalização sem pensar nos acontecimentos e fatos que concretizam as práticas sociais, econômicas e políticas. Santos (2008b, p. 112) dialetiza a relação entre mundo e lugar:

[...] os lugares que realizam e revelam o mundo, tornando-o historicizado e geografizado, isto é, empericizado. Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos e individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares.

Ainda no pensamento dialético, uma referência importante para entender os lugares, segundo Santos (2008a, 2008b) é a verticalidade e a horizontalidade em situação de dinâmicas. A horizontalidade refere-se à contiguidade, corresponde às relações sociais do grupo, à existência comum em território comum. A verticalidade relaciona-se à integração funcional, envolve o processo produtivo, em suas relações de acumulação e produção de capital; ela se faz presente por meio de empresas representantes do poder hegemônico. As verticalidades também podem “ser definidas em um território, como um conjunto de pontos formando um espaço de fluxos” (SANTOS, 2008b, p. 105), pontos que estão articulados aos interesses globais e correspondem às tarefas produtivas hegemônicas. De maneira geral, a verticalidade vai condicionar para maior ou menor qualidade, conforme assevera o autor:

As verticalidades são vetores de uma racionalidade superior e do discurso pragmático dos setores hegemônicos, criando um cotidiano obediente e disciplinado. As horizontalidades são tanto o lugar da finalidade imposta de fora, de longe, e de cima, quanto da contrafinalidade, localmente gerada. (SANTOS, 2008a, p. 286)

Trata-se do espaço concreto de possibilidades das manifestações individuais, mesmo que passiva, mas em função ou em derivação das dinâmicas que se perfazem nos interesses do capitalismo.

Com outra perspectiva de análise, porém com o mesmo escopo da lógica capitalista, o geógrafo Richard Peet (2000) destaca que no capitalismo a produção é direcionada às oportunidades de lucro e não às necessidades sociais. O lucro é realizado quando o bem é vendido; logo as mudanças ocorrem rapidamente, e a moda e a obsolescência fazem parte da vida capitalista. O mercado é considerado uma instituição anônima e obscurece a origem do produto que pode ser proveniente de um modo devastador da natureza ou explorador do trabalhador. O teórico afirma que “A enorme diferença entre a realidade econômica e a potencialidade de um consumo aparentemente ilimitado é uma fonte riquíssima de problemas sociais como consumo de drogas e a prática de crimes brutais.” (PEET, 2000, p. 59).

Peet busca no materialismo histórico, por meio da dialética, a compreensão do todo às partes, não suprimindo o momento das diferenças, pois é nessas diferenças que se realiza a dinâmica dos efeitos do capital, cujas consequências, provenientes dos ritmos globais que permeiam as sociedades e o vivido nos lugares, estão no escopo da vertente que toma nossa pesquisa. Consoante o discorrido, resgatamos uma das inquietações iniciais desta pesquisa, referente à narrativa do jovem que acentuou o paradoxo da insignificância do ensino e a supressão imediata das necessidades básicas, visto que a urgência do ganho rápido de dinheiro condicionava que ele se dirigisse ao comércio ilícito de drogas. Essa também é uma das consequências do contexto atual, experimentada pela carência e a escassez, em uma parcela considerável da sociedade que não tem acesso a recursos, bens e serviços em geral. Condição que dá visibilidade às desigualdades sociais incidentes nos lugares.

Vale ressaltar que os lugares subordinam-se aos interesses econômicos, configurando-se segundo uma seletividade de empreendimentos e direcionamentos de capitais ou de recursos que, mesmo sendo do Estado, estão vinculados aos interesses dos capitalistas. Podemos ressaltar que, caso o lugar não seja privilegiado por essa materialidade empreendedora, mesmo assim ele se subordina ao critério de análise: estar ou não inserido na globalização, o que também irá gerar desigualdades entre os lugares e no seu interior.

Outro aspecto importante, segundo Carlos (1996, p. 26), é entender o lugar a partir do sentido e significado daquele espaço em que o sujeito se “permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do

mundo moderno.” Nessas relações, o processo da globalização manifesta-se pela contradição do mundial e as especificidades concretas do local:

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção de vida. (CARLOS, 1996, p. 29)

Para a autora, o lugar tem um sentido bem mais amplo, não devendo ser compreendido apenas como o espaço onde se realizam as práticas diárias, mas também como aquele no qual se situam as transformações e a reprodução das relações sociais de longo prazo, do mesmo modo como se perfaz a construção física e material da vida em sociedade. Nele, realiza-se o cotidiano, o momento, o fugaz; e também a história.

Para nós, o lugar materializa toda uma ordem de grandeza, seja nas repercussões sociais, políticas, culturais e econômicas ou simplesmente nas ações individualizadas que respondem ou recriam novos momentos de possibilidades. É a expressão da globalização, contém materialidade, tem a aparência de práticas diárias, mas na essência manifesta as relações sociais de produção, bem como a construção física e material da vida em sociedade, dando visibilidade às desigualdades sociais.

Consideramos que os lugares no mundo submetem-se ao aparato dos interesses macroeconômicos, pois as empresas globais tiram proveito do uso dos espaços segundo seus empenhos econômicos – alguns deles serão merecedores de maior, menor ou nenhum investimento, criando assim formas socioespaciais de acordo com o usufruto da globalização ali materializada.

A análise da globalização como um processo como esse que propusemos não tem indicativo de um local específico, ou de uma região – é um movimento que se irradia e é irradiado em suas múltiplas formas e conteúdos, em uma interação dialética, como discutimos. Logo estabelecer um tamanho ou grandeza para as consequências nessa espacialidade pode gerar enganos, já que estamos em uma dinâmica.

3.5. COTIDIANO DO/NO LUGAR

Refletimos que entender a globalização acontecendo, materializando-se nos lugares, remete à compreensão de que o movimento é em si dialético, repercute e intensifica-se através de diversas facetas no cotidiano, nas vivências individuais. Produz formas e conteúdos sociais, que se manifestam nos indivíduos, e estes reproduzem, concretizam as diferentes nuances que vão dinamizando e dialetizando os lugares de vida, com e por meio desses sujeitos geográficos. Dentre essas formas e conteúdos da globalização, temos o consumo, que de alguma forma correlacionamos ao modo de vida do jovem neste momento sócio-histórico-cultural, a título de dialetizar a relação entre consumo e cidadania nos moldes como se configura no cotidiano do jovem e também no nosso.

Lefebvre (1991), filósofo iluminador dos estudos sobre o cotidiano, compreende-o como realização de vida com todas as contradições e conflitos que nela se produzem, em condições que se explicam pela dialética relacionada aos modos de produção, exploração, expropriação, alienação, e igualmente à apropriação do tempo e do espaço, do uso, e da superação da dominação.

Para explicitar o cotidiano e a modernidade, Lefebvre (1991, p. 37, grifo do autor), com base no pensamento de Marx, amplia a compreensão das relações de produção, dizendo que a produção não se restringe só à fabricação de produto, mas também diz respeito à “produção do ‘ser humano’ por si mesmo, no decorrer do seu desenvolvimento histórico. Isso implica a produção de *relações sociais*. Enfim, tomado em toda a sua amplitude, o termo envolve *reprodução*.” A sociedade torna-se lugar de reprodução; o capital apropria-se de tudo, desde as mercadorias à cultura (entenda-se no nível da ideologia). Logo o cotidiano é compreendido como extensão do mundo da mercadoria, e é nesse contexto da modernidade que se estabelece a cotidianidade.

Na noção de ‘produção’ se reintroduz o sentido vigoroso do termo produção: produção de sua própria vida pelo ser humano. Além disso, o consumo reaparece no esquema, dependente da produção, mas com mediações específicas: a ideologia, a cultura, as instituições e organizações. (LEFEBVRE, 1991, p. 39)

Para o autor, tudo o que é produzido e construído no âmbito das instituições deve procurar sua legitimidade junto ao cotidiano, e este detém todo o sentido de produção e as mediações para garantir a reprodução social.

Em nossa perspectiva de análise, o cotidiano pode ser entendido como mediação do lugar com a globalização, já que um não se explica sem o outro. Damiani (2001) ressalta a importância do estudo do cotidiano para a compreensão dos processos que se espacializam em escala local e globalizam-se através das relações culturais, sociais e políticas. A autora afirma que:

Relacionar cotidiano e lugar é envolver as relações mais próximas, ordinárias, singulares à mundialidade. A vida cotidiana, mais íntima, ao mesmo tempo situa seu lugar na sociedade global. Pela mediação do cotidiano no lugar, somos levados dos fatos particulares à sociedade global. (DAMIANI, 2001, p. 164)

Ao efetuar essa conexão relativa ao cotidiano, a autora considera o lugar como essência da realização da vida cotidiana: “Pensar a vida cotidiana no lugar é pensar que o mundo está no lugar e o lugar no mundo, com todas as mediações necessárias.” (DAMIANI, 2001, p. 168). Assim, ela destaca o econômico e o social em relação dialética, não prescindindo do privado e do ideológico para a compreensão do cotidiano no contexto do vivido; além disso, afirma que o “cotidiano permite ao modo de produção funcionar”. (DAMIANI, 2001, p. 165).

3.6. CONSUMO E CIDADANIA

A produção se faz a partir do investimento na publicidade, na geração de necessidades e desejos de compra. O comprar nem sempre se associa à subsistência imediata, geralmente está associado a mecanismos diversos que atendem aos interesses econômicos. Assim, o consumo é um dos conteúdos das relações de produção, dando visibilidade a relações que poderiam ficar opacas, por conta de ideologias, conforme afirma Lefebvre (1971, p. 233):

O capitalismo de organização quer moldar a sociedade, modelar as relações sociais, consumidor segundo as pressões da produção (segundo as relações de produção). O consumo, ou sejam necessidades e desejo [...] O conhecimento (escravizado) e a acção (servil) empreenderam esta tarefa imensa e bem digna deles: dominar o consumo e conservar as relações de produção.

Não podemos deter-nos apenas no consumo gerado pela mídia em geral, temos de pensar que ele é inerente a nossa sociedade, inclusive no tocante a pequenas comunidades que vivem da venda de sua produção artesanal e do atendimento à demanda dos gêneros relacionados às necessidades básicas.

O consumo, mesmo que não possa efetivar-se, está presente nos desejos dos seres humanos que vivem na sociedade capitalista; ele tem conotação social e comportamental

muito intensa e densa, inclusive sendo estudado como uma categoria ou mesmo conceito cultural, explorado por teóricos que o colocam imbricado à cultura contemporânea e/ou amalgamado ao capitalismo (BAUDRILLARD, 1973, 2007; JAMESON, 1985, 2002; CANCLINI, 2003, 2008; FEATHERSTONE, 2007), conforme já explanamos.

Ao ampliar a discussão sobre o consumo, temos de retomar a questão da pós-modernidade, visto que vários teóricos denominam a sociedade desse momento como “sociedade cultura pós-moderna”, entre eles Frederic Jameson (1985), Mike Featherstone (2007), Jean Baudrillard (2007), que destacam como sua característica primordial tratar-se de uma “sociedade cultura de consumo”, marcada pela redução do indivíduo à condição de consumidor, em consequência da automatização do sistema de produção. Essa configuração social está relacionada principalmente às novas tecnologias da informação e comunicação, que permitem expandir uma mentalidade consumista, a serviço dos interesses econômicos, difundindo as maneiras de ser e de ter do homem pós-moderno. Tudo se relaciona ao consumo, como o modo de produção e de circulação dos bens, os padrões de desigualdade no acesso aos bens materiais e simbólicos. A sociedade cultura, como é designada por esses autores, está sempre se expandindo e reconduzindo o consumo às relações implicadas e reconfiguradas em novos padrões, em um processo que contém a tecnologia informacional e comunicacional como elemento enfático.

Nessa sociedade cultura, segundo Baudrillard (2007), o signo e a mercadoria em conjunto formam a “mercadoria-signo”; ou seja, a incorporação de associações que se referem a imagens e símbolos, relacionados ou não entre si, que podem ou não ter relação com o produto a ser vendido. Featherstone (2007, p. 141) complementa que este é o “mundo do ‘faz-de-conta’ da publicidade”, que domina a sociedade cultura de consumo pós-moderna e evidencia que sua característica principal é apresentar um grande número de bens, mercadorias, experiências, imagens e signos novos para que o homem pós-moderno deseje e consuma.

Nesse mesmo discurso, Harvey (2009) acentua que as imagens ou a mídia passam a fazer parte das práticas culturais e, por consequência, perfazem-se e contribuem para a ampliação do capitalismo. A publicidade como “a ‘arte oficial do capitalismo’ traz para a arte estratégias publicitárias e introduz a arte nessas mesmas estratégias” (HARVEY, 2009, p. 65), tendo, portanto, juntamente com as imagens da mídia, uma grande importância na dinâmica de crescimento do capitalismo, através da manipulação dos desejos e gostos. Tal dinâmica

vincula-se totalmente à capacidade de rapidez do mercado em explorar novas possibilidades e em sua rapidez em apresentar novos produtos, criar novas necessidades e novos desejos.

Quanto mais a vida social torna-se mediada pelo mercado global de estilos, lugares, imagens, mídia em geral, e pelos sistemas de comunicação (principalmente a internet) globalmente interligados, mais os sujeitos tornam-se desvinculados de tempos, locais, histórias e tradições específicas. Somos confrontados a um leque de diferentes situações ou culturas, que relacionadas ao consumo poderíamos dizer que são culturas apelativas, dentre as quais parece possível fazer uma escolha.

Apresentar possibilidades de escolha, também é um movimento próprio da globalização. Acesso não significa condição de aquisição. Peet (2002, p. 59) assevera: “Apanhado entre a pobreza como realidade para muitos, e o consumo desenfreado como possibilidade acenada pela mídia para todos, um povo alienado destrói as condições sociais de existência.” A mídia e os produtos estão disponibilizados para todas as pessoas, mas a aquisição está atrelada ao poder de compra e também ao conhecimento e instrução de uso do produto.

Lefebvre (1991, p. 64) enfatiza que, no contexto da publicidade e propaganda: “Não é o consumidor nem tampouco o objeto consumido que têm importância nesse mercado de imagens, é a representação do consumidor e do ato de consumir, transformado em arte de consumir.” Assim considerado, o consumo não pode ser pensado apenas na relação conjuntural das relações de produção, temos de ampliar nossa visão para novas perspectivas de análise, pois, como ressalta esse teórico, as relações de produção ampliada nos modos de relações de reprodução social dão-nos condição de dar visibilidade às práticas cotidianas, vislumbrando o consumo no mundo cotidiano com seu bojo ideológico e condicionado pelos signos, significantes e significados, embora desconexos entre si: “Ocorre uma liberação de enormes massas de *significantes* mal ligados a seus significados (palavras, frases, imagens, signos diversos). Eles flutuam à disposição da publicidade e propaganda [...]” (LEFEBVRE, 1991, p. 64, grifo do autor). O consumo de signos é condição marcante nas relações de produção e reprodução social.

Esse deslindar do consumo reconfigurado e materializado na globalização oferta condições de desvendar as relações sociais no nível do cotidiano, confirmando a afirmativa de Giddens (2007, p. 22) de que é um erro pensar na globalização no sentido estrito da ordem financeira global: “A globalização não diz respeito apenas ao que está ‘lá fora’, afastado e muito distante do indivíduo. É também um fenômeno que se dá ‘aqui dentro’, influenciando

aspectos íntimos e pessoais de nossas vidas.” Ele chama atenção para o fato de que somos a primeira geração a viver nessa sociedade, cujos contornos estão mal delineados – é uma mudança em nossa vida. Essa mudança carrega elementos a ela imbricados que espelham a globalização acontecendo, haja vista a ação da publicidade, intrinsecamente relacionada ao produto e aos desejos.

É importante enfatizar que entendemos o jovem nesse dissertar, pois sofre as pressões que embutem as apropriações, tem o desejo de consumo imediato e rápido, seus valores coadunam com os valores de mercado de consumo atribuído aos adultos.

Lembrando que o desejo, para Lefebvre (1991, p. 128), não obstante ser objeto de estudo dos psicólogos e psicanalistas, compõe-se no cotidiano, porque este também é o lugar do desejo e não-desejo, “lugar onde o desejo morre na satisfação e depois renasce das suas cinzas.” O autor considera que é um termo que designa o “ser”, objetiva sua própria realização. Dessa consideração apropriamo-nos a fim de apreender a vontade do jovem mediante essa totalidade que viemos aclarando. O desejo dele, realizado ou não, passa a ser um elemento revelador, identificador, pois é um dos itens que compõem o consumo na proposta da globalização.

Erich Fromm (1977, p. 45, grifo do autor) apresenta a seguinte fórmula para os consumidores modernos: “eu sou = o que tenho e o que consumo”. A aplicabilidade dessa expressão coaduna com o que viemos percorrendo e principalmente na relação jovem-consumo. Nesse sentido, é interessante observar as respostas dos alunos referentes à questão do desejo de compra imediata: muitas afirmativas ficaram no nível do simples gosto do “ter”, e não da necessidade básica.

	O que você deseja comprar?	Por que gostaria de comprar o que citou?
1	Muita roupa, celular.	Porque gosto.
3	Computador.	Porque é meu sonho.
4	Calçados, roupas, bijuterias.	Adoro essas coisas.
7	Um monitor, um Playstation.	Para minha satisfação.
12	Celular novo.	Porque gosto.
13	Computador melhor.	Meu desejo.
16	Celular, câmera digital.	Porque gosto.
31	Roupas.	Ficar feliz.
32	Bicicleta.	Porque gosto.
36	Tênis Oakley.	Para me sentir bem.
37	Corrente e um óculos.	É legal.

Quadro 6 - Desejo: item que compõe o consumo – respostas dos alunos da escola em que foi realizada a pesquisa, a respeito de seus desejos de compra

Muito embora as questões sobre o desejo, o ter e o ser remetam a uma situação comportamental, nas proporções em que essa equação se formaliza e mediante o delineamento desta pesquisa, percebemos o grau de relevância que o consumo toma quando analisamos as relações socioespaciais do lugar, como processo escalar na globalização.

Pensamos, como Canclini (2008, p. 65), que o consumo “é um processo em que os desejos se transformam em demandas e atos socialmente regulados”. O ato de consumir não se resume à aquisição de produtos, envolve processos socioculturais mais amplos, onde se dá o sentido à vida social: “É o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e uso dos produtos.” (CANCLINI, 2008, p. 60). Ao discorrer sobre o tema, mais especificamente na perspectiva do sistema capitalista, o autor ainda destaca:

[consumo] é o lugar em que se completa o processo iniciado com a geração de produtos, em que se realiza a expansão do capital e se reproduz a força de trabalho. Sob este enfoque, não são as necessidades ou gostos individuais que determinam o que, como e quem consome. O modo como se planifica a distribuição dos bens depende das grandes estruturas de administração do capital. Ao se organizar para prover alimento, habitação, transporte e diversão aos membros de uma sociedade, o sistema econômico ‘pensa’ como reproduzir a força de trabalho e aumentar a lucratividade dos produtos. (CANCLINI, 2008, p.61)

Nessa acepção, o argumento vai mais além, pois envolve políticas públicas, desejos, aspectos simbólicos; mas o autor assevera que tudo de alguma forma se submete à hegemonia econômica, considerando o consumo um dos aspectos do processo comunicacional e relacionando-o a práticas e apropriações culturais dos diversos sujeitos envolvidos neste sistema. Para esse teórico, o consumo não deveria ser visto somente como uma posse de objetos isolados: consumir tem relação com o que a sociedade produz e como usa. O consumo perfaz-se nas relações individuais e coletivas, o que pode ser representado pelo que é considerado modismo ou moda.

Ao discutir as questões relacionadas ao consumo, nossa crítica remete ao desencadeamento suscitado no processo do sistema capitalista atrelando o conceito da cidadania, ou seja, imbricando direitos que são intrínsecos à vivência dos cidadãos. Direitos transformados em obrigações tributáveis para aquisição, e não o acesso e uso daquilo que seria normal (moradia, saúde, transporte, educação, vestuário, lazer) à vida digna de qualquer indivíduo na sociedade.

É importante estabelecer a correlação identitária à globalização; dessa forma, Canclini (2008) fornece-nos elementos relacionais a partir da ideia de reordenamento das diferenças e desigualdades. O autor correlaciona globalização, consumo, identidade, representação política

e cidadania. Em sua ótica de análise, as relações comerciais, o consumo, os fluxos de tecnologia e cultura passam a ter nova conotação no século XX, sob a influência liberal dos Estados Unidos. Antes, os países latino-americanos tinham a cidadania assentada no modelo europeu, baseada no direito, na participação do cidadão em partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais. Posteriormente, nas últimas décadas do século XX, a participação social foi organizada através do consumo. Nesse sentido, temos o estabelecimento de uma nova ordem de relação entre o consumo e a cidadania:

Para muitos homens e mulheres, sobretudo jovens, as perguntas próprias aos cidadãos, sobre como obtermos informação e quem representa nossos interesses, são respondidas antes pelo consumo privado de bens e meios de comunicação do que pelas regras abstratas da democracia ou pela participação em organizações políticas desacreditadas. [...] a noção política de cidadania se expande ao incluir direitos de habitação, saúde, educação e a apropriação de outros bens em processo de consumo. (CANCLINI, 2008, p. 14)

O autor destaca a importância de rever o conceito de consumo, porque ele está além da aquisição de bens materiais e simbólicos, pois agregou em seu cerne situações que em princípio dizem respeito aos direitos do cidadão.

Nessa mesma perspectiva e sintonia, porém enfocando a especificidade do Brasil, Santos (2007) considera que a cidadania também se submete à dialética da vida social, pois há de se levar em conta, em seu processo, os fatores institucional, econômico, cultural e individual, que são interdependentes e interagem uns com os outros. Os excertos abaixo apresentam bem esse movimento:

Viver, tornar-se um ser no mundo, é assumir, com os demais, uma herança moral, que faz cada qual um portador das prerrogativas sociais. Direito a um teto, à comida, à educação, à saúde, à proteção contra o frio, a chuva, as intempéries; direito ao trabalho, à justiça, à liberdade e a uma existência digna. [...] O respeito ao indivíduo é a consagração da cidadania pela qual uma lista de princípios gerais e abstratos se impõe como um corpo de direitos concretos individualizados. (SANTOS, 2007, p. 19)

No Brasil a cidadania tomou outra configuração, segundo o autor, a partir da década de 1970, período do “milagre econômico”, quando se desencadearam processos sociais de vulto, que resultaram na desruralização, na urbanização exacerbada, na expansão da mídia escrita, televisionada e falada, no regime repressivo com supressão dos direitos “elementares dos indivíduos”, na valorização dos meios materiais em detrimento dos aspectos filosóficos da vida. Nesse momento, formou-se o consumidor no lugar do cidadão, e este aceita ser chamado de usuário (SANTOS, 2007, p. 25).

Esse momento histórico, no Brasil, foi delineando o perfil do consumidor, que, incentivado por linhas de crédito e pela mídia, mantém garantida a geração de necessidades, e o cidadão deixa esvair o objetivo da busca de qualidade de vida digna dentro dos direitos de um cidadão cívico.

Criadores de moda, difusores do crédito, o papel dos meios de difusão deve ser realçado como o do colaborador privilegiado das artimanhas da produção de massas estilo brasileiro, uma produção de massas contente de si mesma e necessitada apenas de um mercado voluntariamente restringido. Isso garante o não-esgotamento da revolução das esperanças – isto é, das grandes esperanças de consumir, e ajuda a colocar, como meta, não propriamente o indivíduo tornado cidadão, mas o indivíduo tornado consumidor. (SANTOS, 2007, p.28)

A cidadania e o consumidor estão para esse teórico em uma relação direta. A crítica ao sistema como está posto é bem pronunciada quando o intelectual lembra que, com a confusão entre as categorias de “cidadão e consumidor, a educação, a moradia, a saúde, o lazer, aparecem como conquistas pessoais e não como direitos sociais.” (SANTOS, 2007, p. 155).

A noção de cidadania atualmente tem seu caráter vinculado ao processo da globalização, na sua forma mediada pelo consumo. Mesmo Sacristán (2002, p. 146, grifo do autor), que objetiva sua obra nas considerações curriculares com enfoque da educação para a cidadania, analisa cidadania a partir das políticas neoliberais, da erosão dos direitos sociais, do individualismo decorrente dos desencontros da política com o cotidiano, entre outras considerações:

O predomínio que os interesses da economia nas políticas dominantes obtiveram nas sociedades modernas, valorizados acima de outras necessidades do ser humano [...] Diminui-se ou anula-se a importância do *social* – dimensão essencial da natureza humana e da educação – ao mesmo tempo em que se põem em perigo a liberdade e autonomia individuais encerradas em uma privacidade defensiva.

Não obstante a acentuada preocupação, demonstrada na abordagem do autor, com o predomínio da valoração econômica em prejuízo do social, ele apresenta a cidadania como projeto de cultura social a partir justamente desses problemas, para consolidar propostas curriculares educacionais:

Dizer que cidadania é um *modelo de ser do sujeito em sociedade*, o qual desenvolve uma *determinada forma de sociabilidade* a construir, e que sua essência consiste na idéia de *igualdade* entre todos implica propor um importante desafio que vai além das definições formais dessa igualdade e do reconhecimento dos direitos. [...] é preciso compreender esse processo de construção em relação com outros vínculos sociais que são criados na experiência cotidiana, os quais podem ser mais ou menos favoráveis ao desenvolvimento da cidadania como cultura vivida. (SACRISTAN, 2002, p. 147, grifo do autor)

Como modelo ou não, o aspecto fundamental da cidadania perfaz-se na igualdade de direitos e deveres, *status* conquistado e construído histórica e conjuntamente com o surgimento dos estados modernos, ou seja, amparado pela política e reconhecido juridicamente.

No entanto Canclini (1999, p. 37) é enfático em afirmar que, ao focar a conexão entre consumo e cidadania como estratégia política, é necessário pensar na insatisfação com o “sentido jurídico-político de cidadania”, derivando-se a conceituação para várias reivindicações particulares, como “cidadania racial”, de “gênero”, “ecológica”, enfim tantas cidadanias necessárias no tom daquilo que seria prerrogativa do Estado e que hoje se articula com o mercado.

Muito embora a relação entre consumo e cidadania, para Canclini (1999) e Santos (2007), em um primeiro momento seja apresentada como uma conexão negativa, cada um o faz de uma forma diferente, apresentando propostas de mudança. Canclini (1999, p. 42) alega que “Vincular o consumo com a cidadania requer ensaiar um reposicionamento do mercado na sociedade, tentar a reconquista imaginativa dos espaços públicos, do interesse pelo público.”, enquanto Santos (2007, p. 125) propõe um modelo cívico, para mudar o modelo político e econômico já instalado, dizendo ser necessária a consciência, mesmo em condições adversas, de uma parcela de indivíduos – já que não é possível a de todos –, pensando-se a partir de propostas da cada realidade, denominadas de “idéias-força”, o que “significa a recuperação da cultura, com a substituição da idéia de recursos, noção estreita e enganadora, pela idéia de valor, que permite o encontro com o futuro.” A ideia de recurso está atrelada ao economicismo, enquanto a de valor agrega a ação, uma “racionalidade diferente” (SANTOS, 2007, p. 126).

Pensamos na cidadania como o direito de todo cidadão ter acesso aos bens e serviços de educação, saúde, moradia, habitação, a um emprego digno que lhe dê a possibilidade de manter-se e também sustentar sua própria família com, no mínimo, um pouco de conforto, lazer e, acima de tudo, liberdade, direito de participação política, seja através do voto ou em representações comunitárias, sindicais.

A cidadania, para nós, ainda no debate de sua relação com o consumo, ganha novos espaços na globalização, devido à tecnologia, muito embora dentro da relação dialética do próprio consumo. Consideramos que a tecnologia, como consumo, também se inscreve nos modos de produção, logo ela tem um custo, que não permite que todas as pessoas tenham condições de adquirir serviços de internet; mesmo assim acreditamos que esses itens que

complexizam a globalização também instrumentalizam os indivíduos para acessar instituições que antes eram para eles nebulosas. Portanto a tecnologia, leia-se a internet, dá-nos formas de poder não apenas contatar, mas interagir com órgãos públicos e instituições as mais diversas, além de ser um instrumento articulador de ideias, assim como as outras mídias (jornais, revistas, rádio, televisão), sendo a possibilidade de interação e divulgação das ações individuais ou coletivas a única e grande diferença.

Consideramos que o consumo faz parte de nossas vidas, é dialético, estamos elucubrando a seu respeito, e dele não prescindimos. Para nós ele é um dos elementos constitutivos dos modos de produção, e a ele conferimos forma e conteúdo. Sua forma é abstrata, pois o consumo está diretamente ligado ao setor produtivo, que tem a publicidade (o *marketing*) como gerador de necessidades. Quanto ao conteúdo, este é concreto – trata-se da realização do consumo pelo cidadão na aquisição de itens – e perceptível nos modismos que vão além do necessário a uma vida digna. O “ter”, como discutimos anteriormente, sobrepõe-se ou (por que não dizer?) imbrica-se ao “ser”. No que diz respeito especificamente ao jovem, o consumo está conectado dialeticamente à rede de signos e significados que o objeto ou imagem possui em sua vida cotidiana, em suas relações sociais.

As relações dialéticas estabelecidas entre o cidadão, o consumo, o ser consumidor e ser cidadão, nos desdobramentos apresentados, fazem-nos retornar aos questionamentos iniciais a respeito do jovem vivendo os paradoxos do consumo de certos objetos com um nível de importância maior, desconsiderando outros que seriam de supressão de necessidades básicas. Pensando em como lidar com as contradições nessa complexidade dialética que trilhamos para contribuir no ensino de Geografia, visando ao desenvolvimento formativo do aluno, refletimos que o caminho possível é a mediação do cotidiano. Damiani (2001, p. 161-162, grifo da autora) assevera:

Lidando com o cotidiano, coloca-se o acento no *social*, como nível mediador entre o econômico e o político, totalmente atingido por outras esferas do real. O social não pode permanecer, em termos de análise, submerso ao econômico e ao político [...]. O econômico e o político pressionam o social, o que equivale a avaliar o empobrecimento da vida social, no sentido dela se dobrar à vida privada, num mundo tecnológico e economicamente desenvolvido.

Tratar o cotidiano, visualizar nele as contradições, o todo e a vivência é refletir para além da reprodução ampliada do capital e da sociedade, pensar outras relações sociais que também constituem a lógica capitalista.

Nessa dinâmica, chegamos ao jovem, também sujeito e atuante nesse movimento, que se rende ao ter, quando acessa as tecnologias materializadas em produtos de consumo que aparentam ser necessários e imprescindíveis em suas existências, desconsiderando outras necessidades tão importantes para sua qualidade de vida. O social enredado no econômico, tecnológico, reorientando as análises das desigualdades sociais, que se fazem reveladas por outras materialidades e com outras conotações.

O consumo se desencadeando a partir dessas ações e interconexões suscitam reflexões relativas aos novos engendramentos sociais que se estabelecem cotidiano. Percebemos que o jovem se constitui em uma circunstância de naturalidade no complexo movimento econômico em relação ao ter e obter objetos que estão incorporados no cotidiano das necessidades evidenciando, assim, a relação consumo e cidadania.

No encadeamento teórico que delineamos até o momento, observamos com clareza o lugar; lugar de contradições, incongruências, com suas variáveis positivas, negativas ou simplesmente presenciais na cotidianidade, onde se expressa a globalização.

4. GLOBALIZAÇÃO, CONTEXTUALIZAÇÃO: ARTICULAÇÃO NECESSÁRIA

Consideramos que educar é um ato que visa à convivência social, à cidadania e à tomada de consciência política. A educação escolar, além de ensinar o conhecimento científico, deve assumir a incumbência de preparar as pessoas para o exercício da cidadania.

Os objetivos da educação não mudaram com a globalização, mas há que se ressaltar as mudanças no mundo como um todo nas últimas décadas; não estamos pretendendo dizer que essas transformações têm de entrar no processo educativo, apenas no nível da informação, ou da instrumentalidade, elas têm que ser consideradas nas múltiplas relações sociais, nas congruências e vivências do jovem. Sacristán (2002, p. 24) esclarece:

A educação vê-se instigada pelas novas realidades de um mundo que se concentra (que se torna menor) sob a dinâmica desses processos que mudam as referências das quais partíamos para considerar o sujeito da educação, a sociedade na que deveria contribuir para integrá-lo e a cultura digna de ser reproduzida.

Também temos de refletir a respeito do contexto em que a educação está inserida, considerando que ela imbrica-se no sistema capitalista, agindo e reagindo no processo. Trata-se de uma relação dialética, pois na medida em que, por um lado, temos o objetivo educacional da formação cidadã do aluno, por outro temos todo um dinamismo específico da racionalidade econômica que sobressai em relação às questões formativas do indivíduo.

Desde as últimas décadas do século passado até os dias de hoje, a educação disponibiliza-se ao mercado neoliberal, passa a ser considerada mercadoria, submetida às demandas do mundo do trabalho, submetendo-se ao processo em pleno movimento da globalização. O enfoque para o desenvolvimento educacional do jovem é condicionado ao setor privado, em detrimento da democratização do conhecimento e do desenvolvimento da cidadania.

4.1. GLOBALIZAÇÃO COMO CONTEÚDO DA GEOGRAFIA NA ESCOLA

Pensar em conteúdo de uma disciplina escolar é rever e articular a realidade dos alunos perante as formas organizativas do ensino. Os procedimentos, métodos e atividades visam à objetivação do ensino em si, que tem o corolário da aprendizagem. O ensino está voltado à formação do cidadão para a vivência em sociedade. Os conteúdos fazem parte desse processo, na medida em que é através deles que o ensino é sistematizado e orientado para saberes elaborados e socialmente aceitos como intencionais no desenvolvimento social e integral do jovem; eles dizem respeito a um conjunto de conhecimentos e habilidades organizados pedagogicamente, visando à aprendizagem e a sua incorporação na vida dos alunos.

É importante e relevante considerar as diferenças etárias e histórico-sócio-culturais dos alunos no momento da seleção e adequação dos conteúdos, visto que estes se constroem nos níveis de abstração e significação que tomam na relação entre ensino e aprendizagem.

Sacristán (2002, p. 75) constituiu elementos culturais, sociais, para a intencionalidade do que se ensina nas escolas: considera a cultura como “aquilo que é compartilhado por um grupo determinado de sujeitos.”, e a dimensão cultural da globalização é um “efeito colateral dos processos de globalização política e econômica.” As argumentações desse teórico trilham no caminho da identidade, da mestiçagem cultural, sempre como decorrência de um movimento maior, mas com consequências locais e perceptíveis nas identidades culturais dos grupos sociais:

Em termos gerais, globalização significa o estabelecimento de interconexões entre países ou partes do mundo, intercambiando-se as formas de viver de seus indivíduos, o que eles pensam e fazem, criando-se interdependências na economia, na defesa, na cultura, na ciência, na tecnologia, nas comunicações, nos hábitos de vida, nas formas de expressão, etc. Trata-se de uma relação que afeta tanto a atividade produtiva quanto a vida familiar, a atividade cotidiana, o lazer, o pensamento, a arte, as relações humanas em geral, embora o faça de maneiras distintas em cada caso. (SACRISTAN, 2002, p.71)

As difusões, e misturas culturais como condição histórica, mas a expansão, acentuação e dimensão desse intercâmbio aumentaram muito em decorrência das novas tecnologias que possibilitam fluidez das comunicações e informações. Ortiz (1994) argumenta que as pessoas podem sentir-se mais ou menos globais, pertencentes a uma ou outra cultura, devido à diversidade de opções que compõe a mundialização cultural, que compartilham a existência com os símbolos e significados da cultura local, não se sobrepõem a eles.

Quanto às técnicas instrumentais, elas sempre fizeram parte dos materiais e objetos nas escolas; hoje, com as novas tecnologias, fica clara a preocupação com o uso instrumental

desses equipamentos para o desenvolvimento curricular dos conteúdos. Sacristán (2002, p. 67) diz ser necessária a incorporação e o uso das novas tecnologias em suas diferentes formas de expressão e comunicação na educação, que traduzem uma experiência vicária: “O mundo acessível para alguns é potencialmente mais amplo e permite-se entendê-lo em sua complexidade global [...]”. Para considerar a complexidade global, têm de se levar em conta as condições de contato com a realidade do mundo da natureza, do mundo social e do cultural, que são possibilidades de experiências mediadas por diversas tecnologias, constituindo os procedimentos para seleção de conteúdos escolares nas diferentes áreas do conhecimento, contribuindo para o ensino de forma geral.

Em nosso entendimento, é imperiosa a reflexão a respeito do conteúdo da globalização nas aulas de Geografia, observando as variáveis aqui apresentadas e pensando como Pontuschka (2001, p. 132): “Faz-se necessário questionar os conteúdos geográficos que estão sendo ensinados e os métodos utilizados perguntando-se sempre se o saber transmitido está realmente a serviço do estudante.”

Pensamos o aluno inserido no processo da globalização, constituindo-se como um cidadão no lugar, espaço das relações socioespaciais. A partir daí, é importante refletir sobre esse tema como um dos itens na formação e desenvolvimento da cidadania do jovem totalmente integrado nas incongruências e consequências desse movimento. Logo é fundamental a análise da abordagem do conteúdo, para compormos uma dissertação que reflita sobre a possibilidade de contextualização desse conteúdo, minorando as dificuldades enfrentadas pelos professores, dada a complexidade da temática.

Nossa preocupação com o desenvolvimento do conteúdo da globalização é também a incerteza de autores como Castrogiovanni (1998), que questiona: “E agora, como fica o ensino da geografia com a globalização?” – no título de um artigo, o autor coloca sua indagação e sua angústia sobre a necessidade de que esse tema não se perca das práticas pedagógicas da Geografia. Ele destaca que, com a globalização, há uma tendência às “representações estilizadas, realidades pasteurizadas e virtuais”. O homogêneo não existe, e a singularidade ainda persiste: “O ensino da geografia deve oportunizar situações em que o aluno teorize e textualize as suas significações” (CASTROGIOVANNI, 1998, p. 84-85). Existe aí uma preocupação a respeito do encaminhamento do conteúdo da globalização e da necessidade de não engessar o tema.

A orientação da pesquisa, mediante a exposição teórica que viemos constituindo, visa à análise da abordagem do conteúdo da globalização, no último ano do Ensino Fundamental, não perdendo de vista, principalmente, sua contextualização.

4.2. ENCONTRO ARTICULADOR

A opção teórica e a reflexão realizadas neste trabalho, em um primeiro momento, emanaram das constatações feitas por nós ao longo da trajetória no magistério público do Ensino Fundamental e Médio; no entanto, em que pese nossa postura, a fundamentação teórica só se faz validada mediante o rigor empírico da pesquisa que ora articulamos, a fim de sugerir encaminhamentos que possam contribuir no desenvolvimento do conteúdo da globalização em sala de aula.

Compilamos os dados obtidos a partir das entrevistas com os professores, constituindo quadros para visualizar as perspectivas diferentes ou não, seguidos da análise do item destacado.

Em uma apreciação geral dos relatos, averiguamos que os professores João e Jane têm uma preocupação muito grande quanto ao caráter econômico da globalização – suas falas são mais longas nesses itens. Já o professor Manuel tem na cultura o escopo para ministrar o conteúdo relativo a esse tema.

Os itens elencados e sua apresentação não têm nenhum critério ou ordem de importância, todos se perfazem para constituir a abordagem do tema em sua totalidade.

4.2.1 Dificuldades na abordagem do conteúdo globalização em sala de aula

No que toca à abordagem do conteúdo, percebemos que é comum a dificuldade de atrelar o tema à prática, dada a complexidade do assunto, tanto para os próprios docentes como também por conta da imaturidade dos jovens.

Professor João

Porque a globalização é um tema muito complexo; a gente trabalhar globalização simplesmente por globalização é abstrato.

É, eu lembro bem da dificuldade para eu começar a entender a globalização... Uma professora do Departamento de Geografia da USP, em um seminário de que eu participei há uns anos atrás, passou duas horas para a gente tentar entender o que era globalização. Então na sala de aula é muito mais

abstrato para o aluno.

Os conceitos mais específicos, como lucro, mercado consumidor, concorrência, exploração da mão de obra, iniciativa privada, estatização, expansão, entre outros são base do capitalismo, e sem eles fica difícil passar para esse campo da globalização. Entender o que é capitalismo é fundamental no processo de entendimento do que é globalização.

Professor Manuel

No regular, considerando a escola em que trabalho, que é de periferia, tudo demora demais por causa da indisciplina, falta de atenção.

A indisciplina e o déficit de atenção são os maiores problemas no desenvolvimento de qualquer conteúdo. E, talvez, um aspecto negativo da globalização seja o fato de o conhecimento escolar estar banalizado. Aí gera dificuldade em falar de globalização, que é um assunto abstrato. É complicado.

[Dou] Exemplo de como houve uma assimilação de cultura globalizada e valorizando a sua própria. E para trabalhar com o aluno é mais fácil dessa forma, porque economia é muito difícil de ele se interessar.

Professora Jane

Trabalhar nesse contexto (globalização) é complicado.

Não é um assunto fácil, é extremamente complexo.

Tudo isso nós tentamos mostrar. É difícil, é muito difícil.

Quadro 7 - Dificuldades na abordagem do conteúdo globalização em sala de aula, segundo os professores entrevistados

Os professores afirmam que o tema globalização é complexo. Chama-nos atenção o fato de o professor Manuel dizer que o conhecimento está banalizado em função da própria globalização. Não obstante as diversas variáveis referentes aos problemas de ensino e aprendizagem, salientamos que realmente ocorre a vulgarização do tema da globalização. Os significados associados a esse processo estão muito mais ligados ao que Canclini (2003, p. 10) denomina de “globalizações tangenciais”, em função de a própria globalização ainda não ser um objeto de estudo delimitado, o que acarreta que sua leitura e interpretação deem-se segundo o perfil de quem as faz. Muito embora, o autor referir-se aos economistas, acadêmicos e políticos em geral, também podemos nos apropriar dessa visão a título de explicar a fala do professor Manuel, que dialetiza o tema no ensino, visto que a globalização faz-se manifesta na contradição dos interesses capitalista. O ensino dos conteúdos teria de fomentar e estimular novos encaminhamentos de reflexão, mas ele acaba se rendendo às esferas da racionalidade que, através das técnicas informacionais, banaliza-o ou vulgariza-o.

Além do mais, é fundamental a afirmativa dos professores em relação à complexidade do tema, que inclusive parece-nos óbvia, pois as dificuldades implicadas no conteúdo da globalização, constatadas por nós no decorrer da pesquisa teórica, comprovam que o tema está

para além de retóricas, discursos e até de conceitos estabelecidos, sendo amplo e abrindo precedentes para diferentes posturas e enfoques.

4.2.2 Objetivos na articulação do tema globalização em sala de aula

No que concerne aos objetivos dos professores na abordagem do conteúdo da globalização e temas correlatos em sala de aula, pudemos compilar alguns depoimentos interessantes.

Professor João

O objetivo é contextualizar o aluno, enquanto sujeito, e não separado, desvinculado do mundo que está aí; ele faz parte do mundo. Ele tem de se entender nesse processo, e qual é o papel dele. Então o nosso objetivo é contextualizar o próprio indivíduo com relação ao coletivo.

Eles percebem que precisam estudar, é o que mais de imediato bate. Se não estudarem estão fora do mercado. Até porque entender o que é mercado para eles é difícil nessa fase da vida, mas eles sabem aquilo que o pai fala: precisa estudar para trabalhar, mas trabalhar no quê? Como? Onde? Quando? E como funciona isso, hoje?

[...] mas trabalhar pra quê? Pra quem? Por quê? É o que eu quero que eles questionem, quando a gente trabalha a questão do capitalismo. Eles têm de entender qual o papel deles, enquanto trabalhadores; por que não dizer enquanto empresários, por que não? O objetivo, a questão que trago clara é, ele se “identificar”, talvez não seja essa palavra, mas é ele entender seu papel no mundo em que está.

[...] quando eu chego à fase em que eles perceberam que estudar é para trabalhar, [o processo pedagógico] já atingiu um bom nível, aí eles vão entender o que é esse processo de trabalho, o que é trabalhar, porque daqui a dois, três anos muitos vão começar a trabalhar, mesmo que pese a exploração.

É interagir com o mundo em que vive. Ele não pode estar alienado do contexto socioeconômico em que está inserido. Apesar de a grande maioria dos jovens não sistematizar seu papel dentro da globalização, percebem o movimento e o sentido dela. Mas sem entender melhor, não conseguiriam traçar um caminho nos objetivos mais práticos da vida. Como, por exemplo, quanto a sua formação, seu trabalho e até expectativas pessoais.

Professor Manuel

Trabalho a questão da globalização cultural, globalização econômica, a questão das áreas excluídas da globalização, as partes positivas e negativas da globalização. Sempre coloco a globalização desses dois lados: trabalho o que é positivo e também o que é negativo: a exclusão; a sobreposição da cultura de massas sobre as culturas regionais, locais; a imposição de certos valores; o “imperialismo” de certos países, impondo sua cultura a países excluídos. Trabalho também a parte de tecnologia, a importância nessa área da ciência. Sempre tentando fazer esse contraponto entre os lados positivos e negativos, que é inexorável. Não adianta [ficar apenas] com a postura crítica, simplesmente contrária: a globalização gerou malefícios sociais nos países mais pobres. É tentar entender o que tem de positivo e negativo nesse processo.

Professora Jane

A globalização, como conteúdo, é para o aluno poder se inserir nesse mundo. Para entender a realidade, o que essa globalização traz, benefícios e consequências, e como o aluno está inserido nisso. Entra a questão do mercado de trabalho, a importância de ele estar estudando. Você tem um leque de informações muito grande, e hoje em dia é até complicado ir fechando o assunto. E a

intenção é fazer com que eles (alunos) entendam o que a globalização traz para eles enquanto alunos, até para arrumar um emprego. Hoje em dia eles têm de ter um estudo, competência, habilidade. Falo para os alunos que hoje em dia há a globalização, há um monte de facilidades, a informação chegando a todo o momento, mas é necessário saber mesclar essas informações e verificar se são importantes ou não. Entender até a questão dos países desenvolvidos ou não, por que eles comandam tudo isso.

Quadro 8– Objetivos dos professores entrevistados, na articulação do tema globalização em sala de aula

Os professores João e Jane destacam como objetivo central na articulação do tema da globalização a preparação para o mercado de trabalho: o tema facilita a identificação e inserção do aluno no mundo, favorecendo o futuro do jovem quanto a sua ocupação.

Já o professor Manuel, em outra ótica, objetiva apontar os lados negativos e positivos da globalização. Como negativo, evidencia a exclusão, a sobreposição de culturas de massa às culturas regionais, a imposição de valores por países hegemônicos; como item positivo apresenta a tecnologia, os destaques científicos. O professor não tem intenção, segundo suas palavras, de salientar apenas os malefícios do processo.

Os professores João e Jane preocupam-se em orientar o aluno a perceber-se como integrante do processo da globalização, identificar-se. Neste ponto, convém lembrar Sacristan (2001, p. 179):

O ser humano chega a ser o que é graças aos vínculos que estabelece com os outros nas complexas redes sociais que o ligam com o mundo de seus semelhantes. A individualização da pessoa não vem do nada, porque é um processo que vai cristalizando-se na experiência.

O autor afirma que a identidade forma-se por meio da história individual, da família, da comunidade e da cultura em que o ser humano se desenvolve; isso nos parece lógico mas com a influência da mídia, as informações, ou seja, todo o processo da globalização, por vezes os professores podem pensar que os alunos estão perdendo referências identitárias. Essa preocupação é relevante, visto que a dimensão cultural na ótica da globalização é um dos itens que se fazem mais vulneráveis nesse processo.

4.2.3 Importância da articulação do conteúdo globalização em sala de aula

Os objetivos de um conteúdo normalmente estão atrelados à importância dada a eles, mas neste item prevalece muito da postura pessoal no que diz respeito às orientações curriculares. Não apresentamos nenhuma citação ou excerto institucional relativo às orientações curriculares²⁵, pois o caráter da pesquisa consistiu nas relações dialéticas estabelecidas entre a globalização e o lugar e o cotidiano. Independentemente de diferentes orientações institucionais, os estudos sobre o cotidiano sugerem, entre outros aspectos, a reflexão sobre a vida em suas contradições, que ocorrem em geral muito em função dos modos de produção (aí imbricadas as políticas manifestas em diferentes ordens). Concordamos com Lefebvre (2001, p. 199):

A exploração das situações cotidianas supõe uma capacidade de intervenção, uma possibilidade de mudança (de reorganização) no cotidiano, que não são do domínio de uma instituição racionalizadora ou planificadora. Semelhante práxis pode ser preparada seja pela análise conceptual, seja por experiências ‘sócio-analíticas’.

Sob esse prisma, é fundamental saber se o conteúdo da globalização, para o professor, conduz-se nos níveis apenas e unicamente da obrigatoriedade institucional ou é também um elemento a mais, articulador e contextual, que vai para além do conteúdo?

Professor João

Como em Geografia a gente trabalha a questão da ocupação humana do espaço e suas transformações, a globalização, nesse sentido, causou uma total transformação na humanidade, na forma de as sociedades se apropriarem e fazerem uso dos seus bens, dos seus meios de vida. Hoje, por exemplo, com relação à tecnologia da comunicação, telefonia, veículos, [isso] era inimaginável há vinte anos. Em dez anos as transformações foram radicais: um celular hoje tem diversas funções. Nesse período “choveu” uma série de inovações, e com elas novos conceitos. A melhor forma de explicar tudo isso é por meio da Geografia, porque ela trabalha com as transformações que moldam a realidade de uma sociedade inteira. Na Geografia é bem apropriado trabalhar a globalização, quando, por exemplo, explico que hoje a criança já tem celular quando vai para uma creche, e nós só fomos adquiri-lo há pouco mais de dez anos. Então hoje nós estamos ensinando globalização e fazendo parte dela junto com os alunos. Essa é também uma perspectiva importante para passar aos alunos. Isso é Geografia.

²⁵ Os professores da Rede Municipal de Ensino de São Paulo têm nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e nas Orientações Curriculares Municipais (2007), os referenciais para o ensino de saberes selecionados na sala de aula, os quais apresentam orientações com relação ao ensino da globalização para os alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental. Tratam-se de diretrizes oficiais implementadas pelos governos Federal e Municipal. BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Geografia, Brasília: MEC, 1997.

SÃO PAULO, Secretaria Municipal de Educação. **Orientações Curriculares e Proposição de Expectativas de Aprendizagem para o Ensino Fundamental: Ciclo II** – Geografia, São Paulo: SME, 2007.

Professor Manuel

A globalização está no meu planejamento porque é um tema “super” importante, independente de PCN ou qualquer outra orientação curricular. Na oitava série do regular e no quarto termo do EJA, globalização é um preparo para o Ensino Médio, em que a abordagem será muito maior. E nesse caso os PCN orientam para isso É um tema da realidade atual, recorrente, assim como o aquecimento global, assuntos que não podem ficar fora do planejamento no Ensino Fundamental. Tem importância muito grande, fundamental. Para valorizar a própria cultura e também explicar culturas de outros países e despertar interesse do aluno por cultura. Porque a alienação é tanta que ele não tem interesse. Ele conhece meia dúzia de “funks”, música da moda, e só procura isso. Se, tem uma coisa muito boa da globalização é que se tem informação de culturas e modos de vida de países do mundo todo, não só na internet, mas alguns programas de televisão também apresentam [isso]. Um dia passou um filme cuja trilha sonora era dos ciganos dos Bálcãs. A importância desse tema na Geografia é valorizar a cultura local, geral. Despertar o interesse por cultura – adolescente não tem interesse por esse assunto. Ele valoriza a cultura massificada. Falo muito das nossas culturas regionais e depois falo das culturas do mundo.

Professora Jane

Eu acredito que o aluno precisa se situar no mundo e, o mundo está em função dessa tal globalização, então ele precisa entender o mundo. Se for institucional ou não, eu acho fundamental esse conteúdo. Até porque para analisar mapas, determinados mapas, é preciso saber sobre a globalização; trabalhar o aparecimento das cidades, das multinacionais, essa interdependência, interligação dos países, busca-se tudo isso nesse tema. Na realidade o aluno precisa fazer a leitura do mundo e, tendo essa leitura do mundo, tem-se a globalização. Você não consegue ficar fora, é muita informação, é muita tecnologia ao mesmo tempo e você tem de se situar nisso.

Quadro 9 - Importância do conteúdo da globalização em sala de aula: questão pessoal ou institucional? – a visão dos professores entrevistados

A ênfase dada ao ensino da globalização demonstra claramente que esse é um tema em destaque na educação, como citado pelos professores: “independente” de orientações curriculares, trata-se de um conteúdo mister – “Isso é Geografia”. Os professores fundamentam sua justificativa considerando elementos que perfazem a globalização no cotidiano, como a tecnologia, que é um item interlocutor na leitura de mundo; as inovações que integram o modo de vida das pessoas e sociedades como um todo; e a valorização da própria cultura através do conhecimento dela e de outras, com o uso dos instrumentos midiáticos.

A ação dos professores está intencionada nos objetivos pedagógicos e educacionais, já que o processo ensino-aprendizagem envolve a reflexão do vivido pelo aluno, a fim de contribuir para sua formação cidadã, na medida em que oferta possibilidades de o jovem entender e seu papel na sociedade e conscientizar-se dele, nas formas interativas e integrativas que se perfazem em seu cotidiano.

4.2.4 Contextualização do tema globalização em sala de aula

Contextualizar é compreender as práticas sociais dos alunos, suas interações no lugar, sua vivência, entendê-las no nível de referências para analisar como os jovens experimentam e assimilam as diferentes dimensões da realidade geográfica do lugar e do mundo, em suas múltiplas relações. O lugar em sua simultaneidade de interconexões sócio-histórico-culturais também contribui para a identidade dos sujeitos socioculturais nas diferentes condições de ser social, expressa por meio da geografia vivida pelos alunos, no caso, o cotidiano. Sacristan (2002, p. 211) afirma: “A aprendizagem passa a ser conhecimento quando tem sentido para quem adquire, o que significa ilumina algo novo, faz de outra forma ou com um tipo de compreensão mais profunda que já se conhece por experiências prévias.”

Callai (2003, p. 58) escreve que não é o conteúdo em si o diferencial no estudo da Geografia, mas o objetivo da formação do cidadão, a partir do que é possível constituir um papel ativo na disciplina:

A geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento. [...] O aluno deve estar dentro daquilo que está estudando e não fora, deslocado e ausente daquele espaço [...] fazer da geografia uma disciplina interessante, que tenha a ver com a vida e não apenas com dados e informações que pareçam distantes da realidade e na qual possa compreender o espaço construído pela sociedade [...].

Pensamos essa correspondência, ou melhor, em um modo de contextualizar o conteúdo imbricado na realidade de vida do aluno.

A contextualização do ensino, a adequação do conteúdo à realidade do aluno possui papel integrizador, motivador, e mediador na aprendizagem do jovem. É um dos momentos da materialização do processo de ensino e aprendizagem.

Para esta pesquisa, a ação no contexto tem relevância fundamental, porque é nessa dinâmica que vemos a possibilidade de um trabalho direcionado ao ensino do tema em foco. Contextualizar o cotidiano é um dos caminhos possíveis para clarificar o processo da globalização. Dessa forma, apoiamo-nos em Damiani (2001, p. 161, 162, 164):

O cotidiano envolve outros momentos da vida social, além do trabalho, sob sua lógica, momentos que já não são alheios, ingênuos à reprodução do capitalismo. [...] Colocando-se o acento no social, coloca-se o acento na cotidianidade como nível de análise da totalidade. [...] Relacionar o cotidiano e lugar é envolver as relações próximas, ordinárias, singulares à mundialidade. A vida cotidiana, mais íntima, ao mesmo tempo, situa seu lugar na sociedade global. Pela mediação do cotidiano no lugar, somos levados dos fatos particulares à sociedade global.

Pensar no contexto é refletir o cotidiano e a cotidianidade a partir das necessidades que regem a vida do aluno como cidadão no conhecimento da realidade social. A compreensão dessa realidade, de seus contraditórios, de suas singularidades passa pelos conhecimentos geográficos que possibilitam o reconhecimento do sujeito em uma determinada organização social que dá o sentido de pertencer e compreender os mecanismos de poder que regem e orientam uma organização, suscitando possibilidades de atuação nela. Portanto esse conhecimento não é normativo, mas reflexivo e em constante transformação.

Professor João

No Ensino Fundamental II, eles [os alunos] estão muito longe da realidade do trabalho. Então a gente trabalha muito os conceitos da globalização e em que medida eles já podem, em certo grau, conseguir trazê-los para o seu cotidiano.

Eu trago [o conteúdo da globalização] a partir do que ele [o aluno] usa. Ele usa celular, ele usa tênis, ele usa tudo que tem uma marca de nome diferente, então vai perceber a globalização a partir dessa vivência cotidiana.

Então, quando se tem de trabalhar essas questões de conceitos na globalização, localização e mapa e tudo que possa refletir globalização na vida cotidiana deles, por exemplo, eu trago a questão do tênis que eles usam, da marca do celular que estão usando, do computador. E com relação ao computador, como ele usa? Ele faz o computador? Ele monta o computador? Não, ele é usuário. Então, quem fez aquele computador? Veio de onde? Aí ele começa a entender a globalização. Ele pega o celular que veio da China; pega o tênis, veio da China; pega outro equipamento de algum outro local do mundo. Aí eles começam a perceber que algumas poucas coisas que eles usam, como as roupas, talvez, estão lá “made in Brasil”; se pegam qualquer eletrônico, está lá “made in algum lugar, Coreia”. O que a gente começa a trabalhar com isso: por que não é feito no Brasil? Ah! E o carro? O carro é feito no Brasil, professor! GM, Fiat! Mas aí trabalho as questões das multinacionais, das empresas internacionais, eles vão perceber que esses veículos estão sendo fabricados no Brasil, são carros brasileiros, mas de capital de fora, e o lucro não fica aqui. Eles também entendem a globalização quando a gente trabalha essa questão.

Peguei várias características do capitalismo, vou resumindo e trabalhando cada conceito. Quando chega lá na frente num texto, numa reportagem de jornal, o aluno já teve contato com aquele conceito: mercado consumidor, mercado imobiliário. Como já trabalhei o conceito de mercado, quando eles leem “o mercado aqueceu”, “o mercado esfriou”, “a concorrência na área automobilística é muito grande”, já ligaram a palavra “mercado” ou “concorrência” ao conteúdo que trabalhei. Então eles começam a vincular todos os conceitos que dei com a notícia do jornal.

Então pedi propagandas para os alunos. Eles fizeram recortes, cartazes. O próprio livro didático pedia em uma das atividades para os alunos elaborarem propagandas. Colocamos as regras e eles fizeram as propagandas e eu percebi que eles têm muitos outros conhecimentos, filmaram, fotografaram. Quando fui perceber tinham até colocado no “you tube” [arquivo de vídeos da Google].

Professor Manuel

Geralmente eu falo de empresas multinacionais, marcas de produtos, comportamentos. Por exemplo, falo de alimentação, *fast food*. Para falar de globalização também tem de se falar de comportamentos. Aqui na periferia tem McDonald’s, então é um tipo de alimentação e marca que está na cultura brasileira e mostra a globalização. Não faz parte da nossa tradição. Essa parte da globalização eu abordo mais pela Geografia cultural. Exemplos da mídia, música (tipos de música dominante, de onde é de onde vem), de vestimenta, de internet.

Por isso eu sempre falo de música, que é uma coisa que está ali, eles estão tendo contato. Por exemplo, trabalhei o avanço do rap pelo mundo através da globalização, que chegou ao Brasil e

tomou uma forma bem brasileira; é um tipo de música que veio de fora, foi assimilada pelos brasileiros e tomou uma forma bem particularizada. Exemplo de como houve uma assimilação de cultura globalizada e valorizando a sua própria. E para trabalhar com o aluno é mais fácil dessa forma, porque por economia é muito difícil de ele se interessar.

Professora Jane

Falo para os alunos que hoje em dia tem a globalização, tem um monte de facilidades, a informação chegando a todo o momento, mas é necessário saber mesclar essas informações e verificar se são importantes ou não. Entender até a questão dos países desenvolvidos ou não, por que eles comandam tudo isso. E quem é que permanece no mercado de trabalho? Não é só terminar uma faculdade. Antigamente terminava a faculdade, você tinha emprego, era *status*. Hoje em dia não é isso. Eu tento passar isso também para os alunos.

Para estar trabalhando, incentivando-os a buscar conhecimentos, e não a gente passar as respostas. Não dar uma definição pronta para a globalização, eles é que tem de buscar.

Alguns alunos se percebem no contexto, principalmente quando o assunto é emprego, a questão da qualificação da mão de obra. Eu tento mostrar a importância de ele estar estudando e estar dentro desse mundo.

Por exemplo, eu tenho trabalhado com uma oitava [série] a questão da urbanização da Avenida Paulista, através das imagens. Você vê a globalização lá na Avenida Paulista. Trabalhei imagens, todo um processo de mudança, e hoje – como é hoje? Como é essa comunicação, hoje? De repente a Paulista virou um símbolo. Onde está a globalização ali? De repente até do local para o mundial se consegue, dá para fazer essa ligação.

Quando se fala de globalização, também vem à tona o exemplo dos jogadores que ganham muito dinheiro – mas quantos chegam aí? E se o aluno não chega ali, vai viver frustrado?

Por que tem o desemprego? Por que tem o salário mínimo? A questão de o salário mínimo ser baixo. O que é o salário mínimo?

Quadro 10 - Contextualização do tema globalização em sala de aula, segundo depoimentos dos professores entrevistados

Os professores discorrem sobre a abordagem do tema globalização em sala de aula a partir, principalmente, dos itens da tecnologia e das marcas (signos), elementos que materializam a globalização no lugar e na vida das pessoas. Eles são recorrentes em apontar a tecnologia. Pensamos na lógica dessa associação, pois, como vimos, o aparato tecnológico tem toda uma aura que o codifica no processo da globalização, mas para além disso a reflexão dá-se no todo: a tecnologia imbricada no processo e entendida nos modos de produção como mediação e mercadoria. Logo é um componente fundamental para ser resgatado como contextualizador.

No que se refere ao aspecto da relação entre a tecnologia e o conteúdo social, a Geografia e a educação podem contribuir no sentido de explicitar que a técnica – seja ela representada pelos conhecimentos e informações ofertadas pelo computador ou pelos dados informativos fornecidos – não existe sem se considerarem as relações sociais, econômicas, políticas e culturais perfazendo as práticas sociais. Freire (1984, p. 1) afirma: “O avanço da ciência e da tecnologia não é tarefa de demônios, mas sim a expressão da criatividade.”

O professor João menciona as vestimentas, o celular, os computadores, coisas de uso cotidiano, relacionando-os a partir das relações de produção com o país de origem, os modos de produção, a título de os alunos visualizarem e perceberem a globalização; trabalha com propagandas e reportagens de jornal. Voltaremos a essa fala no encaminhamento proposto ao final deste trabalho.

O professor Manuel usa exemplos de multinacionais, destaca a cadeia de restaurantes McDonald's como um dos símbolos da globalização, destaca o contraditório dessa rede emblemática, dizendo que “não faz parte da nossa tradição”. Aborda a música, no contexto da valorização cultural.

A professora Jane exemplifica seu trabalho na Avenida Paulista, as imagens, os processos de mudança; o lugar como referência para o mundo, através da representatividade desenvolvida em um contexto histórico e tornada, hoje, símbolo da cidade de São Paulo.

Ortiz (1994) sugere que um caminho possível de identificação da mundialização é através dos sinais exteriores formados por marcas como Coca-Cola ou McDonald's, entre outras, e ainda pelos produtos diferenciados, como os chocolates Nestlé, ou o iogurte Danone. Esses são símbolos identificáveis em praticamente todo o mundo, que fazem parte da vida cotidiana das pessoas e compõem a familiaridade dos ambientes onde se vive. Constituem uma cultura global e uma rede de significados mundial capaz de ser compreendida por pessoas de vários países, mas que não tem o caráter homogeneizador nessas culturas locais, e sim diversificador. Essas redes de significado locais são capazes de reinterpretar as influências trazidas pela cultura global.

A nosso ver o aspecto primordial desses exemplos, que merece ser destacado, é a crescente troca de significados, símbolos e imagens impulsionada pela globalização, através da tecnologia informacional e da mídia, que criam novos significados nas relações individuais, sociais e das diversas culturas que entram em contato com essas novidades.

A menção a multinacionais e definições do capitalismo é pertinente ao conteúdo da globalização; como já observamos, não é possível a descrição mínima desse processo sem considerar a economia. Apenas fazemos a objeção quanto à abordagem ter uma tônica muito acentuada nessa dimensão – consideramos importante a ampliação e interconexão em outros níveis, como o social, o cultural.

Considerando que o cotidiano é o revelador dos modos de produção capitalista, ou seja, expressa a globalização, neste momento é interessante também levar em conta as relações, mediações e contradições próprias do sistema. Lembremos Harvey (2009, p. 166,

169), que descreve três características essenciais do modo capitalista de produção: 1) o capitalismo é orientado para o crescimento, não levando em consideração as consequências sociais, políticas, geopolíticas ou ecológicas; 2) o crescimento apoia-se na exploração do trabalho; 3) o capitalismo é tecnológica e organizacionalmente dinâmico, garantindo a reprodução do sistema. Ao se refletir só no âmbito do capitalismo e descolar as outras dimensões nele imbricadas, criam-se lacunas nas relações sociais, que, como discutimos, estão para além dos modos de produção, as quais estão representadas no cotidiano.

4.2.5 Relação entre o tema globalização e a formação do aluno

No que diz respeito ao processo formativo, a globalização também é uma inquietude necessária à reflexão, conforme destaca Pontuschka (2001), ao perguntar: “Como a globalização se traduz no espaço da vida do professor e do aluno?”. Em suas reflexões há a preocupação com um ensino “que forme o aluno do ponto de vista reflexivo, flexível, crítico e criativo. Não é uma formação para o mercado de trabalho apenas, mas um jovem preparado para enfrentar as transformações cada vez mais céleres que certamente virão.” (PONTUSCHKA, 2001, p.111-112).

Professor João

Levo o aluno a refletir sobre aquilo que ele espera, deseja e o que vai procurar para sua formação, pensando no seu futuro, vendo as transformações rápidas do mundo. Nesse momento, ele já percebeu que algumas profissões não vão dar certo na vida dele porque não vão mais existir. Então, de repente, ele percebe que algumas coisas não existirão e outras profissões poderão ser criadas, mediante as novas necessidades. Não que o trabalho vá acabar, como algumas pessoas falam. Não, o trabalho, nos moldes em que existia há 20, 30, 40 anos, realmente, esse está acabando, esse falta muito pouco para acabar. Que trabalho vai haver? Um trabalho totalmente diferente.

Trabalho a partir das expectativas previamente levantadas com os alunos, quanto a suas pretensões profissionais ou pessoais. Quais caminhos poderão trilhar em busca desses objetivos, tendo os conceitos formados sobre globalização, e como tornar-se sujeito ativo nesse processo? O aluno vai de celular de última geração à escola, usa *notebook* via *wireless* – isso torna o país mais desenvolvido?

Professor Manuel

Pensando na globalização cultural. Está bem menos, mas cada vez mais os jovens estão começando a ver a cultura brasileira, estão valorizando-a. Mas teve uma fase que era bem maior essa desvalorização da cultura brasileira, e a valorização da cultura norte-americana e europeia. A globalização pode ser traduzida em alguns pontos negativos por americanização, que é um problema. Esse é um ponto importante, pensar e ver a globalização não como americanização. E vê-la como globalização mesmo, culturalmente é interessante saber que tipo música existe no Zaire, na França, as misturas que existem na França, na Alemanha, no Brasil, trazendo elementos de misturas também dos Estados Unidos com países africanos – esse é o lado positivo da globalização. O lado negativo seria você massificar e todos os países começarem a ter aquela visão, aquela cultura determinada,

principalmente pela americanização, esse é um problema. A formação cidadã do aluno é você saber valorizar as suas raízes e colocar essas raízes em contato com o mundo; também nós não podemos nos fechar. O jovem vai ter informação de vários e vários lugares do mundo. Eu coloco para os alunos que é importante, sim, você fazer uso da internet, mas antes de se deslumbrar com os fenômenos da mídia de consumo, tentar buscar elementos mais caros da nossa cultura que estão se perdendo. Muitos jovens não conhecem Luís Gonzaga, elementos básicos da nossa cultura. Caetano Veloso, nem sabem quem é. Então a nossa cultura está se perdendo porque a cultura globalizada está se sobrepondo de forma massificante. Não é eliminar a realidade globalizante, é saber filtrar para não deixar se perderem as raízes da nossa cultura. Para mim, cidadania, formação cidadã é isto: o indivíduo saber valorizar a sua cidadania, do seu país.

Professora Jane

A importância da leitura de mundo, de o aluno estar se inserindo no mundo. Você tem informações de todos os lados – será que ele está sabendo verificar o que é mais importante e o que não é verdadeiro?

Alguns alunos se percebem no contexto, principalmente quando o assunto é emprego, a questão da qualificação da mão de obra. Eu tento mostrar a importância de ele estar estudando e estar dentro desse mundo.

Quadro 5 - Relação entre o tema globalização e a formação do aluno, segundo depoimentos dos professores entrevistados

Os professores João e Jane são recorrentes na preocupação com as perspectivas do aluno em relação ao mercado de trabalho; ambos destacam a tecnologia como item funcional, ou seja, a tecnologia é algo inexorável e, portanto levada a termo – fica quase no nível conceitual como segmento da globalização.

Já o professor Manuel enfoca e insiste na valorização cultural, alegando que a cidadania está atrelada a valores correspondentes às tradições, a seu conhecimento e continuidade, tendo o processo educativo responsabilidade em relação a isso. Ele reitera aspectos positivos e negativos da globalização. O lado negativo diz respeito ao fato de a cultura regional subsumir-se às culturas globais, àquelas atreladas ao consumo massificado, atendendo aos poderes hegemônicos; os aspectos positivos dão-se quando há trocas de informação e conhecimentos de outras culturas regionais, tradições e modos de vida, tudo facilitado pelas técnicas informacionais e comunicacionais que possibilitam o intercâmbio cultural. Ele faz crítica à americanização da cultura, o que permite resgatar Jameson (2002), Ortiz (1994) e Canclini (2008), críticos severos da disseminação de imagens, signos, modo de vida, enfim da cultura dos Estados Unidos da América – itens imbricados aos modos de produção capitalista. É preciso ressaltar que Jameson (2002) não considera a questão da hibridização ou aculturação, como Canclini (2008) e Ortiz (1994), ele destaca que a diluição das culturas na atual cultura do consumo impõe-se ancorada na publicidade, e os produtos homogeneízam-se mundialmente, carregando uma marca que lhes atribui valor simbólico,

portanto são fatores de diferenciação social para quem os adquire. Jameson (2002, p. 39) assevera:

É na substituição da literatura nacional pelos *best sellers* internacionais ou americanos, no colapso da indústria cinematográfica nacional, sob o peso de Hollywood, ou da televisão nacional invadida por importações americanas, no fechamento de restaurantes e bares locais com a chegada das grandes redes de *fast-food* que os efeitos mais intangíveis da globalização podem começar a ser reconhecidos em sua forma mais dramática.

Trata-se de um processo radical com tendência homogeneizadora. O autor argumenta que a cultura dos Estados Unidos adquiriu uma ampla dimensão, que ameaça já há algum tempo a diversidade cultural e as identidades e costumes tradicionais de certas regiões, alterando modos de vida nos lugares. Na cultura global, cuja tecnologia assume papel manifesto, tanto os objetos simbólicos como materiais são apagados ou destruídos em função de novos que surgem.

Em outra perspectiva, mas com relação à cultura e com vistas ao ensino, Sacristán (2002, p. 40) denomina de enculturação o processo pelo qual há uma incorporação de “materiais culturais”, como tradições, crenças de outras culturas, na cultura original. Por causa da globalização, do desenvolvimento das tecnologias da informação, usadas pela mídia em geral, assevera o autor:

o preço da enculturação que nos transforma em possuidores do que outros inventaram, fizeram, pensaram e sentiram: o de perder autenticidade e profundidade na experiência em troca de ganhar em extensão. O desafio educativo passa a ser o de como transformar em material significativo revivido para si o que é “experiência emprestada” de outros. (SACRISTAN, 2002, p. 40)

Parece-nos que o professor Manuel consegue trabalhar bem a questão da enculturação, assim como a busca da valorização da cultura de “raízes”, como ele denomina. Em nossa concepção, a cultura também é uma das mediações dialéticas das relações que se fazem manifestas nos lugares, constitui um dos itens essenciais para a compreensão do processo como um todo, mas por si só não garante o entendimento da globalização. Assim como o aspecto econômico não deve ser considerado isoladamente. Todos esses elementos estão imbricados, dialetizam-se no movimento.

4.2.6 Globalização e cidadania – implicações para o ensino

Professor João

É muito difícil desvincular uma coisa da outra [globalização e cidadania], até porque eu não posso ter uma cidadania se eu não consigo entender o meu papel na sociedade. Se eu não sei o que eu estou fazendo aqui e pra que estou fazendo, se eu for um ser totalmente alienado, eu não sou um cidadão. Eu entendo assim, eu tenho que perceber porque estou fazendo algumas coisas. Senão fica aquela velha história (mais ou menos a história é esta): alguém prendeu alguém na cadeia, e o guarda recebeu a orientação, ele cumpre, mas nunca questiona a orientação; passa muito tempo, anos, vem outro guarda, a quem passa a mesma orientação e quando um dia alguém resolve perguntar o porquê desse procedimento, descobrem que todos estão equivocados. Não é possível passar no trabalho, na escola, na vida cotidiana com os vizinhos, totalmente alienados. Quando a gente vai tratar a globalização, a gente tem de entender que é um objeto de cidadania também. Que hoje me interessa, sim, o que acontece na bolsa de Hong Kong, Nova Iorque, eu não moro lá, mas de repente o meu trabalho aqui em Interlagos vai acabar porque algumas empresas em muitas cidades faliram; e como eu sei que lá está ruim e lá eles estão pegando uma gripe, quando chega aqui vira uma pneumonia. Eu tenho de ter esse sentido das coisas, inclusive até para me estabelecer. Até para saber que ações eu tomo. Globalização e cidadania, nesse sentido, eu vejo vinculadas, até porque se você não tem a informação está alienado. Ninguém consegue ser possuidor da cidadania sem ter informação básica.

Professor Manuel

Teoricamente tem muita coisa para trabalhar, que na prática fica difícil. Globalização e cidadania. Procuro sempre ressaltar o lado positivo da globalização e também o lado positivo de você valorizar a sua cultura, sua nação, seu país, a sua cidadania nacional, tentando buscar as raízes do Brasil, os elementos culturais. Aqui na periferia que eu trabalho, tem uma influência muito grande da cultura nordestina, por causa de muitos migrantes; busco essa valorização. Também busco elementos da cultura portuguesa, uma das bases da nossa cultura. Falo de valorizar elementos e onde eles se inserem, que é no global. Não se deslumbrar com o global (internet, coisas de outros países) e esquecer o local. Valorizar o local para se inserir no global; e valorizando o local você tem uma relação forte com a cidadania. Aquela coisa de olhar para sua aldeia para se interar com o mundo. E também trazendo da globalização informações sérias, importantes, de elementos de justiça, de leis, de exemplos de outros países, e assim confrontar com a nossa realidade aqui do Brasil e da América Latina. Toda vez que falo de globalização, eu relaciono o Brasil com a América Latina; apesar de o Brasil ser um pouco separado da América Latina em suas relações, eu sempre faço essa relação: como é a globalização no Brasil; como o Brasil foi inserido na globalização; e a América Latina na globalização. Não tendo uma postura política extremista de esquerda ou de direita, neoliberal, buscando ter uma visão crítica, observando que a globalização tem os lados positivos e negativos.

Professora Jane

Para ele (aluno) ter mais cidadania, precisa saber o que é isso. Trabalhar nesse contexto é complicado – acho que [é possível] mostrando as consequências da globalização na sociedade, a questão do desemprego, da mão de obra não qualificada. Ou até mesmo, eu tento mostrar para ele (aluno do ciclo, que vai passando) qual o interesse de tudo isso. Chega ao final de uma oitava série ou de um Ensino Médio (quando consegue terminar), e não vai ter emprego garantido. Na realidade no Brasil, ou em qualquer outro país, mas citando o Brasil, não vai ter emprego para todo mundo. Então ele vai ser mão de obra desqualificada. O que governo faz? Ele está dando chance, dá leite, dá uma série de coisas, a única coisa que ele não dá é vontade para o aluno. Por que o governo é tão bonzinho? Porque na hora de arrumar emprego não tem para todos, e aí a maioria tem que ser a mão de obra mais barata e o governo vai argumentar que deu tudo para os alunos. Eu tento passar isso para os alunos, não sei se isso é a cidadania, se estou no caminho certo, mas é isso que mostro. Por exemplo, o governo tem mil alunos na terceira série do Ensino Fundamental, teoricamente ele

tem de garantir que quando esses mil alunos chegarem ao final do Ensino Médio terá emprego. Mas não tem emprego para todos, porque tem a questão da tecnologia, das máquinas cada vez mais aprimoradas substituindo a mão de obra, a questão da internet, um processo acelerado. E não gera emprego para todo mundo. E depois de quem é a culpa de a pessoa estar desempregada? É dela mesma que não soube aproveitar a oportunidade (segundo a visão do governo). Muitos alunos não completam o Ensino Médio, seja por falta de desenvolver competências, habilidades ou a questão econômica. Aí também lembro para eles a importância da globalização. O aluno vai passando de ano, e quando chega à oitava série, tento mostrar tudo isso para ele, porque ele vai ser excluído. A educação parece inclusiva, mas na realidade está excluindo porque o jovem não consegue se inserir no mercado de trabalho. Esse tema só começa a ter uma consistência na oitava série, quando o aluno está mais próximo do mercado de trabalho.

Quadro 6 - Depoimentos dos professores entrevistados sobre a relação entre globalização e cidadania e as implicações para o ensino

Na relação entre globalização e cidadania, é interessante observar que os professores João e Manuel enfatizam o aspecto de pertencimento ao lugar, o conhecimento do aluno sobre si próprio, em seu local de vida, como fator necessário para identificar-se no mundo. Condição que deve ser conquistada através da cultura e do conhecimento em geral. Quanto à identificação do aluno, consideramos que os professores estão trabalhando o jovem no nível da consciência e não da conscientização, mas não deixa de ser uma etapa fundamental no processo de ensino. Conforme Freire (1979, p. 15):

Num primeiro momento a realidade não se dá aos homens como objeto cognoscível por sua consciência crítica. Noutros termos, na aproximação espontânea que o homem faz do mundo, a posição normal fundamental não é uma posição crítica mas uma posição ingênua. A este nível espontâneo, o homem ao aproximar-se da realidade faz simplesmente a experiência da realidade na qual ele está e procura.

Esse primeiro momento de contato com a realidade é aquele em que o sujeito e o objeto, segundo Freire (1979), estão no nível da indiferença; mas já no nível da realidade constituem-se caminhos na educação: para se atingir a conscientização é necessária uma consciência da práxis, que diz respeito à crítica, à vivência indagadora, investigativa.

Direta ou indiretamente, nesta e em outras abordagens, os três professores citam a informação como escopo e mediação no ensino da globalização, e como contribuição na formação cidadã. Concordamos que ela seja um elemento fundamental na formação do jovem: não obstante o caráter ideológico ao qual ela possa estar atrelada, é necessário considerá-la. Vieira Pinto (2008, p. 191) afirma:

Transferida para o plano da cultura e tornada um bem racional da espécie, a informação simultânea e reciprocamente influi na constituição do sistema de relações entre os homens e adquire novas modalidades de realização, pela ação desse

mesmo sistema. [...] A necessidade social da informação torna-se a fonte da descoberta cultural de novos instrumentos para a divulgação do saber, constantemente avolumados, agora possuído pela comunidade.

A informação, para esse autor, tem um caráter mediador; para os professores, tem acentuação nos objetivos, na formação do aluno.

A professora Jane destaca a postura política e necessária atrelada à formação do aluno cidadão, correlacionada ao mercado de trabalho. Isso se relaciona ao que Santos (2007, p. 57) assevera:

A educação corrente e formal, simplificadora das realidades do mundo, subordinada à lógica dos negócios, subserviente às noções de sucesso, ensina um humanismo sem coragem (...) o humanismo verdadeiro tem que ser constantemente renovado, para não ser conformista e poder dar resposta às aspirações efetivas da sociedade, necessárias ao trabalho permanente de recomposição do homem livre, para que ele se ponha à altura do seu tempo histórico.

A educação tem um propósito formal, e o trabalho do professor é permanente, ele precisa estar sempre rompendo as amarras intencionais e ideológicas que vinculam o ensino ao campo da política e da hegemonia econômica que se imbricam nesse processo.

A fala do professor Manuel aponta recorrentemente para a assimilação cultural, mas é importante lembrar que Canclini (2008, p. 107 e 109) destaca as questões da massificação, da influência da cultura internacional em uma relação diferencial diminuída, onde as culturas tradicionais reconfiguram-se e ao mesmo tempo tomam visibilidade no contexto mundial:

A informação e o entretenimento das maiorias procedem principalmente de um sistema deslocalizado, internacional, de produção cultural, e cada vez menos da relação diferencial com um território e com os bens singulares nele produzidos. [...] o predomínio do consumo dos meios de comunicação de massa e a necessidade da população de conectar-se com a informação internacional indicam que a promoção das culturas tradicionais só adquire sentido e eficácia na medida em que vincula essas tradições às novas condições de internacionalização.

Como ocorrem contradições da massificação no que diz respeito às culturas tradicionais, nesse sentido a cidadania também se constitui a partir dos movimentos sociais locais, das tradições e do processo da comunicação de massa.

4.2.7 Globalização: nuance do capitalismo

Na mesma ordem de importância, procurando não romper o *continuum* de nossas reflexões, destacamos a abordagem das consequências da globalização. Na mídia, esse é um objeto de debates acalorados. Importante observar que um dos instrumentos responsáveis pela materialização da globalização são os meios de comunicação, que usam de seu espaço como interlocutor nos embates ferrenhos dessas polêmicas. Para uns a globalização tem conotação substancialmente negativa; para outros, certamente positiva. O que afirmamos é que as redes de informação e toda a tecnologia informacional concretizam, esboçam esta nuance do capitalismo que é a globalização.

Professor João

O aluno vai chegar ao final do Ensino Fundamental II, ele viu as coisas boas da globalização: ele está usando tênis, ele está falando no celular, é barato! Tudo isso é bom, ele gosta. Até eu tenho um celular de última geração, feito na China... Estou vendo as coisas boas dessa globalização. Mas quando a gente começa a refletir, questionar: esse celular é produzido aqui? Paga salário dos brasileiros? Esse carro que está vindo de fora não foi feito aqui, não paga o salário dos brasileiros. O Brasil é um país desenvolvido só porque meia dúzia de pessoas têm um carro com computador de bordo? É um país de primeiro mundo a partir daí? Ele é de primeiro mundo porque todos vocês (alunos) têm um celular como o meu? A partir daí eu os trago à reflexão. Olhamos pelo lado de que a globalização não está proporcionando só coisas boas. Principalmente para os países que não detêm tecnologia, porque pagam caro por ela. Pensar nos países como o Brasil, que é um país em desenvolvimento, hoje se usa o termo emergente; sim, o Brasil sempre está saindo de algum lugar, desenvolvendo de um lugar. Temos de refletir, saindo de onde? Indo para onde? Emergindo de onde?

A globalização tem o lado bom, o celular faz tudo, meu carro também tem uma série de coisas boas! Mas e o lado ruim? O lado ruim é que não significa que o Brasil está desenvolvido, que as questões sociais estão resolvidas, que os lucros de tudo isso estão ficando no país, que a renda está sendo mais bem distribuída. Então de uma forma bem menos complexa a gente vai trazendo essa questão para o Fundamental II. Seria bom pensar que os produtos fossem totalmente brasileiros. Os países mais pobres são os mais prejudicados. Com relação aos países ricos, com toda essa crise, surgem outros e novos questionamentos nessa relação com a globalização.

[...] eles [alunos] percebem que tudo isso que nós estamos usando é bom para o uso imediato, mas não significa que vamos nos desenvolver, e muitos chegam à conclusão de que precisamos ter a nossa tecnologia; quando ele chegou aí, acho que é um bom caminho. Ele já entendeu que a globalização traz certo “desenvolvimento” que não é real, é fictício, mas é percebida a partir do movimento de cada um, das ações individuais. Então ele percebe que a globalização é muito mais complexa. O país não está melhor porque ele, aluno, está com celular de última geração. Se ele percebeu isso, acho que já é um passo adiante. Ele ainda vai trabalhar, descobrir muito mais a respeito do uso da tecnologia. Para esse jovem [a questão da globalização] ainda vai ficar muito no abstrato. Por enquanto, hoje, talvez ele não tenha toda essa dimensão do conceito da globalização.

Professor Manuel

As consequências: a globalização, como disse anteriormente, tem seu lado positivo e negativo. Não pode ser abordada pelo lado de esquerda extrema ou pelo lado neoliberal de direita, de deslumbramento. Ainda vai ter muitos confrontos nesse processo, essas crises. E na periferia, falamos muito com os alunos que eles são atores nesse mundo global, nessas transições do século XXI, e tem muita coisa que ainda está em transição. A gente vai falar de fatos em andamento e ainda não sabemos direito o que está acontecendo, então a gente dá as ideias, para que futuramente eles possam seguir o caminho. É difícil, porque a gente vive lutando contra a cultura global, é uma cultura de alienação. Um dos problemas da globalização é a alienação. Os alunos vêm para a escola e não querem saber de nada, eles não veem a escola como um local que pode ajudá-los na vida, não só para o mercado de trabalho, mas também para modificarem o futuro. Eles veem a escola de forma alienada, comportamental, de ideias, não têm vontade de aprender.

Professora Jane

Falo para os alunos que, hoje em dia, se tem a globalização, tem um monte de facilidades, como a informação chegando a todo o momento, mas é necessário saber mesclar essas informações e verificar se são importantes ou não. Entender até a questão dos países desenvolvidos ou não, porque eles comandam tudo isso. E quem é que permanece no mercado de trabalho? Não é só terminar uma faculdade. Antigamente terminava a faculdade, você tinha emprego, era *status*. Hoje em dia não é isso.

[...] trabalhar o aparecimento das cidades, das multinacionais, essa interdependência, interligação dos países, busca-se tudo isso nesse tema.

[...] acho que mostrando as consequências da globalização na sociedade, a questão do desemprego, da mão de obra não qualificada. Ou até mesmo, eu tento mostrar para ele (aluno do ciclo, que vai passando) qual o interesse de tudo isso. Chega ao final de uma oitava série ou de um Ensino Médio (quando consegue terminar), e não vai ter emprego garantido. Na realidade o Brasil, ou qualquer outro país, mas citando o Brasil, não vai ter emprego para todo mundo. Então ele vai ser mão de obra desqualificada.

Mas não tem emprego para todos, porque tem a questão da tecnologia, das máquinas cada vez mais aprimoradas substituindo a mão de obra, a questão da internet, um processo acelerado. E não gera emprego para todo mundo. E depois de quem é a culpa de a pessoa estar desempregada? É dela mesma, que não soube aproveitar a oportunidade (segundo a visão do governo).

Muitos alunos não completam o Ensino Médio, seja por falta de desenvolver competências, habilidades ou pela questão econômica. Aí também lembro para eles a importância da globalização. Contemplo esse assunto no contexto. Principalmente com o desemprego. O acesso à informação é fácil, mas será que tudo que se vê é verdadeiro? Hoje em dia você pega um trabalho de escola e ele foi puxado todo da internet.

Quadro 13 - Abordagem em sala de aula dos efeitos da globalização, segundo depoimentos dos professores entrevistados

O professor João destacou elementos importantes da globalização, como as relações de produção: mercadorias às quais se somam significados; divisão internacional do trabalho; lucro; flexibilização do capital; desenvolvimento desigual entre os países; a tecnologia como um item positivo, dados seus avanços e possibilidade de uso.

O mercado é “uma instituição anônima [e] mascara a origem natural dos produtos” (PEET, 2002, p. 61) – em que pese a afirmativa remeter à origem do produto na natureza, vale a assertiva para explicar a postura do professor João, levando-se em conta que a globalização é impulsionada pelo avanço tecnológico, permitindo assim que as transnacionais e organismos

financeiros imponham-se nas relações sociais de produção, por consequência nas relações de trabalho, desconectando toda uma ordem social. Inserido nesse raciocínio temos o desenvolvimento desigual dos países e lugares, entre outros fatores destaca-se o investimento desigual, por parte das grandes corporações capitalistas com vistas à apropriação de vantagens, sejam elas naturais, de mão de obra, tecnológicas e – por que não dizer? – intelectuais.

Com relação ao aumento da mão de obra “não qualificada”, citada pela professora Jane, é importante lembrar os trabalhadores que sobrevivem na informalidade. Segundo Harvey (2009), a partir da década de 1970 a competitividade individual aumentou, gerando redistribuição de renda, e também o aumento da produção informal na reorganização dos mercados de trabalho, de pesquisa e desenvolvimento.

A alienação que o professor Manuel relata leva-nos a considerar não só alienação comportamental dos alunos em relação ao aprendizado, mas também a resultante da globalização – referimo-nos às consequências do processo. Refletimos o contexto de alienação do aluno segundo a perspectiva de Damiani (2001, p. 163):

Porque, no mundo de hoje, vivemos várias formas de alienação, que mantém o homem distante de sua humanização, apesar dos altos níveis tecnológicos alcançados. No limite, estamos diante da contradição fundamental entre as forças produtivas e as relações de produção. [...] O afeto, o desejo, o gozo existem, mas esmorecem diante das necessidades, programações, satisfações. Estas definem a base das novas alienações. E como mediação estão as novas tecnologias, como os *mass medias*.

A explicação para a alienação, nessa perspectiva, dá-se a partir do cotidiano, que em princípio tem de lidar com as necessidades básicas da vida, como o alimento, a casa, o vestuário, a saúde, o lazer, a educação, mas acaba por submeter-se ao consumo disposto pela mídia. O jovem está profundamente imerso na dinâmica da globalização, assim como nós. Os efeitos da globalização explicam-se no âmago do capitalismo; as argumentações dialetizam-se nas diferentes dimensões que se expressam na lógica do sistema. Segundo Harvey (2009, p. 307):

O capital é um processo, e não uma coisa. É um processo de reprodução da vida social por meio da produção de mercadorias em que todas as pessoas do mundo capitalista estão profundamente implicadas. Suas regras internalizadas de operação são concebidas de maneira a garantir que ele seja um modo dinâmico e revolucionário de organização social que transforma incansável e incessantemente a sociedade em que está inserido. O processo mascara e fetichiza, alcança crescimento mediante a destruição criativa, cria novos desejos e necessidades, explora a capacidade do trabalho e do desejo humanos, transforma espaços e acelera o ritmo de vida.

Não obstante a condição negativa do capitalismo, o autor afirma que a possibilidade de mudanças está na contradição, sendo esta o próprio cerne do capitalismo, contradição que se manifesta por crises que podem significar transformações políticas e culturais.

4.2.8 Escalas de abordagem da globalização em sala de aula

As consequências da globalização são as mesmas que lhe dão visibilidade, tornam-se constitutivas em sua essência; elencamos aqui alguns itens, como o consumo, o trabalho, a cultura, o cotidiano, todos os elementos imbricados e interconectados aos modos de produção, reprodução do capital e reprodução social, configurando os espaços sociais. Isso gera dificuldades nas relações dimensionadas nas análises escalares dos lugares.

Professor João

Com o adolescente, vou olhar a roupa que ele está usando, o celular que está usando, e questioná-lo sobre aquilo que está usando. O jovem é muito imediatista, mesmo, naquele sentido de uso. [...] a gente parte para fora, é um lugar mais de conceitos; a gente trabalha muito, por exemplo, com os mapas, vai trabalhar essa expansão (capitalismo). Mas imediatamente nesse nível que a gente está. Trabalho muito os conceitos locais, porque é muito complexo sair para o nível mais lá fora e ter uma discussão. Talvez se ele (aluno) se interessar pelo assunto, lá na faculdade, em outros locais, ele vai conseguir partir para outras dimensões, porque vai ter outras bases.

Professor Manuel

Elas [as escalas de abordagem] vão se relacionando, parte do local até o mundial e do mundial até o local. Logicamente privilegio o local; não é que privilegio, mas é necessário fazer um destaque para a importância de valorizar o seu país, a sua cultura, aí depois você está globalizado, se valorizando. Essas escalas estão sempre se relacionando, esses elementos vão se misturando. Em um momento está falando da sua realidade, não dá para separar quando fala do global. Por exemplo, agora vou falar do Brasil, só! O que é o Brasil, só!? Já está globalizado faz tempo.

Professora Jane

Eu acho que uso um pouquinho de cada [escala de abordagem]. Muitas vezes começo no mundial. Vamos imaginar a Europa, o que é globalização, discuto isso, parto do macro para o micro; e no local, o que é São Paulo? O que acontece aqui? Eu acho que pego um pouquinho de cada. Também daria para começar do local para o mundial. Por exemplo, eu tenho trabalhado com uma oitava [série] a questão da urbanização da Avenida Paulista, através das imagens. Você vê a globalização lá na Avenida Paulista. Trabalhei imagens, todo um processo de mudança; e hoje, como é hoje? Como é essa comunicação, hoje? De repente a Paulista virou um símbolo. Onde está a globalização ali? De repente até do local para o mundial se consegue, dá para fazer essa ligação.

Quadro 14 - Escalas de abordagem da globalização, segundo depoimentos dos professores entrevistados

Observamos, nas referências dos professores em relação à escala, a dificuldade de dar um sentido ao movimento. Mesmo porque, nas perspectivas de abordagem do conteúdo da globalização, se não houver a dialética necessária é difícil haver a congruência e imbricação dos elementos constitutivos do processo, que apresentamos até aqui.

Como abordamos no desenvolvimento teórico, o lugar está relacionado à dinâmica ao movimento, é onde ocorrem as relações sociais. Smith (2002) ajuda-nos a fazer uso da escala, conceito tão caro à geografia. O autor atrela o movimento do capital aos modos de produção e reprodução social e ao sentido escalar. “La escala local, puede ser vista como la escala de la reproducción social e incluye territorio geográfico sobre el cual las actividades diarias se desarrollan normalmente.” (SMITH, 2002, p. 143). Para esse teórico, a escala é ativa, ela se estabelece desde o nível do corpo ao global; não se superpõe, mas integra-se, interatua, faz-se visível nas diferenças, mantém sua definição: “a escala geográfica é hierarquicamente produzida como parte das paisagens sociais e culturais, econômicas e políticas do capitalismo e do patriarcalismo contemporâneos.” (SMITH, 2000, p. 144). E o autor vai além: a escala traduz-se por seu significado ou pelo sentido que se faz dela.

4.2.9 Recursos e livros didáticos para a articulação do tema globalização em sala de aula

No que toca ao livro didático, a intenção de nossa pergunta diz respeito unicamente à posição do professor em relação a esse recurso, sem intentar uma investigação, de nossa parte, do conteúdo que eles oferecem a respeito do tema globalização.

Sabemos que o livro didático é um expediente concreto e por vezes facilitador na apresentação de diferentes realidades; porém atribuir-lhe exclusividade pode ser insuficiente para firmar o processo de aprendizagem e a formação do conhecimento. Acreditamos que relacionar o conteúdo escolar ao cotidiano dos alunos, usando recursos simples, é um facilitador do ensino.

Professor João

Como falei, começo da roupa que ele está usando. Depois da roupa dele, vou para os jornais, vou para as revistas, propaganda de televisão. Tem comerciais que gravo.

No Fundamental, quando eu tive de conceituar algumas coisas (eu estava achando muito difícil), tinha um livro didático que fazia referência à globalização e ao papel dos meios de comunicação na globalização.

De livro didático eu não pego tudo, porque quem conhece meu aluno, sua realidade, sou eu; então esse recurso só se encaixa nas minhas aulas quando atende meus objetivos.

Se eu me prender só ao livro didático, consigo o desinteresse do aluno. Utilizo, sim, esse material, naqueles conteúdos que privilegiam os temas de projetos que estou trabalhando.

Eles abordam os assuntos já com a presunção de os alunos estarem munidos dos pressupostos de que falei anteriormente. Estão bem longe da realidade da sala de aula. Teoricamente o aluno teria de estar, nesse momento, preparado para ler esse livro, mas a realidade do aluno de periferia é outra. Muitas vezes eles não conseguem entender a diferença entre município de São Paulo e estado de São Paulo; o que é ser paulistano e ser paulista. Os livros passam muito mais o entendimento global das sociedades e suas economias. Lá (nos países) tem um povo, uma história, uma cultura, uma religião, uma realidade e uma conjuntura econômica baseada na sua formação. Então mostrar uma figura de um corpo no rio Ganges descontextualizado de tudo que falei acima remete o aluno a uma imagem de horror. Os livros didáticos parecem carecer de informações para formações mais próximas da realidade, do cotidiano escolar.

Professor Manuel

[Uso] Lousa, filme, textos. Gosto de trabalhar com audiovisual. Uso computador na sala de informática (esta escola tem esse recurso).

Aqui nesta escola tem o livro do Vesentini, que é bem ligado à Geografia Crítica. Eu uso alguns textos desse livro, ele tem uma abordagem crítica e muito econômica. Às vezes uso outros livros e outros textos. Com relação a essa temática, o livro tem mais da globalização dos mercados, da economia em geral, e não aborda Geografia Cultural, não trata da realidade do aluno de periferia; por isso eu busco mais da minha vivência e postura pessoal nesse assunto em particular. Porque os livros não citam a questão da vivência na periferia, das músicas.

E o livro do Vesentini é muita economia. Uso-o como base, por causa dos dados, de informações, mas vou mesclando com a cultura.

Professora Jane

Utilizo livros didáticos, mas geralmente trago textos de fora, charges de globalização. O livro didático apresenta a definição da globalização, não sai disso. Ele define o que é a globalização; apresenta assim: termina a Segunda Guerra Mundial, depois o Mundo Bipolar e por último a Globalização, a Terceira Revolução Industrial. Mas globalização não é só isso, não dá para encerrar o tema aí.

Quadro 15 - Uso de recursos e livros didáticos para a articulação do tema globalização em sala de aula, segundo depoimentos dos professores entrevistados

Os três comentários expressam críticas ao livro didático, dizendo que sua abordagem não está de acordo com a realidade do aluno. O livro é um recurso produzido para atender o público em geral, e não as especificidades. Em geral, seu embasamento teórico está voltado para a dimensão econômica da globalização. Além do mais, segundo a professora Jane, a globalização é uma situação em andamento, que não pode ser tratada da forma estática, conforme esquematizado no livro.

Outros conteúdos dos manuais didáticos também estão descolados do contexto e da vivência dos adolescentes em geral, e mais especificamente ao aluno de periferia, segundo coloca o professor Manuel.

Os professores João e Manuel usam como instrumentos recursos pedagógicos que perfazem a globalização, como computador, publicidade, denotando assim que o aparato tecnológico também é item agregador no processo formativo – situação citada em diferentes momentos, principalmente pelo professor Manuel.

Ao deslindar este momento articulador, encontramos nas falas dos professores elementos que, em consonância com o desenvolvimento teórico, deram-nos fundamentos para constatar, entre outros elementos, as inquietudes iniciais em torno das dificuldades de viabilizar o ensino do conteúdo da globalização, dada sua complexidade e as diferentes variáveis que a caracterizam, em um processo na e da totalidade.

Reconhecemos que se trata de uma temática complexa e dialética, gerando empecilhos; logo é comum que os professores não deem conta do conteúdo como ele é em essência. É fundamental ressaltar que demonstraram preocupação para com os jovens, não só enquanto alunos, sujeitos da aprendizagem do tema em questão, mas como sujeitos do mundo. “Percebe-se, assim, a importância do papel do educador do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar conteúdos, mas também ensinar a pensar certo.” (FREIRE, 2002, p.29)

5. ENCAMINHAMENTO – CAMINHOS POSSÍVEIS

É importante resgatarmos o perfil do adolescente, sujeitos das aulas ministradas pelos professores entrevistados. Consideramos o jovem mediante uma condição que se faz representada no modo de vida no sistema de produção capitalista; ainda é um ser repleto de desejos que, realizados ou não, têm uma relação direta ou indireta com a globalização. Nas contradições e nos paradoxos ele se faz presente e vive o momento, por vezes parecendo não perceber um devir. Dayrell (2003, p. 43) assevera:

[...] são seres humanos, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se, possuem desejos e propostas de melhoria de vida. Acreditamos que é nesse processo que cada um deles vai se construindo e sendo construído como sujeito: um ser singular que se apropria do social, transformado em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém.

O esforço nesta parte da pesquisa está em correlacionar o jovem – na condição de sujeito e aluno, no papel que lhe é estabelecido pela sociedade no contexto atual, que inclusive vai além do modelo romântico desenhado para o adolescente – à proposta de encaminhamento do conteúdo da globalização nas aulas de Geografia.

Para pensar o ensino de Geografia é imprescindível considerar a conscientização do momento de vida em que nos situamos e formas de contextualização. Ao nos referirmos à conscientização estamos embasados em Paulo Freire (1979, p. 15): “A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica.”

A conscientização está para além de conhecer a realidade tal como é, está para além da informação, só ganha sentido a partir do conhecimento dialético da realidade na relação entre o homem e o mundo; a conscientização produz e é produzida em um processo histórico, consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. Assim afirma Freire (1979, p. 15):

Quanto mais conscientização, mais se “desvela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens.

Logo a conscientização oferta ao homem condição de responder aos desafios em seu contexto de vida, porque essa resposta exige dele reflexão crítica, invenção, decisão, organização, ação, enfim todas as coisas pelas quais a pessoa vive e que fazem dela um ser não somente adaptado à realidade na convivência com os outros, mas igualmente integrado a seu meio de vida. O homem cria-se, realiza-se como sujeito, vive desafios para descobrir a si próprio, interrogando-se e buscando respostas para seus desejos.

O jovem como ser social em pleno desenvolvimento da cidadania, vivendo momentos de perpétuos presentes, segundo os imperativos da globalização, demanda encaminhamentos pertinentes e contextualizados nas aulas, inclusive para quebrar a condição de aparente apatia que demonstra frente à globalização, por meio da conscientização.

O aluno no nosso contexto é expressão e reflexo de situações contraditórias que se perfazem pelo cotidiano, cotidiano complexo e manifesto da globalização, sendo que esta se constitui nos modos de produção capitalista, tendo como categoria de análise o consumo e a tecnologia informacional e comunicacional.

Esse enredamento conceitual permite que possamos sugerir, a partir dos debates apresentados, encaminhamentos para o desenvolvimento do conteúdo da globalização no sentido da formação cidadã do aluno.

Importante ressaltar que consideramos a cidadania em sua essência, antes de qualquer instância, como uma prerrogativa no contexto social do ser humano, já que é condição primeira viver plenamente no desfrute e conquista de direitos para uma qualidade de vida que possibilite o conforto da moradia digna, acesso a educação, saúde, saneamento básico, transportes, política participativa e interativa, consumo de bens e mercadorias segundo suas necessidades relativas não só à subsistência, mas também ao desfrute de melhores condições de vivência no cotidiano. E, claro, o cidadão é o sujeito que vive, integra-se, faz valer ou luta por se imbuir da cidadania nas relações de vida ou sociais que se perfazem em um lugar.

Compreender dessa forma a cidadania e pensar no ensino e seus objetivos faz-nos retornar a Sacristan (2002), que destaca a utopia como item necessário nas intenções educacionais, a fim de se ter claro que os caminhos para a concreção educacional estão muito mais alijados em variáveis para além das ações do professor em sala de aula, mas ao mesmo tempo imbricadas no ensino como um todo. Para Freire (1979, p. 15), a utopia está ligada e em sintonia com a conscientização:

[...] a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico. A utopia exige o conhecimento crítico. É um ato de conhecimento.

Assim, pensar a educação a partir da utopia, como fazem Freire (1979) e Sacristan (2002), implica uma atitude de conscientização por parte de quem educa, na tentativa de compreender o ser humano em seu contexto existencial, cultural, social, político e econômico, a fim de projetar possibilidades de conscientização para quem aprende.

Consoante nossos objetivos e mediante o desenvolvimento de nossa pesquisa, é importante estabelecer as relações necessárias para o encaminhamento ao qual nos propusemos. Consideramos o jovem da e na globalização, também na condição de aluno em processo formativo com relação à cidadania. Fizemos o levantamento teórico da globalização como processo constitutivo do sistema capitalista, sendo que ela se realiza nos lugares, mediada pelo cotidiano e instrumentalizada pela tecnologia e o consumo.

Na relação dialética em que se colocam a globalização e o cotidiano, este tem a condição mediadora para o entendimento da totalidade. A vida cotidiana não se desdobra apenas com adjetivações, ela constitui-se como escopo das relações de produção e manifesta toda uma dimensão de consequências que só se fazem entendidas no próprio capitalismo.

A partir do discorrido, podemos depreender este encaminhamento como sugestão de desenvolvimento do conteúdo da globalização nas aulas de Geografia, no último ano do Ensino Fundamental. Entendemos o encaminhamento não como uma sequência didática específica, mas como uma proposta eixo, com flexibilidade para adequar-se a diferentes realidades e contextos dos alunos. Considerando nossos objetivos quanto à articulação temática em questão, apropriamo-nos da afirmativa de Lefebvre (1991, p. 32):

[...] se você deixa passar sobre si as nuvens de signos, pela televisão, pelo rádio, no cinema, na imprensa, e se ratifica os comentários pelos quais outros fixam para você o sentido desses signos, então você será a vítima passiva da situação. Introduza algumas distinções, por exemplo, entre a cotidianidade e a modernidade, e a situação muda; você se tornará um intérprete ativo dos signos.

Nossa proposta, como segue, visa à conscientização, à interpretação consciente dos signos, nem que sejam minimamente aplicados, mas com o objetivo definido nessas bases, acreditamos na contribuição formativa do aluno.

Primeiro momento

O início do desenvolvimento do conteúdo da globalização é interessante o uso de um texto elaborado, que pode ser de livro didático, construção pessoal, ou outras fontes, mas que contenha alguns conceitos, termos do capitalismo, que expresse significado próximo à realidade do jovem e também lhe seja compreensível como: renda, salário, capital, mercado, comércio, consumo, lucro, mão de obra.

Problematizar ou questionar os alunos a respeito do que sabem de cada termo; eles responderão de acordo com a realidade de vida – por exemplo, é muito usual o aluno relacionar mão de obra à função de pedreiro. É interessante complexizar um pouco mais, podendo-se inclusive exemplificar com a própria atuação docente, situação em que o professor está vendendo sua mão de obra intelectual em troca de um salário. Na sequência, exemplifica o salário, que é diferente de renda, já que esta é qualquer valor agregado ao orçamento da pessoa ou da família (um exemplo é a renda assistencial oferecida pelo governo através do programa Bolsa), e assim por diante²⁶.

O encadeamento do debate explicativo dar-se-á conforme ocorrerem as trocas informativas dos saberes dos alunos, sempre lembrando que os jovens estão expondo seu cotidiano, logo as informações são fontes riquíssimas de continuidade. Ao sistematizar os conceitos, não se pode deixar de levar em conta a fala dos alunos, para inseri-la na discussão.

Posteriormente, pode-se solicitar que os alunos confeccionem um painel simples, contendo a compreensão dos conceitos, e um desenho explicativo e criativo (expressando o que entendeu).

A tarefa refere-se a um instante motivador, instigador, assim, é necessário considerar os termos usados por eles, que em geral ocorre de forma aleatória, sem a percepção (por parte do aluno) de que fazem parte de um contexto mais amplo, para além do cotidiano.

É importante o jovem correlacionar os termos com o seu contexto de vida - serão situações simples no âmbito da totalidade, mas fundamentais para a formação de conceitos mais amplos no decorrer de seus estudos.

²⁶ Não explanaremos detalhadamente as definições ou conceitos, porque esse não é o propósito do encaminhamento. Mas faremos uso de alguns exemplos para melhor entendimento.

Segundo momento

Sugerimos as perguntas que fizemos para os alunos nesta pesquisa:

- *Qual o seu desejo de compra imediata?*

Explicar que a resposta deve estar de acordo com a idade e a renda da família (renda aproximada), assim o jovem não dá respostas fora de sua realidade dele, evitando-se os devaneios juvenis.

- *Por que você gostaria de comprar o que mencionou?*

- *Como seria sua vida sem computador, internet, aparelho celular?*

Ou ainda sugerimos solicitar que o aluno imagine-se vivendo no ano de 1700, em um mundo sem veículo motorizado; sem a telefonia como conhecemos, incluindo o aparelho celular; sem aparelhos eletrônicos de música; sem televisão, computador e, lógico, internet; sem energia elétrica.

Parece óbvio que sem energia elétrica não seja possível usar uma série de aparelhos, no entanto derivar os itens, mesmo na obviedade, é interessante, para evitar a generalização; assim é possível instigar a imaginação do jovem, orientar seu pensamento para a criatividade na busca de soluções de uma vida sem alguns aparatos hoje essenciais em nossa existência. Paulo Freire (2002, p. 98) diz: “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser.” O pensamento do autor contempla e ilumina os nossos.

Esses questionamentos são aparentemente simples, porém ofertam condições de um grande ganho nas respostas do aluno, pois as perguntas causam certa estranheza ao adolescente, fazendo com que se sinta impactado. Porquanto, como citamos, o jovem vive presentes perpétuos, e o resgate da historicidade clarifica-se no instante em que lhe é solicitado imaginar-se naquele ano longínquo, vivendo daquela forma. Isso significa demandar dele um esforço de abstração, tanto quanto na formação de conceitos mais complexos. Assim ele percebe que as técnicas, as tecnologias e nossa vida estão implicadas em uma historicidade. Vieira Pinto (2008, p. 301) alerta sobre a mediação da técnica e o confronto do homem com a história, imbricados como um ato social:

Assim qualquer tecnologia, qualquer original aproveitamento de poderosas forças naturais unicamente atua como fator histórico e em certos casos permite a superficial divisão tradicional das civilizações de acordo com os materiais de que se valiam para operar o trabalho social, porque atrás desse fato meramente tecnológico o que efetivamente está contido é o desenrolar global da realidade do homem em correlação com a natureza.

Outro aspecto que se depreende do questionamento é a inexistência de itens que compõem o cotidiano do jovem; lidar com a falta do recurso é uma situação que difere de lidar com a inexistência do aparato tecnológico.

Considerando o aluno como um sujeito integral e concreto, historicamente situado, e construtor de sua história de vida, suscita a refletir esse momento tecnológico na ótica da educação, e pensar o jovem dotado de criatividade para se posicionar nesse contexto.

Terceiro momento

E hoje na globalização? Mais um instante problematizador, com perguntas que dão condições de o jovem perceber-se novamente em um processo. Sugerimos as outras perguntas também utilizadas na investigação que desenvolvemos.

- *Qual a importância do computador e da internet em sua vida?*
- *Qual a importância do aparelho celular em sua vida?*
- *Sabendo da renda mensal da família, quanto desse dinheiro é gasto com você para a posse e uso de computador, internet e celular?*
- *Quanto você acha que gasta no consumo de alimentos por mês? (gasto individual – faça as contas com sua família)*

As perguntas causam inquietações e, por mais evasivas que pareçam as respostas, não se invalida o trabalho, pois não serão elas o mais importante, e sim a reflexão suscitada mediante realidades de vida evocadas na aula. É importante considerar que as respostas são individuais e não sugerem precisão.

Fazendo um levantamento das respostas e confrontando-as com as anteriores, o professor tem condições de instigar o aluno a perceber-se na globalização, direcionando novos questionamentos decorrentes dos desejos, do consumo usual e do grau de importância que esses consumos têm no cotidiano de cada um, relacionando com situações mais amplas. Por exemplo: categorizar com os alunos o que consideram supérfluo, necessário, signo, imagem, mercadoria; organizar as respostas; inferir alguns elementos caso não sejam citados – deste modo é possível ensinar a globalização, dialetizando as dimensões que a caracterizam: econômica, cultural, tecnológica, política e social.

Como sugestão, é interessante também conduzir o debate para instigar os alunos a pensar na relação dialética da falta de recursos financeiros para adquirir objetos e ao mesmo tempo possuir o objeto desejado; em que condições esse fato ocorreu? É viável ainda atentar,

nesse questionamento, para as desigualdades sociais a partir da média salarial das famílias dos próprios alunos.

Como exemplo, retomamos os dados já apresentados: dos 259 alunos, responderam que a família tem uma renda mensal de:

- até um salário mínimo: 25%;
- até dois salários mínimos: 29 %;
- até três salários mínimos: 18%;
- mais de quatro salários mínimos: 21%;
- não declararam renda: 7%.

Analisando o resultado, é fácil concluir que esses alunos são de famílias com recursos financeiros bem restritos; praticamente 54%, ou seja, mais da metade deles, está na faixa até dois salários mínimos. Trata-se de uma amostragem, mas pode-se conjecturar a respeito das condições de vida desses jovens.

É claro que o professor não está munido de uma investigação como esta, entretanto, mediante as informações coletadas na sala e juntando outros dados, é possível fazer comparativos para mostrar que essa é a mesma situação da maior parte da população brasileira. Na sequência podem-se resgatar diversos elementos, que possibilita subsidiar as articulações necessárias para continuar o desenvolvimento do conteúdo, articulando as dimensões constitutivas da globalização.

Apresentamos a seguir algumas sugestões ilustrativas de atividades práticas²⁷ a título de exemplificação, sem intenção de detalhar procedimentos, já que, como já explicamos, o intuito é o encaminhamento e as correlações plausíveis nas dimensões que perfazem a globalização, sendo esta uma totalidade que se constitui nas singularidades, logo o caminho que melhor a expressa é a mediação do cotidiano.

Resgatamos falas dos professores com relação à contextualização:

[...] a partir do que ele (aluno) usa. Ele usa celular, ele usa tênis, ele usa tudo que tem uma marca de nome diferente, então aí ele vai perceber a globalização a partir dessa vivência cotidiana (professor João);
Exemplos da mídia, música (tipos de música dominante, de onde é de onde vem), de vestimenta, de internet (professor Manuel);
Você vê a globalização lá na Avenida Paulista. Trabalhei imagens, todo um processo de mudança; e hoje, como é hoje? Como é essa comunicação, hoje? De repente a Paulista virou um símbolo (professora Jane).

²⁷ Os exemplos são derivações do encaminhamento geral, o que denominamos de eixo, passível de flexibilizações diversas. São apontadas as diferentes dimensões, a título de visualizar a dialeticidade entre os elementos constitutivos da globalização.

Concordamos com os exemplos destacados, eles são pertinentes e inclusive passíveis de correlações mais amplas para fundamentar a globalização; porém, na forma como são apresentados, configuram-se como fragmentos, dificultando a percepção do aluno do processo como um todo. Assim, é interessante indicar algumas atividades para atestar nossa proposta.

Desse modo, retomamos o momento da categorização dos itens de consumo – o terceiro momento do eixo norteador do encaminhamento –, que indicava: destacar um dos artigos citados e fazer um inventário dele, provocando novos questionamentos e/ou dissertando a respeito.

Atividade 1

Em nosso exemplo, vamos considerar o aparelho celular (objeto mais cogitado entre os jovens).

- Dimensão tecnológica: o celular é a materialidade da tecnologia, que por sua vez é um dos códigos da globalização. É interessante, também, enfatizar o descarte rápido desses aparelhos e a geração de um lixo sem condições de reutilização (envolvendo questões relativas ao meio ambiente). A efemeridade e a descartabilidade dão visibilidade à globalização e geram consequências as mais diversas (lógica capitalista).

- Dimensão política: o local da produção do aparelho e os espaços de seu uso são definidos por fronteiras que determinam políticas locais ou nacionais relacionada aos custos, que podem ou não ser diferenciados. Quanto à fabricação do aparelho, ele pode dar-se no próprio país de utilização ou fora dele, logo é conveniente abordar a divisão internacional do trabalho (deslocamento das linhas produtivas por conta da mão de obra barata); essa é uma questão social, também.

- Dimensão cultural: por agregar-se valor pessoal ao aparelho (o jovem vê o celular como um item socializante), é oportuna a designação de mercadoria-signo, pois as marcas ganham mais espaços do que a utilidade do objeto. Questionar a respeito das diferentes funções e marcas do aparelho em relação ao custo. A função do celular como tocador de música abre espaço para relacionar tipos de música à cultura, e então é possível resgatar tradições regionais, que muitas vezes estão turvas ou dissipadas na cultura de consumo (preocupação recorrente do professor Manuel).

- Dimensão econômica: o telefone celular é uma mercadoria e como tal foi gerada no sistema produtivo – a produção envolve os trabalhadores, lugares, capital, lucro, publicidade, venda do produto e consumo (pelo aluno), gerando custo no orçamento doméstico não só pela compra, mas também pelos serviços que demandam pagamento mensal. Esta dimensão está amalgamada a todas as outras.
- Dimensão social (também imbricada nas outras dimensões): começa no consumidor (o aluno) que compra e usa o aparelho, portanto está participando do processo produtivo; levam-se em consideração o motivo e a prioridade para a aquisição (somam-se a isso as funções do aparelho, normalmente muito além de emitir e receber chamadas). Esses aspectos geralmente estão associados às relações interpessoais do jovem, conforme relato dos alunos ao apontar a importância do celular: “ligar para amigos, tirar fotos, ouvir música”; “escutar música”; “comunicação e fotografar”; “músicas, mensagens, conversar”; “comunicação fotografar, ouvir música”.

Dos 259 alunos questionados, 197, ou seja, 76% possuem celular; desses 197 jovens, 111 têm aparelhos celulares com mais de cinco recursos, como tocador de música, câmera fotográfica, reprodução de vídeo, entre outras funções que agregam custo, além das inovações que ocorrem em velocidade estonteante, difíceis de catalogar. A tecnologia como uso social cria uma referência importante de que não se pode prescindir: a simples sedução por esses aparatos cria perspectivas para além das possibilidades que lhes são atribuídas.

Esse mesmo procedimento poderia ser usado em relação ao computador, seu uso e posse, lembrando inclusive os questionamentos do professor João ao tratar da contextualização do tema globalização em sala de aula: “E com relação ao computador, como ele usa? Ele faz o computador? Ele monta o computador? Não, ele é usuário. Então, quem fez aquele computador? Veio de onde?”

É muito pertinente considerar essas indagações e inferir outros elementos que deem condição de estabelecer uma relação dialética entre as dimensões da globalização, conforme viemos dispendo.

Assim considerando, a partir das indagações é comum suscitar debates, o que deixa margem para discorrer o tema que melhor aprouver em concordância com os objetivos. Como sugestão, é interessante relacionar as respostas obtidas, discorrer a respeito da revolução industrial, a evolução das novas tecnologias, o desenvolvimento do capitalismo, enfim, o importante é não desconsiderar o processo histórico e resgatar os conceitos antes trabalhados. Seja qual for o encaminhamento ele tem que se definir na globalização nos dias de hoje.

Atividade 2

Por exemplo: se foi relacionado no consumo do supérfluo tênis de marca, questionar qual o valor desse tênis – por que ele tem esse preço? Se ele não tivesse esse símbolo²⁸, seria esse preço? O que você quer comprar: o tênis ou o símbolo? Quanto a mais você paga por essa marca? Essas perguntas provocam outras.

Recordamos Featherstone (1995), que afirma ser preciso prestar atenção na maneira como alguns bens podem entrar e sair da condição de simples mercadorias e adquirir significados que vão além da utilidade para a qual foram criados. É nesses significados que se pode designar o aspecto simbólico das mercadorias nas sociedades ocidentais contemporâneas – o simbolismo está diretamente ligado ao “*design*” e ao “*marketing*”, que fazem parte do processo de produção, logo “as associações simbólicas das mercadorias podem ser utilizadas e renegociadas para enfatizar diferenças de estilos de vida²⁹, demarcando as relações sociais.” (FEATHERSTONE, 1995, p.137). Essa ressalva clarifica e contemporiza os questionamentos sugeridos por nós.

- Dimensão tecnológica: meio de divulgação da marca (televisão, internet, mídia em geral); forma de circulação do objeto (redes de transporte).
- Dimensão cultural: origem do nome da marca (o lugar de referência em geral diz respeito a um país); o valor pessoal agregado à marca pelo aluno tem relação com a publicidade (mercadoria-signo).
- Dimensão política: lugar em que foi fabricado o tênis; lugar envolve fronteiras, e no interior delas existem políticas. Normalmente o país em que foi produzido o artigo não é o mesmo da origem da marca; esta reflete o idioma, a língua oficial do país de origem (também é cultural).
- Dimensão econômica: a produção industrial de qualquer bem exige investimento, trabalhadores, maquinários, matéria-prima (O que se usa para a produção de um tênis? E o meio ambiente?); além disso, a produção delimita um valor de custo, e na venda o produto tem outro valor, porque é necessário o lucro; um dos sujeitos que colaboram na lucratividade é o comprador (aluno). O símbolo do tênis envolve deslocamento de lucro, dinheiro para os países detentores da marca, lucro aumentado pelos consumidores (país do aluno, nosso lugar de vida).

²⁸ Entenda-se símbolo como signo. No diálogo com o aluno, em um primeiro instante é interessante usar termos que lhes são conhecidos, para posteriormente explicar que as marcas correspondem a signos.

²⁹ Para Featherstone (1995, p. 119): “estilo de vida no âmbito da cultura de consumo contemporânea conota individualidade, auto-expressão e uma consciência de si estilizada. O corpo, as roupas, o discurso, os entretenimentos de lazer, as preferências de comida e bebida, a casa, o carro, a opção de férias, etc. de uma pessoa são vistos como indicadores da individualidade do gosto e o senso de estilo do proprietário/consumidor.”

- Dimensão social: nada acontece se não houver pessoas em diferentes níveis de relação, como trabalhadores, consumidores (incluindo o aluno). Ao se falar sobre trabalhador, é bom lembrar a divisão internacional do trabalho, a exploração da mão de obra por transnacionais em países com contingente excessivo de trabalhadores, onde são pagos baixos salários (em geral onde são produzidos os tênis).

Atividade 3

Trabalhar com encartes de lojas e supermercados que tragam preços tanto de alimentos como de aparatos tecnológicos (celulares, tocadores portáteis de música), além de propagandas com preços dos serviços de telefonia em geral.

É possível pedir que o aluno faça um levantamento individual dos gastos que gera, categorizando os itens (conforme apurado) e comparando os custos por categoria, lembrando a importância que esses itens tomam em sua vida.

Fazer a classificação dos produtos por marcas (signos), preços diferenciados, e discorrer a partir daí sobre: valor da mercadoria, valor do signo (cultural); produção e local de produção (envolvem fronteiras, impostos – questões políticas); relações trabalhistas, lucro, capital; consumo (Por que consumir? O que se está consumindo: marca ou mercadoria?); divulgação do produto, publicidade, mídia (tecnologia). O contexto perfaz-se em sua totalidade pelo econômico e pelo social.

É muito importante que cada dimensão se expresse dialeticamente na totalidade, sem descolamentos.

Claro que colocamos a designação das dimensões em todas atividades, a título de demonstrar nossa defesa teórica, não sendo necessário empreendê-las nas aulas. Mas é imprescindível que o professor articule o encaminhamento sempre de acordo com o contexto e com a condição de juventude dos alunos, conforme assevera Peralva (1997, p. 29) a respeito da juventude:

o momento crucial no qual o indivíduo se prepara para se constituir plenamente como sujeito social, livre, integrando-se à sociedade e podendo desempenhar os papéis para os quais se tornou apto através da interiorização dos seus valores, normas e comportamentos. Por isso mesmo é um momento crucial para a continuidade social: é nesse momento que a integração do indivíduo se efetiva ou não, trazendo consequências para ele próprio e para a manutenção da coesão social.

Esse momento do jovem perfazendo-se para a condição de realização da cidadania é uma premissa para a educação em geral; em concordância com a afirmativa, pensamos o ensino e aprendizagem da e na globalização como um dos aspectos que compõem esse momento integralizador do aluno na sociedade, através da conscientização deste como participante ativo no processo. O ensino desse conteúdo terá uma melhor ressonância caso se leve em conta o cotidiano como elemento mediador e articulador do contexto e da contextualização das relações de vida do adolescente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] se você deixa passar sobre si as nuvens de signos, pela televisão, pelo rádio, no cinema, na imprensa, e se ratifica os comentários pelos quais outros fixam para você o sentido desses signos, então você será a vítima passiva da situação. Introduza algumas distinções, por exemplo, entre a cotidianidade e a modernidade, e a situação muda; você se tornará um intérprete ativo dos signos. (LEFEBVRE, 1991, p. 31,32)

Do cotidiano nós partimos e no cotidiano nós chegamos. As inquietações geradas por conta dos paradoxos de vida do jovem nos levaram a delinear caminhos perquiridores que dessem explicações razoáveis e condições de alguma proposta concreta para conscientização do adolescente como partícipe na globalização.

O aluno na condição de juventude que lhe é atribuída no contexto atual, representada por uma gama de emoções, sentimentos e atitudes que se distinguem pela fluidez, efemeridade e principalmente desejos, dentro de uma perspectiva sem historicidade, fraturada nos elementos que perfazem a complexidade da globalização, vive presentes perpétuos (lógica capitalista), descolando as tradições e desconectando o devir.

Assim, na ótica da globalização, é comum que a leitura da juventude em relação à tecnologia, às imagens e aos objetos, esteja calcada no consumo e ao significado dado aos bens em geral, consequentemente o adolescente é tratado como um consumidor potencial.

Não obstante essa imagem, consideramos que o jovem é curioso, nascido em um momento que a tecnologia informacional e comunicacional está instaurada, ele vive e aceita com naturalidade as inovações e na velocidade de um tempo dantes inimaginável; (para outras gerações os eventos tecnológicos se davam de forma mais lenta); aberto a novos aprendizados mediante a exploração da criatividade no seu contexto de vida.

Pensar a globalização a partir do e no contexto dos alunos nos envidou à pesquisa embasada em teóricos que pusessem a descoberto esse processo no lugar de vivência dos seres humanos, considerando as variáveis aí materializadas, para que tivéssemos condição de interlocução com a totalidade expressa dessa temática e o conteúdo articulado em aula. O lugar manifesto pelos modos de produção e reprodução social dá visibilidade ao modo de vida das pessoas, potencializando a globalização reflexa no cotidiano.

Atestamos que esse tema é extremamente complexo e amplo; não o definimos como conceito e sim como um processo em pleno movimento, imbricado ao sistema capitalista se historicizando e delineando um devir na vida cotidiana. Tem em si implicada e dialetizadas as

dimensões: econômica, tecnológica, cultural, política e social; sendo que o consumo e a tecnologia, além disso, são itens que dão materialidade à globalização.

A tecnologia é imbuída de uma aura que muitas vezes é confundida com a própria globalização, demonstramos, contudo, que ela é uma variável junto com outras e perpassa toda a conjugação do processo, além do mais, oferta condições de compreender o jovem no cotidiano em relação direta não só com o consumo (aquisição e uso de itens tecnológicos), mas no processo como um todo, seja na visão do professor ou no encaminhamento proposto nesta dissertação.

Na análise que empreendemos relativa ao consumo, destacamos sua relação dialética na formação cidadã. Antes, todavia envidamos esforços em apresentar o ato de consumir imbricado nas relações sociais, agregando a essa dinâmica as imagens e os signos, intermediados pela publicidade e mídia, que envolvem a manipulação de desejos e o modo de vida das pessoas gerado no e a partir do próprio cotidiano, sendo este demarcado pelas contradições emanadas dos modos de produção e reprodução sociais. Nesse movimento está o jovem que identifica no consumo da mercadoria-signo uma condição de naturalidade, sendo esta situação considerada como uma variável cultural, no âmbito da globalização.

O jovem, sujeito atuante nesse movimento, se rende ao ter, acessa as tecnologias materializadas em produtos de consumo que aparentam ser necessários e imprescindíveis em sua existência, supostamente, desconsiderando outras necessidades tão importantes para sua qualidade de vida. Nesse contexto, o social implicado no econômico e tecnológico, gera reorientações nas análises das desigualdades sociais, que se revelam por outras materialidades, tendo outras visibilidades e outras conotações. As necessidades básicas que são expressas no morar, no ter um mínimo de qualidade de vida são as mesmas de outrora, elas fazem parte da vida, no entanto o consumo em geral está para além da essência de vivência, ele se projeta em diferentes níveis de prioridades.

As ações e interconexões desencadeadas pelo consumo nos colocam frente aos novos engendramentos sociais que se estabelecem no cotidiano. Entendemos que o jovem, também aluno, se constitui em uma situação comum e socialmente aceita no jogo do econômico do ter e obter objetos que estão incorporados no cotidiano das necessidades, e não do supérfluo, constituindo, assim, a relação consumo e cidadania.

A partir do momento em que compreendemos o jovem, nesse processo e as contradições imanentes daí, podemos afirmar que a pesquisa nos deu possibilidades de ver

explicadas nossas inquietações, frente aos paradoxos comportamentais dos alunos com relação à posse e uso de aparatos tecnológicos de última geração, desconsiderando os bens de necessidades básicas, pois ele vive o presente perpétuo e se perfaz na globalização dando consistência e se fazendo consistir nesse processo. O entendimento explicitado foi obtido pela articulação teoria e prática, uma interlocução necessária e essencial, com base nos questionários respondidos pelos alunos correlacionados a teóricos que debatem temas relativos à condição do ser jovem nos dias de hoje e a globalização enfocada no lugar de vida dos sujeitos sociais.

Nesse sentido, referente às respostas, apuramos que em relação ao uso e posse de dispositivos tecnológicos, 100% dos alunos de alguma forma acessam a internet, aqueles que não a possuem em sua residência, fazem uso de *lan houses*. Mesmo sendo, em sua maioria, de famílias com recursos reduzidos, demonstraram uso e acesso às novas tecnologias.

No que diz respeito à renda e de acordo com os dados apurados: dos 259 alunos, 187 pertencem às famílias com ganho de até três salários mínimos e 34% desses 187, participam de algum programa assistencial oferecido pelo governo, como Bolsa Família. Consonante às informações, consideramos que a maioria dos alunos tem condição econômica restrita, logo a análise tende a recair no contexto de jovens pertencentes às classes populares.

Ao estabelecer as relações dialéticas do contexto de vida ao sistema econômico, aí se revelam o cotidiano e os paradoxos nele contido, dando visibilidade e materialidade à globalização.

Também, se agregam aos dados quantitativos, os elementos informativos a respeito dos desejos de consumo dos adolescentes, ficando evidente que o artigo mais cobiçado é o aparelho celular, com recursos alternativos de uso como câmera fotográfica e tocador de música. Além disso, nas questões relativas ao consumo de itens tecnológicos, expusemos uma situação (problema) de inexistência dos mesmos (internet e aparelho celular), os alunos relataram inconformidade pessoal com tal situação, pois a vida seria “*muito chata*”, “*complicada*”, “*um horror*”. Essas respostas nos ofereceram condições de entender a juventude vivendo o momento descontextualizado da historicidade e imbricado na globalização.

Ao reconhecer o aluno nos reportamos ao objetivo da educação, que não mudou com a globalização, mas é necessário repensar essa temática frente às novas configurações sociais expressas principalmente nas incoerências. Consideramos que o ensino da Geografia busca

nas práticas sociais a formação do aluno para a cidadania, mesmo sendo um corolário é a finalidade primeira dos profissionais envolvidos com essa disciplina. O conteúdo da mesma necessita estar voltado às significações dadas pelos alunos contidas nas manifestações socioespaciais. Sendo assim, há que se levar em conta a produção histórica e a projeção do teor temático na existência dos alunos e, é nessa acepção que a contextualização se dá, ocorre do sentido imediato da realidade à complexidade da globalização. Temos nessa dialética a relação ensino aprendizagem da e na globalização envolvido no contexto do desenvolvimento formativo do educando.

Na análise das entrevistas sobre o ensino do conteúdo da globalização, apuramos as dificuldades que esse tema agrega, implicando na fragmentação e parcelaridade na contextualização, sobretudo na temática como um todo. Talvez a aparência de inexorabilidade da globalização crie opacidade nas contradições contidas no cotidiano e restrinja a oportunidade de dialetizar, já que a dialética oferece possibilidades de uma abordagem mais completa e facilitadora desse tema.

No que pese nossa postura de pesquisador, não pudemos nos abster por completo desse momento revelador, visto que também, somos sujeitos da ação, na medida em que atuamos como professor, lecionando para esses anos em escola pública da rede Municipal de Ensino. Muito do que nos foi relatado, condizia com as nossas inquietações no desenvolvimento do conteúdo da globalização nas aulas. A grande dificuldade de lidar com um tema tão polissêmico foi uma das problemáticas geradora das nossas investigações e que instigaram a busca de entendimento.

Os professores entrevistados demonstraram preocupação com a influência da mídia, ou seja, o processo da globalização na formação identitária do jovem, estes estão vulneráveis às rupturas com as tradições e histórias de vida. A apreensão é pertinente, pois, conforme atestamos na pesquisa, essa é uma situação tênue, portanto, explica-se a inquietação desses profissionais que retomam essa fala em diferentes momentos e veem no conteúdo da globalização uma mediação coerente para objetivar a relação de identificação do aluno no contexto que eles pretendam indicar, seja no mercado de trabalho ou na dimensão cultural.

Segundo a nossa perspectiva e mediante o levantamento teórico realizado, o encaminhamento possível de aula é a partir do e no contexto, lugar de vivência dos alunos, a fim de contribuir para a sua formação, na medida em que ofereça oportunidades de

entendimento e conscientização relativa à atuação na sociedade, nas formas interativas e integrativas que se compõem no cotidiano.

A contextualização, momento mediador, se refere à adequação do conteúdo à realidade do aluno, possui papel motivador na aprendizagem. Inserimos o assunto globalização na disciplina de Geografia, nas perspectivas formadoras do jovem, nesse movimento integrante, visível e dinâmico. Apresentamos como caminhos possíveis do ensino dessa temática, exemplos de atividades que integralizam os termos constitutivos da globalização ao cotidiano do educando. Também, deixamos abertos espaços para propostas passíveis de interdisciplinaridade, envidando condições de trabalho conjunto com outras áreas do ensino, já que o eixo delineado permite diálogos complementares com o propósito de ampliar as diversas interconexões destacadas na temática com outras disciplinas, sem perder de vista a dialética do processo.

O encaminhamento se dá mediante a compreensão da globalização constituída em variáveis que oferecem condições de entendimento da mesma, nas relações dialetizadas no cotidiano. Logo, destacamos a dimensão tecnológica, norteadora de todo o processo; a dimensão política diz respeito às fronteiras dos lugares, principalmente dos países; a dimensão cultural agrega não só as tradições, mas também, as imagens e aos signos (mercadorias-signos); a dimensão econômica que traduz e codifica o processo como um todo através do capitalismo; a dimensão social se dá na visibilidade das relações sociais imbricadas no todo.

Os exemplos apresentados oportunizam momentos facilitadores para o desenvolvimento do conteúdo da globalização acordados para o último ano do Ensino Fundamental, através do uso de termos do capitalismo que, na relação contextual se fazem simplificado para o entendimento do aluno.

É interessante ressaltar que tive a oportunidade de fazer valer o encaminhamento disposto nesta dissertação e tenho, na minha avaliação, resultados muito positivos quanto ao ensino do conteúdo da globalização e a reciprocidade da aprendizagem e mudança de postura, por parte dos alunos.

Enfim, o cotidiano se expressa nos lugares, manifesto pelos sujeitos sociais e abre campos possíveis de conhecimentos. Pensando a educação para a cidadania que pretende fazer de cada pessoa um sujeito de transformação, consciente de si e de seu papel na sociedade, é importante que se objetive a conscientização nas esferas da globalização. Lembrando Freire (2007, p. 33):

O desenvolvimento de uma consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente. Na medida em que os homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo os desafios do mundo vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora.

Compreender o jovem se constituindo cidadão, pertencente a um lugar geográfico, produto e produtor da história, tem importância crucial para o desenvolvimento das propostas de ensino. Desse modo, o ensino de Geografia, além de ofertar condições aos alunos de localizar, de significar os lugares, oferece condições de entendimento das relações sociais no cotidiano. Há uma multiplicidade de questões imprescindíveis no encaminhamento da disciplina, consideradas como instantes conscientizadores na proposta formativa dos jovens.

Portanto, o ensino da globalização para além de um conteúdo tem que ter claro: o jovem da e na globalização; a relação dialética de todas as dimensões que constituem o processo: o tecnológico, cultural, político, econômico e social no movimento contextualizador mediado pelo cotidiano, objetivando a conscientização do ser e ter nessa totalidade, considerando a ocasião em que emergem as contradições e paradoxos que podem ser visualizados e compreendidos no lugar.

Não perdendo de vista os elos articuladores no ensino, como questionamentos que impactem o momento presente e se constituem posteriormente na interface necessária para desobstruir as aparências e constituir a essência, redirecionando o devir a partir do resgate da historicidade do aluno como ser social. Com base nesses pressupostos, podemos propor o encaminhamento, como caminhos possíveis e, jamais únicos, ou sugestões de práticas passíveis de adequações mediante o contexto do ensino e aprendizagem da globalização na disciplina escolar Geografia.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude. **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, nº 5 e 6, p. 25-36, 1997.

ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania – Fundação Perseu Abramo, 2005.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade do consumo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

_____. **O sistema de objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BENKO, G. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. São Paulo: Hucitec, 1996.

BOURDIEU, P. A “juventude” é só uma palavra. In: _____ **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

CALLAI, H. C. O Ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al. **Geografia em sala de aula**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998. p. 57-63.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2009.

CANCLINI, N. G. (1995). **Consumidores e cidadãos**. 7 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

_____. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARLOS, A. F. A. A natureza do espaço fragmentado. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A., SILVEIRA, M. L. (Orgs.). **Território: globalização e fragmentação**. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede** – a era da informação: economia, sociedade e cultura. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. vol. 1.

CASTROGIOVANNI, A. C. E agora, como fica o ensino de Geografia com a Globalização? In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al. **Geografia em sala de aula**. 3 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998. p. 83-85.

DAMIANI, A. L. A Geografia e a construção da cidadania. In: CARLOS, A. F. A. **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 50-61.

_____. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 161-186.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, nº 24, p. 40-52, 2003.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995. (Reimp. 2007).

FREIRE, P. A máquina está a serviço de quem? **Revista Bits**, 1984. in: Multimídia na escola: Disponível em: <<http://www.paulofreire.org/Crpf/CrpfAcervo000040>>. Acesso em: abr. 2010.

_____. **Educação e mudança**. 30 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 22 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FROMM, E. **Ter ou ser?** Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

_____. (1999) **Mundo em descontrole**. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 18 ed. São Paulo: Loyola, 2009.

HOUAISS, A. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

IANNI, O. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

_____. **A era do globalismo**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999a.

_____. **Sociedade global**. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999b.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de Filosofia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JAMESON, F. Pós-modernismo e Sociedade de Consumo. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, nº 12, p. 16-25, 1985.

_____. Globalização e estratégia. In: **A cultura do dinheiro**. Petrópolis: Vozes, 2002.

KONDER, L. **O que é dialética**. 28 ed., 8 reimp. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LEFEBVRE, H. **O fim da história**. Lisboa: Dom Quixote, 1971.

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Lógica formal e lógica dialética**. 6 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, J. S. **Periferia revisitada** – depoimento. In: Espaço & Debate. Revista de estudos Regionais e Urbanos, nº 42. São Paulo, 2001, p. 75-84.

MONTEIRO, E MPx: mercado é invadido por aparelhos que trazem tocador de música digital, de vido, TV e até celular. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 jan. 2009. Tecnologia. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2009/01/19/mpx-mercado-invadido-por-aparelhos-que-trazem-tocador-de-musica-digital-de-video-tv-ate-celular-754040011.asp>>. Acesso em: fev. 2010.

ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Des(a)finando o coro global. **Sala de Imprensa**, Campinas, Unicamp. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/maio2006/ju325pag4-5.html>. Acesso em: 12 fev. 2010.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa** – abordagem teórico-prática. São Paulo: Papirus, 1997.

PEET, R. Mapas do mundo no fim da história. In: SANTOS, M. et al. **O novo mapa do mundo** – Fim de século e globalização. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 46-65.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação** – Juventude e contemporaneidade, ANPED, nº 5 e 6, p.15-24, 1997.

PONTUSCHKA, N. N. O perfil do professor e o ensino/aprendizagem da Geografia. **Caderno Cedes** – Ensino de Geografia, Campinas: Papirus, nº 39, 1996.

_____. A Geografia: ensino e pesquisa. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 111-142.

_____. Processos de ensinar e aprender: lugares e culturas no campo da Geografia. In ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO (ENDIPE), – Trajetórias e processos de ensinar e aprender: práticas e didáticas, 15, 2008, Porto Alegre **Anais do XV Endipe**. Porto Alegre: PUC, 2008.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

SACRISTAN, J. G. **Educar e conviver na cultura global** – as exigências da cidadania. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

_____. (1987). **O espaço do cidadão**. 7 ed. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. (1996). **A Natureza do espaço**. Técnica e tempo – razão e emoção. 4 ed., 4 reimp. São Paulo: Edusp, 2008a.

_____. (2000) **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. 15 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008 b.

SENE, E. **Globalização e espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **As reformas educacionais após a abertura política no Brasil e na Espanha: uma análise crítica do Ensino Médio e da Geografia**, São Paulo, 2008. Tese (Doutoramento em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. C. O mercado mundial e alocação de capital e trabalho. In: SANTOS, M. et al. **O novo mapa do mundo** – Fim de século e globalização. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 75-80.

SMITH, N. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e produção de escala geográfica. In: ARANTES, A. A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

_____. Geografia, diferencia y las políticas de escala. **Terra Livre** – Geografia, movimentos sociais e teoria, São Paulo, ano 18, nº 15, p.127-145, 2002.

THIOLLENT, M. J. M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 3 ed. São Paulo: Polis, 1982.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VIEIRA PINTO, A. **O Conceito de tecnologia**. 1ª reimp. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008. Vol. II.

GLOSSÁRIO

Internet conjunto de redes de computadores que se comunicam por meio de protocolos denominados TCP/IP, entre outros serviços, oferece a cópia de arquivos, correio eletrônico, participação em grupos de discussão e, o principal deles, acesso a “world wide web”, rede mundial de computadores. (<http://www.dicweb.com/ii.htm>) (Acesso fevereiro/2010)

iPod é tipo de MP3 que reproduz músicas e alguns também reproduzem vídeos.

iPhone é o celular da Apple³⁰, que tem diversas funções, das quais também reproduz vídeos e músicas.

Lan House³¹. LAN significa Local Area Network, ou seja, rede local de computadores, logo LAN HOUSE é o estabelecimento no qual é oferecido o uso destes computadores ligados em rede para acesso à Internet e programas em geral, como os jogos eletrônicos.

MPx³² – “Moving Picture Experts Group”, grupo internacional de trabalho que cuida das questões relativas a áudio e vídeo e foi a partir dessa sigla que foi criado primeiro MP3, e a partir daí outros sequenciais que tendem a agregar novas funções.

MP3 é um aparelho portátil de formato eletrônico que permite ouvir e armazenar músicas de forma compacta, sem ocupar muito espaço e sem tirar a qualidade sonora das canções.

Mp4 é um aparelho portátil com padrão de armazenamento de áudio e vídeo.

³⁰ O iPhone é um smartphone desenvolvido pela Apple Inc. com funções de iPod, câmera digital, internet, mensagens de texto (SMS), visual voicemail e conexão wi-fi local. A interação com o usuário é feita através de uma tela sensível ao toque. Numa tradução livre, do inglês "smartphone" - "telefone inteligente". Usualmente um smartphone possui características mínimas como capacidade de conexão com redes de dados para acesso à internet. O iPod é uma marca registrada da Apple Inc. e refere-se a uma série de tocadores de áudio digital projetados e vendidos pela Apple. O "POD" é a sigla de "Portable On Demand", o que numa tradução livre seria algo como "portátil desejado" e a letra "i" na frente, que se lê "ai" e significa "eu" em inglês, teria um sentido pessoal, como "o portátil que eu desejo/desejei" ou "o portátil que eu sempre quis". (www.apple.com.br); (Acesso em fevereiro de 2010).

³¹ http://pt.wikipedia.org/wiki/LAN_house (Acesso em maio de 2010)

³² MPx: *mercado é invadido por aparelhos que trazem tocador de música digital, de vido, TV e até celular*. O Globo. Publicado em 19/01/2009. <http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2009/01/19/mpx-mercado-invadido-por-aparelhos-que-trazem-tocador-de-musica-digital-de-video-tv-ate-celular-754040011.asp> (Acesso fevereiro/2010)

Mp5, Mp6, Mp7 até Mp12 são aparelhos com pouco diferenciador entre eles no áudio e vídeo para os padrões de tecnologia, porém o valor aumenta de acordo com a ordem numérica, mais por conta de um jogo de marketing do que de funcionalidade do mesmo.

MSN; MSN Messenger é um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O serviço nasceu em 22 de julho de 1999. O programa permite que um usuário da internet se relacione com uma ou mais pessoas que tenham o programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos virtuais e acompanhar quando eles entram ou saem da rede .

(http://pt.wikipedia.org/wiki/MSN_Messenger)

(Acesso fevereiro de 2010)

Orkut é um sistema criado pelo Google lançado em fevereiro de 2004. O nome vem de um funcionário da empresa, que desenvolveu esse projeto: Orkut Buyukkokten. O Orkut é um site de relacionamento. Basicamente, se tem um painel com a relação de seus amigos e outro painel com a relação das comunidades. Cada pessoa tem uma descrição pessoal e as comunidades as quais participa. Também tem a função de trocar mensagens.

(<http://www.infowester.com/col080804.php>) (acesso fevereiro/2010)

MEMORIAL

2010 – Meio século de vida

O que sou hoje? Sou Professora do Ensino Fundamental e Médio atuo na Escola Pública do Município de São Paulo. Sou esposa do Flavio, mãe de dois filhos, sendo eles: a Camila casada com o Luiz, ambos formados e atuantes no mercado financeiro e o Fernando formado, doutorando em estatística na Duke University, no exterior com pretensões de carreira acadêmica. Também sou uma pessoa ávida de conhecimento e desejosa de partilhar o saber, motivo pelo qual aqui me apresento mestranda da Universidade de São Paulo.

A partir do presente é muito mais fácil delinear o passado, repleto de histórias que constituem uma dinâmica própria, revelando minha identidade na sociedade.

Sou de estatura física pequena, sempre fui.

Meu primeiro dia na vida escolar no ano de 1967 ficou muito marcado na memória. Minha mãe indica o caminho da escola, diz para eu acompanhar o fluxo de pessoas e entrar na sala para qual fosse chamada. Tratava-se da Escola Estadual “Plínio Negrão” no Jardim Cruzeiro, na Zona Sul do município de São Paulo. Entrei pelos corredores e ali fiquei, estava uma balburdia, muitos adultos e crianças misturadas. As lágrimas vieram-me aos olhos por causa da dúvida caso não fosse chamada ou não me percebessem ali. Eu era apenas mais uma pessoa e muito pequena, mas com os sete anos de idade já tinha que encontrar os caminhos da vida. Eis que depois de algumas lágrimas rolaem no rosto, meu nome é dito com clareza e, a professora Dona Célia, com expressão de brava, manda-me entrar na sala, indica a primeira carteira da fileira do meio e, esse lugar iria repetir-se nos anos subsequentes, pois sempre estive entre os menores das turmas.

A escola pública, nessa época, era elitizada. Crianças carentes, como eu, não tinham acesso. Mas uma vizinha, a dona Marilena, era professora lá, condoída com a situação de minha família, conseguiu a vaga, além disso, comprava todo ano o material escolar para os filhos dela e para mim. Inclusive a mala marrom, me acompanhou os quatro anos do primário.

A responsabilidade com o estudo crescia, pois sentia a necessidade de responder a altura o que me era dado. Tinha consciência de que se estudasse teria garantido a cada ano a vaga e o material. Assim tirava boas notas, me comportava e ainda ajudava nos labores domésticos de minha casa e das vizinhas.

O colégio era minha referência de vida, ali brincava, observava e percebia que o mundo poderia ser diferente daquele que eu vivia. Ouvia atenta as histórias e o cotidiano dos

colegas. Algumas circunstâncias me chamavam a atenção, como uma menina que depois dos feriados e férias dizia que tinha ido para o “interior”, ou à “praia”; eu ficava tentando imaginar como eram esses lugares. Sim, imaginar, porque nós não tínhamos televisão, ou acesso a revistas e livros.

Minha família era composta por meu pai Abel que exercia a atividade de mecânico. Meu irmão Sergio, dois anos mais velho que ajudava na oficina mecânica. Minha mãe Izalina era costureira e minha irmã Fátima de um aninho de idade. Na ocasião, passávamos por grandes dificuldades econômicas. Morávamos em uma casa muito pequena e precária, situada na rua da escola, distante uns quinhentos metros, mas para mim era longe.

A Geografia..., lembro-me do seguinte fato: dona Laura, professora do terceiro ano, coloca o mapa do Estado de São Paulo pendurado na lousa. Aquilo me encantou, imaginava como seria o rio Tietê, na realidade. No mapa estava o “interior” e a “praia”, a imaginação e as interrogações continuavam em minha mente. Depois desse, vieram outros, tais como o mapa do Brasil. Neste momento meu pensamento viajou. As atividades se resumiam em copiá-los na folha de seda do caderno de desenho e pintar.

Na quarta série a professora dona Iraê era cotada a melhor da escola, pois, para sua sala eram selecionados os alunos destaques. E lá estava eu, na primeira fila, novamente me surpreendendo com os novos saberes: conjugar verbo, os problemas de matemática, a história em andamento. Era o período da ditadura militar. Com o olhar de hoje percebo quanto essa docente era engajada, ela tinha atitudes e falas que denotavam contrariedades à política vigente.

Mudamos para outro bairro no meio do ano letivo. Fomos morar na Capela do Socorro, Zona Sul do município. Passei a pegar ônibus para me deslocar e terminar o primário nessa escola. Finalizei essa fase letiva com uma singela formatura no pátio da escola e ganhei medalha de melhor aluna de todos os quartos anos.

Passei no exame de admissão e ingressei no ginásio, “Colégio Estadual Melvin Jones”.

Eis uma nova etapa da vida, sentindo-me “maior”, mas sempre pequena. A escola era maravilhosa, tinha algo a mais. Eu teria que ser muito boa para ficar ali. Não podia repetir o ano porque seria transferida para outro colégio, o da Prefeitura, muito mal referenciado nessa época.

Colégio Estadual Melvin Jones..., o uniforme era lindo, gostava de assistir à fanfarra, seu som ecoava e vibrava em meu corpo. A escola se destacava entre as melhores da Zona Sul, tanto o ensino, como as modalidades esportivas, as festividades (festas juninas, festivais

de música, teatro). Participei de um dos festivais, fiz a letra e o irmão de minha amiga fez a música.

Apesar da minha participação nos eventos ser bem restrita, minha vida social se fazia naquele espaço escolar, porque fora dali, meu cotidiano se restringia a vida doméstica. Meu pai era severo, por consequência minha mãe tinha que seguir suas instruções. O rol de restrições era tantas que eu subsumia e não fazia solicitações para evitar ouvir as negativas. Era tímida e não ousava. Hoje, sou arrojada e ensino os alunos a sê-lo.

Minhas perspectivas de vida continuavam sendo que estudando eu teria meios de obter uma condição melhor, tanto nos aspectos financeiros como emocionais. Fui romântica e sonhadora. Retirava livros na biblioteca da escola deleitava-me com as histórias. Machado de Assis e José de Alencar eram minhas companhias mais constantes.

As aulas... , continuava me dedicando, me esforçando, tinha que me sair bem nos estudos. Era uma jovem com um único propósito: estudar e tirar boas notas. Decorava verbos e questões de história, fazia o que a professora de matemática mandava, era aplicadíssima. Novamente ganhei medalha de melhor aluna, nas séries sequenciais do ginásio.

Nota e aprendizado, nesse momento, não estão na mesma razão e proporção; pois mesmo rotulada como aluna exemplar, ficaram lacunas, principalmente em Matemática, já que eu decorava o primeiro exercício para resolver os outros, sem a compreensão necessária daquele esquema.

Dona Rita de Cássia, professora de História na quinta série, passava questionário com cinquenta perguntas, corrigia todas na lousa e posteriormente aplicava uma prova com cinco questões selecionadas. Ou seja, tinha que decorar tudo, pois cada uma tinha o valor de dois pontos, e ela não considerava o “meio certo”. O maior aprendizado que tive com essa profissional foi que jamais iria repetir sua prática, caso me tornasse professora. Fazia-me essa promessa toda véspera de prova. O que ela ensinou da sua disciplina? Não me lembro.

Mas no ano seguinte tive a felicidade de ter uma docente que me ensinou História com movimento, deu vida aos fatos. Além do mais, ela orientou como devia ser feito um trabalho escolar, passou as bases metodológicas para escrever e apresentar pesquisas. Realizei uma a respeito do primeiro Império do Brasil, que tão bem embasada e constituída, a professora solicitou que eu doasse para a biblioteca do colégio.

Foi nessa mesma série, que o meu diálogo com a Geografia começou a tomar forma. Dona Mércia, comprometida com o saber, gostava do que ensinava, passava as matérias com fluidez. Lembro-me do desenho que fez na lousa para explicar as cuestas do interior do

Estado de São Paulo. Fez comentários de tal forma que, se viajássemos para essa região iríamos perceber esse acidente geográfico com muita facilidade. Alguns anos mais tarde, quando tive a oportunidade de passear nesse lugar me encantei, pois a descrição estava de acordo com aquela aula, ainda bem viva em minha mente.

As séries seguiram e eu continuava em minhas divagações. Caso resolvesse ser professora teria que estabelecer referenciais, apesar de que estes se revelavam muito mais naquilo que eu não praticaria em sala de aula.

No ano de 1972 nasceu meu irmão Marcelo e dois anos depois, o Marcio. Foi mais uma fase marcante, porque eu tinha que ajudar minha mãe nas tarefas domésticas e nos cuidados com as crianças. Então para poder conciliar os estudos, passava horas ensinando as matérias para os meninos (como nos referíamos a eles), era uma forma de cuidar deles sem perder o foco.

O colegial foi tumultuado, porque nessa época não havia orientação ou mesmo divulgação de possíveis cursos. Os modelos de profissionais que eu tinha contato eram mínimos, a maioria relacionada ao trabalho manufatureiro. Por influencia das amigas, resolvi seguir com elas para cursar o primeiro ano no Colégio Doze de Outubro. Optei pelo curso de Secretariado com o desejo de começar trabalhar em breve. Mas essa escola era particular, extremamente elitizada. Senti-me muito mal, achava que era discriminada por não ter o mesmo poder aquisitivo que os colegas.

Além disso, meu pai não tinha condições de continuar pagando. A família estava numerosa e a casa era muito pequena, localizada nos fundos da oficina mecânica. Precisamos nos mudar, fomos morar próximo ao autódromo de Interlagos. Saí dessa escola e voltei para meu antigo reduto do ginásio, agora com outro formato. O nome havia mudado para Escola Estadual Dom Duarte Leopoldo e Silva, estudei no período noturno, outra realidade, mas agradável.

No terceiro ano mudei novamente de colégio, fui para a Escola Estadual Professor Alberto Conte. Tive que voltar ao turno da manhã, já que à noite não teria a companhia de meu irmão mais velho, pois ele havia completado o colegial.

Nesses três anos de intensa dinâmica, conheci muitas pessoas diferentes, algumas se destacaram outras apenas passaram. Os professores continuavam sendo objeto de minhas avaliações. Foi o período em que decidi de vez seguir na carreira de humanidades. No primeiro colegial o livro usado na disciplina de História era: “História da Riqueza do Homem” de Leo Huberman, e de Geografia: “Formação Econômica do Brasil” do Caio Prado

Jr., muitas vezes não entendia os textos, porém percebia um movimento diferenciado, enfoques que surtiem sérias dúvidas, mas como era um curso técnico, não era dada importância às minhas indagações.

No último ano do colegial como optei pela área de Humanas (na ocasião havia segmentação), eu tive a oportunidade de ter aula de Filosofia, Sociologia, Literatura, além das outras disciplinas. Apesar de ter sido um contato superficial (uma aula por semana) com alguns teóricos que para mim eram desconhecidos, colaborou no desenvolvimento do meu raciocínio crítico e reflexivo.

A Geografia, mesmo opaca nesse período, era a minha predileção. Ano de vestibular, não houve dúvidas, ela seria minha opção, pois de alguma forma dava conta de tentar explicar o homem no chão. Era exatamente essa expressão que eu usava para justificar minha preferência.

Ano de 1978 comecei a trabalhar no Banco do Estado do Rio de Janeiro, ingressei no curso de Geografia na Universidade de São Paulo. Muitas mudanças, descobertas e a necessidade de um amadurecimento rápido para entender tudo que se passava no mundo político, intelectual e também no profissional. Eu me dividia entre as responsabilidades de meu trabalho, o grande volume de textos, as pesquisas da faculdade e, nos finais de semana ajudava em uma instituição de caridade situada na periferia (apoio pedagógico para jovens carentes com dificuldade de aprendizagem escolar).

O bacharelado foi muito difícil, sentia-me imatura para o nível de debates que ocorriam. Estava acontecendo todo o movimento por conta da ditadura, que antes me parecia algo tão longe, e nesse momento ficou muito próximo e amedrontou. Lembro-me dos policiais que passavam nos pontos de ônibus e gritavam “dispersando”. Ficávamos bem distantes e isolados, nesses locais.

Eu tinha dificuldades com a Geografia Física. Na Geografia Humana, o debate era acirrado com relação às correntes do pensamento geográfico e a dialética era o tema central das discussões. Divagava nas dúvidas e reflexões, procurava empreender uma metodologia de estudo própria para o entendimento de tantos itens que se fragmentavam, mas tinham que ter um sentido no curso.

Minha realização deu-se na licenciatura, as disciplinas me pareciam coerentes com os objetivos, visto que não geravam tantos embates como acontecia em nosso curso. Elas me atraíam, pois visava buscar o entendimento da relação ensino aprendizagem. Não obstante, eu argüir muito sobre o Behaviorismo porque acreditava que faltava algo. Apesar disso,

destaquei-me nas aulas de Psicologia. A professora pediu-me um trabalho sobre “motivação”, desenvolvi-o de tal forma que “parecia” (segundo minha visão) ter encontrado uma das soluções para as deficiências que tinha observado naqueles professores do Ensino Básico. Por conta do meu desempenho nessa disciplina a professora propôs que eu aprofundasse a pesquisa, talvez na pós-graduação.

Mas, a minha vida não teve um percurso linear. Ela foi marcada por rupturas e retomada bem acentuada.

No ano de 1981, continuava trabalhando no banco, casei-me e engravidei. Terminei o bacharelado e licenciatura com outros projetos, precisava constituir a vida material, tinha necessidades de adquirir um imóvel. Meu salário dava condições de pensar nesses termos.

Mesmo assim, concomitante, peguei seis aulas semanais em uma escola do Estado, atuei dois meses. Fiquei desmotivada, porque era Estudos Sociais, e o planejamento que me foi apresentado para seguir não tinha nada a ver com os debates da academia. Segundo as orientações da coordenação, tinha que pegar o livro e passar texto na lousa para os jovens copiarem. Desestimulada, me afastei da educação e por contingência da vida, da Geografia também.

Por dezoito anos segui a carreira bancária, de escriturária conquistei por meio de seleção, cargos até gerente de conta de pessoa jurídica, cargo que exerci nos últimos oito anos dessa jornada. Nessa função pude associar muito do meu aprendizado na faculdade, pois meu espaço de negociação ia muito além de uma mesa de agência. O conhecimento que adquiri no banco, deu-me condições de posteriormente, extrapolar com os alunos do Ensino Médio, a respeito das diversas facetas dos modos de produção e do mercado financeiro.

Em 1995 fiquei desempregada, então minha filha sugeriu que eu fosse dar aula. Mesmo estando fora tantos anos, candidatei-me a professora de Geografia no Colégio Interlagos, onde meus filhos estudavam. Gostava muito da proposta pedagógica deles. E como citei, minha trajetória continuava apresentando nítidas mudanças. A professora das duas quintas e duas sextas séries estava saindo da escola no mês de agosto. Acredito que, até por falta de opção, a diretora convidou-me. Conhecia-me como mãe e por isso daria essa oportunidade.

Iniciava assim, outra etapa de minha jornada. Possuía nas mãos um livro e à minha frente o olhar dos alunos. Não sabia exatamente o que fazer, mas tinha em mente não reproduzir encaminhamentos vazios. Para isso coloquei-me a caminho da Universidade de São Paulo assisti a algumas aulas como ouvinte. Comecei a frequentar seminários nas

editoras, palestras e eventos tanto na área da Geografia quanto da Educação. Resgatei leituras a fim de estudar e me embasar.

Para preparar as aulas, antes de qualquer coisa, eu procurava me pôr no lugar do aluno. Pensava se a forma como iria lhe ensinar, tornaria o tema significativo ou não. A motivação e mediação passaram a ser o empreendimento maior nas práticas pedagógicas.

Tive a grande alegria de acompanhar e agregar novas turmas nos cinco anos subsequentes. Esses jovens nunca mais sairão de minha memória, pois eles me instigavam a buscar e pesquisar mais e mais. Desenvolvemos juntos muitos projetos, pois era uma parceria. O que eu propunha, eles me acompanhavam e o aprendizado acontecia. Dessas turmas, duas alunas fizeram faculdade de Geografia. Outros seguiram carreiras inspiradas nas atividades que desenvolvíamos. Ganhamos premiações internas e externas. Foi uma fase muito gratificante.

Mesmo com toda essa dinâmica, sentia necessidade de ampliar mais as experiências no ensino, prestei concurso público e no ano de 1999 ingressei em escolas do Município e do Estado.

Dado o acúmulo de atividades, no ano de 2000, saí do colégio particular, exonerei do Estado e fiquei com dedicação exclusiva na escola da Prefeitura, onde continuei e continuo buscando inovar nas práticas, observando com olhar bem criterioso as particularidades e especificidades da realidade desse aluno.

Nesses quinze anos de magistério, sinto-me realizada. Sempre prezei pela qualidade e não quantidade. Revolto-me com as políticas públicas que tem no seu cerne os resultados numéricos.

Tenho comigo lembranças de um intenso aprendizado do Colégio Interlagos. Ali eu tive muito apoio para a retomada na educação. Criei vínculo de carinho e amizade com os alunos, professores e direção.

O envolvimento com o ensino público não tem sido diferente, desde o início desenvolvo projetos junto ao alunado e a comunidade escolar. O ambiente da periferia é fértil à efetivação de movimentos propositivos para a prática cidadã. Possuo resultados positivos, outros se anulam no processo. Mas tenho como lema: “procuro fazer a minha parte.” Minha preocupação com o jovem é justamente fazê-lo sentir-se socialmente aceito no seu espaço de vida. Penso que ele está vivendo o momento dele e da sociedade, logo é importante a mediação do ensino para que projete o devir. Não que seja responsabilidade apenas do

professor essa intervenção, mas, este é mais um sujeito na sociedade que pode fazer a diferença.

A pós-graduação... A vida acadêmica tem o poder de atrair e impulsionar sempre para algo mais. No retorno à vida escolar, conforme mencionei frequentava lugares que ofertavam capacitação na Geografia ou na Educação.

Nesse percurso, no ano de 2002, frequentei como aluna especial, a disciplina do programa de Pós Graduação do Departamento de Geografia desta Universidade: “Alfabetização Cartográfica, a formação dos conceitos científicos em Geografia” ministrada pela Professora Doutora Sonia M. V. Castellar. A oportunidade de dialogar com autores que tratavam do desenvolvimento e aprendizagem do aluno instigaram-me ainda mais a pesquisar a respeito daqueles jovens que ficam subordinados a mim durante um período do seu aprendizado.

No final da década de noventa e início deste século, percebia que estava tendo uma profusão de teorias na Educação. E, através do embasamento de algumas posturas, sentia condições de melhorar as minhas práticas pedagógicas. Inclusive passei a multiplicar o que aprendia na Academia com os meus pares, em condição de espontaneidade e não por imposição.

Em 2003 participei do seminário “100 anos de Leontiev - teoria da atividade”, promovido pela Faculdade de Educação desta instituição. No evento aprendi mais sobre a teoria da aprendizagem sócio histórico cultural, desenvolvida por Vygotsky. Nesse momento eu me percebi na dialética do ensino aprendizagem. Dei-me conta de que as minhas práticas pedagógicas e preocupações com o desenvolvimento mental, intelectual do aluno, tinham nessa teoria um caminho. Aí reencontro de forma sistematizada, as categorias motivação e mediação, que foram o propósito das minhas preocupações na licenciatura e durante todo o período de magistério.

Mesmo participando ativamente de cursos, continuava alimentando um sonho antigo, o mestrado, sonho esse latente desde a minha formação na década de oitenta.

Quando fiz a disciplina de Metodologia do Ensino de Geografia I e II, como aluna especial do programa de extensão universitária da Faculdade de Educação, ministrado pela Professora Doutora Nídia Nacib Pontuschka, refleti o quanto eu ainda precisava me empenhar em uma pesquisa direcionada, para construir um projeto que tivesse valor social, que contribuísse para o ensino do jovem. Esse curso suscitou mais ainda a curiosidade e também a responsabilidade com o saber acadêmico.

Nesse momento, em 2006, tive a oportunidade de inscrever e apresentar junto com os alunos da sexta série, da escola em atuo, um projeto desenvolvido em aula para a Semana da Geografia, no Departamento de Geografia da FFLCH desta Universidade. Foi um instante ímpar, pois os adolescentes se fizeram presentes com toda criatividade e produtividade, resultado do aprendizado sobre migração no Brasil. Ali estava representado um pouquinho da vida de cada um, através da representação no mapa do caminho percorrido pelos familiares quando migraram para o bairro onde hoje moram. A exposição que esses jovens se submeteram é um motivo de emoção e orgulho para mim, pois o voluntariado desse tipo de ação por parte dos alunos não é tão simples, já que envolve questões comportamentais e mesmo intelectuais, mas eles marcaram presença com muita autenticidade mostrando o seu saber com simplicidade.

Nessa ocasião, estava ficando sem espaços para participar como aluna especial, as burocracias começaram a limitar as inscrições. Então resolvi fazer um projeto e seguir adiante no processo seletivo.

Junto com os sonhos seguem os medos. Mas como descrevi, acredito que fiquei bem ousada ao longo dos anos e passei a arriscar mais, e entender as possíveis negativas da vida com muita naturalidade.

A entrevista com a Professora Doutora Nídia Nacib Pontuschka foi memorável. Lembro-me de cada pergunta e a naturalidade com a qual lhe expunha meus motivos, talvez não muito convincentes, segundo minha visão, mas sinceros. Eu desejava e precisava de uma orientação com os propósitos voltados para a articulação do saber acadêmico com o ensino na escola pública, interface difícil de ser realizada que tem nessa docente uma atuação ímpar.

Da aprovação em diante, estou em processo de construção. Em um primeiro momento, tive que me desconstruir, sem demolir o meu lado professora de Ensino Fundamental e constituir-me como pesquisadora. Movimento difícil envolve muito as emoções e sentimentos. Essa situação foi sempre um dos enfoques orientadores da Professora Nídia, que tem como preocupação a formação do orientando como um todo, em condições de realização intelectual e pessoal.

Com relação aos colegas orientandos, hoje amigos, parceiros, guardo a doce lembrança da forma como fui recepcionada pelo grupo. Somam-se as indicações e sugestões que me foram dadas despreziosamente, no intuito das trocas e dos diálogos de diferentes teorias, conceitos e temas.

Os estudos realizados com o grupo tiveram e têm grande importância no desenvolvimento das minhas ideias e propostas. Textos estudados, livros lidos e debatidos, apresentação de dissertações e teses ajudaram-me a formular e sistematizar o meu relatório de qualificação e posteriormente esta dissertação.

Os livros: A Formação do Espírito Científico de Gastón Bachelard; Filosofia da Práxis de Adolfo Sanchez Vázquez e Lógica Formal Lógica Dialética de Henri Lefebvre estão entre os que mais me provocaram buscas e embates nos estudos.

As apresentações prévias das teses antes da defesa foram, sem dúvida, os grandes momentos que contribuíram para eu entender a grandiosidade da pesquisa realizada pelo colega, e sentir-me cada vez mais inserida no processo. Não conseguiria expor com riqueza de detalhes tantos momentos de interação que sempre geraram reflexões para concreção do pensamento.

As disciplinas... No primeiro semestre, ainda com o corpo e a alma na escola, cursei: O Conhecimento em Sala de Aula e a Organização do Ensino ministrada pelo Professor Doutor Manoel Oriosvaldo de Moura, na Faculdade de Educação. No curso tivemos contato com diversos autores que tem como foco a relação ensino e desenvolvimento da aprendizagem segundo a teoria sócio histórico cultural. Mais uma vez, me deparei com conceitos e categorias que contribuem para as práticas na sala de aula, como: mediação (na articulação ensino aprendizagem), inclusive tema do trabalho apresentado por mim e componentes da equipe. Outro grande aporte desse curso é o destaque dado ao pensamento marxista, que embasa os teóricos estudados, principalmente Vygotsky.

A disciplina Território e Circulação ministrada pela Professora Doutora Mónica Arroyo, colaborou para a escolha da matriz teórica do projeto. Eu tinha dificuldade de entender Milton Santos, com certeza ainda não o compreendo bem, mas as minhas leituras tornaram-se bem mais fluídas. Essa docente dialoga com autores que dão visibilidade ao território mediante a circulação e redes as mais diversas. As reflexões foram conduzidas sob as bases do materialismo dialético. Em cada aula eram debatidos em média três textos de autores diferentes, mas com o mesmo intuito temático. Ela sempre finalizava, sistematizando o seu pensamento mediante os objetivos, conceitos abordados.

Historicidade e Espacialidade em Henri Lefebvre ministrada pela Professora Doutora Amélia Luisa Damiani e a Professora Doutora Ana Fani A. Carlos se pautou exclusivamente em duas obras de Henri Lefebvre, O Fim da História e a Produção do Espaço. Foi um curso denso. Suscitou reflexões principalmente com relação à questão da historicidade, o

continuum, o devir. Penso que é o que estou discorrendo textualmente, dinamizando minha história de vida, pensada a partir do hoje. A leitura de Lefebvre nos coloca além das linhas que temos de constituir na dissertação, ela nos envolve em conceitos muito mais amplos de vida. O movimento que esse teórico dá à história e o destaque para o lugar das diferenças no espaço a partir dos modos de produção e reprodução social gerou em mim reflexões para além do meu projeto.

O objeto da pesquisa ganha corpo. Ouso mais e participo nos eventos Encontro Nacional de Geógrafos (2008) e Encontro de Geógrafos da América Latina (2009). No primeiro apresento um trabalho resultado de prática pedagógica na escola: Globalização, profissão/ocupação e significação para o adolescente - uma prática em sala de aula: e no segundo vislumbro meu projeto: Globalização a consistência de um conteúdo na disciplina de Geografia. Ocorreu a publicação dos trabalhos por meio digital e eletrônico.

Também participo ativamente de eventos que contribuem para o aprofundamento da pesquisa, seja na Educação ou Geografia.

Nesse momento posso me expor nos sentimentos e emoções. Fui definida como uma pessoa “intensa” de vida. No que pese esse qualificativo, sinto-me dessa forma, mesmo porque a trajetória da minha existência também é densa. Como iniciei, sou exatamente pelo que me constituí, pelos enfrentamentos, dificuldades, perdas e ganhos de um caminho incompleto, mas de completudes.

O olhar do adolescente na sala de aula conduz meus desejos. Reflito sobre suas dificuldades, nos paradoxos em que vive. Penso o seu lugar de vida a partir da minha vivência na adolescência. O mundo mudou, as desigualdades de renda se tornaram mais evidentes por causa das tecnologias da informação e comunicação, mas os sentimentos, as emoções são as mesmas. Sentir-se segregado, fora do contexto e não ter visibilidade no grupo, em qualquer período da história tem o mesmo peso nas relações pessoais e sociais.

Os sentimentos envolvem todo o contexto da vida, definida, também pelos sujeitos que dela fazem parte, como os meus familiares e amigos. Minha mãe faleceu no ano de 1991, foi e é meu ícone de heroína, representação prática de fé. Meu pai venceu os dissabores do vício na década de setenta e daí em diante recompôs a vida da família com integridade e até hoje valoriza e incentiva filhos e netos no empenho do estudo e pesquisa, oportunidade que eles (pais) não tiveram. Irmãos, primos e alguns amigos, estão partícipes na realidade das emoções.

A minha historicidade têm no seu eixo os seres que são imanescentes a ela, trata-se de meu marido e os meus filhos, que juntos viemos ao longo desses vinte e nove anos construindo e realizando projetos e sonhos. São os grandes incentivadores deste meu intento de vida, colaboraram e colaboram para que o pensamento tome forma, as palavras fluam, as linhas se constituam, o texto tome corpo e a pesquisa se realize se concretize em sua totalidade.

APÊNDICE – A – Visão geral da importância do aparelho de celular e internet na vida do jovem, a partir das respostas dos alunos das escolas em que foi realizada a pesquisa.

	Qual a importância do celular na sua vida?	Qual a importância da internet na sua vida?	Imagine se não existisse celular, internet, Mps, como seria sua vida?
2	Nenhuma, eu não tenho.	Para fazer trabalhos de escola.	Seria normal.
3	Comunicar com amigos.	Conversar com os amigos.	Normal.
5	Nenhuma, não tenho.	Toda importância, não vivo sem ela.	Seria muito chato, não teria nada para fazer.
6	A comunicação.	As curiosidades que ela apresenta.	Uma vida natural, menos intelectual.
8	Comunicar melhor.	Ficar por dentro de tudo.	Normal, a tecnologia é para fazer tudo mais prático.
9	Comunicar com amigos e familiares.	Para ter mais conhecimento.	Não daria para me comunicar com facilidade.
10	Nenhuma, só para conversar.	Só para bate papo com amigos.	Normal, não gosto muito dessas coisas.
11	Nada, é só para falar com mãe.	Nenhuma.	Normal.
12	Comunicar com as pessoas.	Comunicar com mais pessoas.	Normal.
14	Para escutar músicas.	É bom.	Normal.
17	Nada, não gosto de celular.	Notícias e expansão do conhecimento.	Um tédio, mas sei que arranjaria algo para fazer.
19	Ligar para amigos, tirar fotos, ouvir música.	Pesquisar trabalho de escola e várias coisas.	Jogava bola e lia livros.
20	Para conversar, namorar.	Conversar com gente que mora longe.	Um horror, poderia viver sem tudo, menos sem internet.
21	Comunicação com a família.	Comunicação, notícia, música e estudo.	Normal, substituiria por livros e esportes.
22	Conversar com amigos.	Quase não tem importância.	Não ia fazer tanta falta.
23	Útil para comunicação.	Muita importância.	Não conseguiria viver, nem imagino.
24	Nenhuma.	Para conversar e pesquisas.	Normal, se não existisse, como saberia?
25	Para me comunicar.	Nenhuma.	Todo mundo viveria normalmente.
26	Escutar música.	Para jogar.	Normal.
27	Conversar com amigos.	Para se divertir.	Uma porcaria.
28	Maior importância.	Para se comunicar, jogar, pesquisar.	Um tédio, é como se vivêssemos sem ar.
29	Comunicação e música.	Diversão.	Ruim, teríamos menos amizades e conhecimento.
30	Comunicação e fotografar.	Importante.	Simples, sem graça e estranho.
31	Falar com as amigas.	Mexer no Orkut, MSN.	Não ia ser uma vida melhor.
32	Normal.	Muito importante.	Não sei viver sem internet.
33	Falar com minha mãe.	Estudar e aprender.	Normal, não ia mudar nada na vida.
34	É uma coisa boa.	Conversar com os amigos.	Normal, só não ia ter tecnologia.
35	Comunicação.	Pesquisas para escola.	Miserável. Iria usar mais as pernas, ir na casa dos outro, usar bibliotecas.

36	Nenhuma.	Muito grande.	Chata.
37	Música, mensagens, conversar.	Pesquisa, jogos.	Normal, um pouco ruim.
38	Comunicar com minha mãe.	Estudar e falar com quem mora longe.	Normal, mas sentiria falta da internet.
39	Comunicar com as pessoas.	Notícias e comunicação.	Normal.
40	Comunicar com as pessoas.	Ocupar meu tempo, pesquisas.	Normal, sentiria falta da internet.
43	Ouvir música e falar com meus primos.	Pesquisa, Orkut, MSN.	Normal, só que ia ser mais difícil se comunicar.
44	Falar com minha mãe.	Só para pesquisa de escola.	Sem celular seria difícil, sem internet eu iria à biblioteca.

APÊNDICE – B**RESULTADO TOTAL (TRÊS ESCOLAS) DAS RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS DOS ALUNOS.****Ganhos de até 1 salário mínimo - 66**

Posse de computador- 39 - 59%

Computador com internet – 29 -

Aparelho celular – 52

Tocador portátil de música – 57

Uso Lan House – 47

Não possui nenhum dos itens: computador, celular ou tocador de música – 09

Ganhos de até 2 salários mínimos – 74

Posse de computador – 48

Computador com internet – 33

Aparelho celular – 51

Tocador portátil de música – 64

Uso Lan House – 47

Não possui nenhum dos itens: computador, celular ou tocador de música – 10

Ganhos de até 3 salários mínimos – 47

Posse de computador – 39

Computador com internet – 29

Aparelho celular – 34

Tocador portátil de música – 46

Uso Lan House – 20

Não possui nenhum dos itens: computador, celular ou tocador de música - 01

Ganhos de até 4 salários mínimos – 55

Posse de computador – 49

Computador com internet – 41

Aparelho celular – 45

Tocador portátil de música – 55

Uso Lan House – 19

Não possui nenhum dos itens: computador, celular ou tocador de música - 00

Não declararam renda – 17

Posse de computador – 15

Computador com internet – 14

Aparelho celular – 15

Tocador portátil de música – 17

Uso Lan House – 04

Não possui nenhum dos itens: computador, celular ou tocador de música - 00

APÊNDICE C

RESULTADO QUESTIONÁRIO: ALUNOS DA EMEF ENGENHEIRO JOSÉ AMADEI

total de questionários: 93

Sexo feminino: 46

Sexo masculino: 47

Idade:

13 anos: 09

14 anos: 41

15 anos: 25

16 anos: 12

+ 16 anos: 06

Participação em algum programa assistencial do Governo: Bolsa Família, Renda Mínima:

34 alunos responderam que a família participa de programas assistenciais do Governo

49 não participam

09 não responderam ou não sabiam.

Renda mensal familiar:

Até 01 salário mínimo: 28

02 salários mínimos: 27

03 salários mínimos: 22

Mais que 04 salários mínimos: 16

Posse de computador:

66 alunos possuem computador

27 alunos não possuem computador

Posse de computador com internet:

53 alunos possuem computador com internet

Uso de lan house:

61 alunos usam e 32 não usam

Desses 61 alunos:

21 usam 1 dia por semana

14 usam 02 dias por semana

15 usam 03 dias por semana

03 usam 04 dias por semana

01 usa 05 dias por semana

07 usam 07 dias por semana

Horas de uso de internet na lan house

01 hora – 39 alunos

02 horas – 15 alunos

03 horas – 01 aluno

04 horas – 06 alunos

Celular próprio:

62 alunos possuem celulares e 31 não possuem celular

Recursos do celular:

Câmera, Mp3 player, Reprodução de vídeo, gravador de voz, rádio, TV, Internet, Bluetooth, Wi-fi:

27 alunos tem celular com até 5 recursos

35 alunos tem celular com mais de 5 recursos

Posse de aparelho portátil tocador de música:

Mp3 – 49 alunos

Mp4 – 29 alunos

Mp5 – 01 aluno

Mp7 – 01 aluno

Mp9 – 03 alunos

Mp12 – 01 aluno

Ipod – 01 aluno

Dos 93 alunos, 10 não possuem nenhum dos aparatos tecnológicos questionados.

Análise comparativa de alguns dados, segundo agrupamento por renda familiar:

Famílias que ganham até 01 salário mínimo: 28

Participam de programas assistenciais do Governo: 17

Possuem computador: 19

Possuem computador com internet: 11

Não possuem computador: 09

Aluno

Possui celular com até 5 recursos: 07

Possui celular com mais de 5 recursos: 13

Não possui celular: 08

Tocador portátil de música:

Mp3 – 14 alunos possuem

Mp4 – 07 alunos possuem

Mp12– 01 aluno possui

06 alunos não têm nenhum dos itens citados: computador, celular ou tocador de música.

Famílias que ganham 02 salários mínimos: 27

Participam de programas assistenciais do Governo: 11

Possuem computador: 15

Possuem computador com internet: 09

Não possuem computador: 12

Aluno

Possui celular com até 5 recursos: 10

Possui celular com mais de 5 recursos: 06

Não possui celular: 11

Tocador portátil de música:

Mp3 – 19 alunos possuem

Mp4 – 08 alunos possuem

04 alunos não têm nenhum dos itens citados: computador, celular ou tocador de música.

Famílias que ganham 03 salários mínimos: 22

Participam de programas assistenciais do Governo: 06

Possuem computador: 18

Possuem computador com internet: 12

Não possuem computador: 04

Aluno

Possui celular com até 5 recursos: 05

Possui celular com mais de 5 recursos: 10

Não possui celular: 07

Tocador portátil de música:

Mp3 – 11 alunos possuem

Mp4 – 08 alunos possuem

Mp7 – 01 aluno possui

Mp9 – 02 alunos possuem

Todos os alunos têm algum dos itens citados: computador, celular ou tocador de música.

Famílias que ganham mais 04 salários mínimos: 16

Participam de programas assistenciais do Governo: 00

Possuem computador: 14

Possuem computador com internet: 11

Não possuem computador: 02

Aluno

Possui celular com até 5 recursos: 05

Possui celular com mais de 5 recursos: 06

Não possui celular: 05

Tocador portátil de música:

Mp3 – 05 alunos possuem

Mp4 – 06 alunos possuem

Mp5 – 01 aluno possui

Mp9 – 01 aluno possui

Ipod – 01 aluno possui

Todos os alunos têm algum dos itens citados: computador, celular ou tocador de música.

APÊNDICE D

RESULTADO QUESTIONÁRIO: ALUNOS DA EMEF FREI DAMIÃO

total de questionários: 76

Sexo feminino: 30

Sexo masculino: 46

Idade:

14 anos: 46

15 anos: 22

16 anos: 07

+ 16 anos: 01

Participação em algum programa assistencial do Governo: Bolsa Família, Renda Mínima:

28 alunos responderam que a família participa de programas assistenciais do Governo

48 não participam

Renda mensal familiar:

Até 01 salário mínimo: 24

02 salários mínimos: 24

03 salários mínimos: 12

Mais que 04 salários mínimos: 16

Posse de computador:

50 alunos possuem computador

26 alunos não possuem computador

Posse de computador com internet:

43 alunos possuem computador com internet

Uso de lan house:

47 alunos usam e 29 não usam

Desses 47 alunos:

20 usam 1 dia por semana

14 usam 02 dias por semana

07 usam 03 dias por semana

02 usam 04 dias por semana

01 usa 05 dias por semana

01 usa 06 dias por semana

02 usam 07 dias por semana

Horas de uso de internet na Lan House

01 hora – 29 alunos

02 horas – 15 alunos

03 horas – 03 alunos

04 horas – 02 alunos

Celular próprio:

60 alunos possuem celulares e 16 não possuem celular

Recursos do celular:

Câmera, Mp3 player, Reprodução de vídeo, gravador de voz, rádio, TV, Internet, Bluetooth, Wi-fi

35 alunos tem celular com até 5 recursos
25 alunos tem celular com mais de 5 recursos

Posse de aparelho portátil tocador de música:

Mp3 – 45 alunos possuem
Mp4 – 19 alunos possuem
Ipod – 04 alunos

Dos 76 alunos, 04 não possui nenhum dos aparatos tecnológicos questionados.

Análise comparativa de alguns dados, segundo agrupamento por renda familiar:

Famílias que ganham até 01 salário mínimo: 24

Participam de programas assistenciais do Governo: 11
Possuem computador: 09
Possuem computador com internet: 09
Não possuem computador: 15

Aluno

Possui celular com até 5 recursos: 16
Possui celular com mais de 5 recursos: 04
Não possui celular: 04
Tocador portátil de música:
Mp3 – 14 alunos possuem
Mp4 – 03 alunos possuem

02 alunos não têm nenhum dos itens citados: computador, celular ou tocador de música.

Famílias que ganham 02 salários mínimos: 24

Participam de programas assistenciais do Governo: 09
Possuem computador: 15
Possuem computador com internet: 09
Não possuem computador: 09

Aluno

Possui celular com até 5 recursos: 11
Possui celular com mais de 5 recursos: 06
Não possui celular: 07
Tocador portátil de música:
Mp3 – 15 alunos possuem
Mp4 – 05 alunos possuem
Ipod – 01 aluno possui

02 alunos não têm nenhum dos itens citados: computador, celular ou tocador de música.

Famílias que ganham 03 salários mínimos: 12

Participam de programas assistenciais do Governo: 03
Possuem computador: 09

Possuem computador com internet: 06

Não possuem computador: 03

Aluno:

Possui celular com até 5 recursos: 03

Possui celular com mais de 5 recursos: 06

Não possui celular: 03

Tocador portátil de música:

Mp3 – 06 alunos possuem

Mp4 – 07 alunos possuem

Ipod – 02 alunos possuem

Todos os alunos têm algum dos itens citados: computador, celular ou tocador de música.

Famílias que ganham mais 04 salários mínimos: 16

Participam de programas assistenciais do Governo: 03

Possuem computador: 12

Possuem computador com internet: 10

Não possuem computador: 04

Aluno

Possui celular com até 5 recursos: 05

Possui celular com mais de 5 recursos: 09

Não possui celular: 02

Tocador portátil de música:

Mp3 – 10 alunos possuem

Mp4 – 04 alunos possuem

Ipod – 01 aluno possui

Todos os alunos têm algum dos itens citados: computador, celular ou tocador de música.

APÊNDICE E

RESULTADO QUESTIONÁRIO: ALUNOS DA EMEF CONDE PEREIRA CARNEIRO

total de questionários: 90

Sexo feminino: 51

Sexo masculino: 39

Idade:

13 anos: 03

14 anos: 56

15 anos: 26

16 anos: 04

+ 16 anos: 01

Participação em algum programa assistencial do Governo: Bolsa Família, Renda Mínima:

13 alunos responderam que a família participa de programas assistenciais do Governo

77 não participam

Renda mensal familiar:

Até 01 salário mínimo: 14

02 salários mínimos: 23

03 salários mínimos: 13

Mais que 04 salários mínimos: 23

Não responderam: 17

Posse de computador:

79 alunos possuem computador

11 alunos não possuem computador

Posse de computador com internet:

69 alunos possuem computador com internet

Uso de lan house: 24 alunos usam e 66 não usam

Desses 24 alunos:

16 usam 1 dia por semana

04 usam 02 dias por semana

03 usam 03 dias por semana

01 usam 04 dias por semana

Horas de uso de internet na lan house

01 hora – 12 alunos

02 horas – 06 alunos

03 horas – 05 alunos

04 horas – 01 aluno

Celular próprio:

75 alunos possuem celulares e 15 não possuem celular

Recursos do celular:

Câmera, Mp3 player, Reprodução de vídeo, gravador de voz, rádio, TV, Internet, Bluetooth, Wi-fi

24 alunos tem celular com até 5 recursos

51 alunos tem celular com mais de 5 recursos

Posse de aparelho portátil tocador de música:

Mp3 – 38 alunos possuem

Mp4 – 40 alunos possuem

Mp5 – 03 alunos

Ipod – 08 alunos

Do total de 90 alunos, apenas 06 não tem nenhum aparato eletrônico ou celular.

Análise comparativa de alguns dados, segundo agrupamento por renda familiar:

Famílias que ganham até 01 salário mínimo: 14

Participam de programas assistenciais do Governo: 03

Possuem computador: 11

Possuem computador com internet: 09

Não possuem computador: 03

Aluno:

Possui celular com até 5 recursos: 03

Possui celular com mais de 5 recursos: 09

Não possui celular: 02

Tocador portátil de música:

Mp3 – 05 alunos possuem

Mp4 – 05 alunos possuem

01 aluno não tem nenhum dos itens citados: computador, celular ou tocador de música.

Famílias que ganham 02 salários mínimos: 23

Participam de programas assistenciais do Governo: 04

Possuem computador: 18

Possuem computador com internet: 15

Não possuem computador: 05

Aluno:

Possui celular com até 5 recursos: 06

Possui celular com mais de 5 recursos: 12

Não possui celular: 05

Tocador portátil de música:

Mp3 – 05 alunos possuem

Mp4 – 10 alunos possuem

04 alunos não têm nenhum dos itens citados: computador, celular ou tocador de música.

Famílias que ganham 03 salários mínimos: 13

Participam de programas assistenciais do Governo: 00

Possuem computador: 12

Possuem computador com internet: 11

Não possuem computador: 01

Aluno

Possui celular com até 5 recursos: 05

Possui celular com mais de 5 recursos: 05

Não possui celular: 03

Tocador portátil de música:

Mp3 – 08 alunos possuem

Mp4 – 08 alunos possuem

Ipod – 01 aluno

01 aluno não tem nenhum dos itens citados: computador, celular ou tocador de música.

Famílias que ganham mais 04 salários mínimos: 23

Participam de programas assistenciais do Governo: 02

Possuem computador: 23

Possuem computador com internet: 20

Aluno:

Possui celular com até 5 recursos: 06

Possui celular com mais de 5 recursos: 14

Não possui celular: 03

Tocador portátil de música:

Mp3 – 12 alunos possuem

Mp4 – 11 alunos possuem

Ipod – 04 alunos possuem

Todos os alunos têm algum dos itens citados, computador, celular ou tocador de música.

Alunos que não responderam a renda: 17

Participam de programas assistenciais do Governo: 04

Possuem computador: 15

Possuem computador com internet: 14

Não possuem computador: 02

Aluno:

Possui celular com até 5 recursos: 04

Possui celular com mais de 5 recursos: 11

Não possui celular: 02

Tocador portátil de música:

Mp3 – 08 alunos possuem

Mp4 – 06 alunos possuem

Mp5 – 03 alunos possuem

Ipod – 03 alunos possuem

Todos os alunos têm algum dos itens citados, computador, celular ou tocador de música.

APÊNDICE F

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Prezado (a) Professor (a)

Solicito um favor do (a) colega no sentido de conceder-me uma entrevista, referente a uma pesquisa que estou empreendendo na área do Ensino de Geografia pelo programa de Pós Graduação do Departamento de Geografia da USP.

Por favor, tenha nas questões, apenas um roteiro. Sinta-se a vontade para explicar, segundo seu cotidiano profissional e pessoal.

Muito obrigada.

Qual sua preferência de ano para atuar? Por quê?

O seu planejamento anual prevê conteúdos do tema globalização? Em que ano do Ensino Fundamental você aborda esse assunto?

Quais os assuntos você trabalha nessa temática?

Quais são os seus objetivos ao trabalhar o tema globalização?

Você trabalha essa temática mediante orientações curriculares institucionais? Explique sua resposta.

Com relação a esse conteúdo, em média, qual o tempo dedicado para trabalhar com os alunos?

Você retoma esse assunto posteriormente?

Como você relaciona globalização ao tema cidadania, considerando os anos que trabalha esse assunto?

Para você, qual a importância desse conteúdo na formação cidadã do aluno?

As consequências da globalização, assunto tratado por muitos teóricos das ciências humanas, você contempla esse item com os alunos? Como?

Que recursos didáticos você utiliza para trabalhar globalização?

Você usa livro didático? Como ele aborda essa temática?

Ao tratar a globalização quais as escalas (local, regional, nacional, mundial) você privilegia? Por quê?

Para você, qual a importância desse conteúdo na disciplina de Geografia?

APÊNDICE G

ENTREVISTA NA ÍNTEGRA DO PROFESSOR JOÃO

Identificação do entrevistado

Nome: João

Idade: 41anos

Estado civil: solteiro

Naturalidade: São Paulo

A maior parte de sua educação fundamental e média foi feita em escolas:

Ensino Fundamental: (X) pública () privada

Ensino Médio: () pública (X) privada

Obs: A partir do segundo ano é que estudou em escola privada em São José dos Campos, no Colégio Olavo Bilac

Instituição em que concluiu o curso de Geografia: Conclui curso de Estudos Sociais na Faculdade de Historia e Geografia da Universidade de Santo Amaro – inicialmente era o curso de Estudos Sociais com licenciatura plena em Geografia e curta em História. A formação inicial é Geografia.

Ano da conclusão do curso: 1999

Tem outra(s) habilitação(es)? Qual (is)? Licenciatura curta em História,

Fez ou faz algum curso de extensão, especialização ou pós-graduação? Qual ou quais? Estou fazendo Gestão Escolar. Precisei parar por problemas particulares, mas faltam seis meses para concluir.

Instituição (es) formadora(s): Faculdade Ítalo Brasileira na sede de Moema, São Paulo

Há quanto tempo leciona: desde 1996

Atualmente trabalha em que tipo de escola?

(X) pública () privada

Nos últimos anos, que nível de ensino tem atuado mais, como professor (a)?

() Fundamental I (X) Fundamental II () Médio (X) EJA

Observação: Tem cinco anos que não atuo mais com Ensino Médio, antes dava aula no Estado e trabalhava com esses jovens. Também tenho experiência com Ensino Fundamental; trabalhei na Sala de Leitura e atendia esses alunos com projetos diversificados nesse ambiente. As especificidades que não tinha por causa da minha formação, eu buscava ajuda com os professores do Fundamental I.

Escola(s) em que leciona e ano(s) que atua:

Escola Municipal do Ensino Fundamental Engenheiro José Amadei
 Escola Municipal do Ensino Fundamental Marina Melander Coutinho
 Nas duas escolas trabalho com Ensino Fundamental II e a noite, trabalho com EJA.
 Que também é outra realidade. A sala de aula é diferente do Ensino regular.
 Para responder as perguntas vou ter que separar essas duas realidades, porque
 trabalho de forma totalmente diferente.

- Qual sua preferência de ano para atuar? Por quê?

Quando trabalho com Ensino Regular eu gosto das quintas séries. Porque é um período que acho um dos mais delicados que tem. As crianças deixaram aquela configuração da professora única... Cinco quatro horas a mesma professora. Ela (criança) vai começar um mundo totalmente diferente. Eu entendo que se a gente pegar ela naquela quinta série e fizer uma boa base, no caso do Ensino da Geografia, o restante do ciclo vai conseguir desenvolver-se bem. Porque é muito difícil quando você pega a criança lá na oitava série e ela vem com muita defasagem, fica difícil chegar onde me proponho, nessa fase do ciclo, é muito complicado, eu não posso dar conceitos novos porque sempre vou às bases e, muitas vezes ela não teve outros conteúdos. Por exemplo, é difícil falar de globalização se ela não sabe olhar no mapa e localizar a Europa. É muito complicado, fica muito abstrato. Então gosto de pegar a quinta série e mesmo que eu não vá acompanhar essa criança até o final do ciclo, com certeza se eu formar essa base, qualquer colega que der aula para ela (criança) lá na frente vai pega-la com base e vai desenvolver um trabalho, um projeto mais certo pois terá muitos pressupostos fincados. É complicado, quando você pegar uma sala que não tem esses pressupostos, você vai, volta e lá no meio do ano é que você começa a proposta que teria para aquela fase do ciclo. A quinta série eu gosto muito, também porque eles dão mais retorno e na oitava série, pela fase da adolescência, eles estão meio rebeldes. E na fase da quinta série, eles estão cobrando, estão querendo, estão pedindo. Então esse é o retorno que eu sinto, enquanto professor. Aí você percebe que quando escolheu a profissão é porque gosta.

- O seu plano de trabalho anual prevê conteúdos do tema globalização? Que assuntos você trabalha nessa temática?

Prevê sim. Tanto no Ensino Regular no final do ciclo II ou oitava série, como para o EJA. Aí são dois momentos diferentes. Quando eu trabalho com os adultos, à noite; é importante eles entenderem esta dinâmica que estamos vivendo porque muitos já estão inseridos no mercado de trabalho. Estão complementando seus estudos para continuarem trabalhando, muitos não sabem por que o chefe está cobrando aquele diploma dele, se ele já tem vinte anos que trabalha. Então o que acontece... Por que eu (aluno) tenho que voltar para a escola? E aí, por exemplo, a gente usa uma questão pontuada para ele estar entendendo a questão da globalização, quer dizer uma das fases. Uma das fases, porque a globalização é um tema muito complexo, a gente trabalhar globalização simplesmente por globalização, é abstrato; mesmo porque se discute muito hoje sobre a globalização, e o que a globalização trouxe de benesse ou prejuízo.

É eu lembro bem da dificuldade para eu começar a entender a globalização... Uma professora do Departamento de Geografia da USP, em um seminário que eu participei há uns anos atrás, passou duas horas pra gente tentar entender o que era globalização. Então na sala de aula é muito mais abstrato para o aluno. Eu tento trazer alguma questão da vida cotidiana do aluno para que possa estar sendo refletida nessa necessidade dele se atualizar, correr atrás de um emprego. Aí ele vai entender que: ele está num mundo que não está isolado, está num mundo que os acontecimentos, hoje, lá na China vão refletir no trabalho dele em algum momento, quando refletir, qual é a postura? Qual a medida? Há uns anos atrás, esse aluno do EJA tinha anseio de fazer o quê? Vou ser torneiro mecânico, por exemplo, mas será que torneiro mecânico é uma profissão do futuro, hoje? Então ele tem que refletir. Por exemplo, eu estudei datilografia, na época, todo mundo fazia datilografia, na

década de setenta, era coisa do futuro. Hoje estudar datilografia é uma coisa do futuro? Eles precisam perceber o estão planejando da vida hoje, se vai ter retorno e em que prazo. Eles têm que perceber que estão na escola por algum objetivo. Primeiro tem que entender porque estão na escola. Isso no caso do adulto. Se ele está ali é porque já teve essa necessidade: porque alguém já pediu um diploma, porque já percebeu que não pode ficar para trás. A globalização nesse sentido mais imediato, que bate na frente do aluno, eu trabalho e aí vamos para as questões mais conceituais da globalização. Trabalhamos o conteúdo no sentido dos conceitos, sim! Todos clássicos, então a gente pega o livro didático, pega o jornal, pega a revista, mas ele só vai entender a globalização quando enxergar o quanto ela entra na vida dele.

E o aluno do regular? O aluno do regular é mais abstrato falar para ele, ele nunca trabalhou, se trabalhou, é mais informal, é um trabalho com o colega, com o pai, é um trabalho que não é formal. O retorno maior é quando se fala da globalização com o Ensino Médio, os jovens estão começando a trabalhar. Mas no Ensino Fundamental II, eles estão muito longe da realidade do trabalho. Então a gente trabalha muito os conceitos da globalização e em que medida eles já podem, em certo grau estarem conseguindo trazer pro cotidiano deles. O que eles percebem até o ponto que a gente trabalha Geografia e globalização com eles? Eles percebem que precisam estudar, é o que mais de imediato bate. Se não estudarem estão fora do mercado. Até porque entender o que é mercado, para eles é difícil nessa fase da vida, mas eles sabem aquilo que o pai fala: precisa estudar para trabalhar, mas trabalhar no que? Como? Onde? Quando? E como funciona isso, hoje? Então quando tem que trabalhar essas questões de conceitos na globalização, localização e mapa e tudo que possa refletir globalização na vida cotidiana deles, por exemplo, eu trago a questão do tênis que eles usam, da marca do celular que estão usando, do computador. E com relação ao computador, como ele usa? Ele faz o computador? Ele monta o computador? Não, ele é usuário. Então, quem fez aquele computador? Veio de onde? Aí ele começa a entender a globalização. Ele pega o celular que veio da China, pega o tênis, veio da China, pega outro equipamento de algum outro local do mundo. Aí eles começam a perceber que algumas poucas coisas que eles usam: como as roupas, talvez, estão lá “made in Brasil”, se eles pegam qualquer eletrônico, está lá “made in algum lugar, Coréia”. O que a gente começa a trabalhar com isso: por que não é feito no Brasil? Ah! E o carro? O Carro é feito no Brasil, professor! GM, Fiat! Mas aí trabalho as questões das multinacionais, das empresas internacionais, eles vão perceber que esses veículos estão sendo fabricados no Brasil, são carros brasileiros, mas de capital de fora e o lucro não fica aqui. Eles também entendem a globalização quando a gente trabalha essa questão. São dois enfoques diferentes: primeiro com adulto vou direto à questão do trabalho dele, que o trabalho é uma coisa bastante concreta para ele, então eu trago a globalização a partir do trabalho dele. E com o aluno de Ensino Fundamental II, eu trago a partir do que ele usa. Ele usa celular, ele usa tênis, ele usa tudo que tem uma marca de nome diferente, então aí ele vai perceber a globalização a partir dessa vivência cotidiana.

- Quais são os seus objetivos ao trabalhar o tema globalização?

Frisando, o objetivo é contextualizar o aluno, enquanto sujeito e não separado, desvinculado do mundo que está aí, ele faz parte do mundo. Ele tem que se entender nesse processo e, qual é o papel dele. Então o nosso objetivo é contextualizar o próprio indivíduo com relação ao coletivo. É o que eu falei hoje em uma aula em que estava tratando de capitalismo. Estava falando do final de primeira Guerra Mundial, crise de 29 e faltava conceituar o que era capitalismo, fiz alguns questionamentos sobre que o a gente está fazendo no planeta. Afinal, alguma coisa, nós estamos fazendo aqui; o que vamos fazer aqui? Pertencemos a isso aqui, então, qual o nosso papel? Por que vocês estão na sala de aula hoje? Alguém sabe explicar por que veio na escola, hoje? (aluno responde) Ah! Pra estudar. Ótimo, pra estudar, pra conhecer, isso é ótimo, mas pra que tudo isso? Aí alguém chegou onde eu queria. Ah! Professor a gente está estudando porque a gente vai trabalhar. Ah! Estamos chegando onde eu quero; mas trabalhar pra que? Pra quem? Por quê? É o

que eu quero que eles questionem quando a gente trabalha a questão do capitalismo. Eles têm que entender qual o papel deles, enquanto trabalhador, porque não dizer, enquanto empresário, por que não? (risos). O objetivo, a questão que trago claro é, ele se “identificar”, talvez não seja essa palavra, mas é ele entender o papel dele no mundo que ele está. Porque eu comecei a entender o mundo, quando comecei a entender o meu papel dentro dele: então sou um trabalhador, recebo um salário, os meus objetivos são diferentes do meu chefe em que sentido e até que ponto. É até contraditório, algumas vezes, mas essa aula produz mais com os adultos. Já com os adolescentes, quando eu chego à fase em que eles perceberam que estudar é para trabalhar, já atingiu um bom nível, aí eles vão entender o que é esse processo de trabalho, o que é trabalhar porque daqui, dois, três anos muitos vão começar a trabalhar, mesmo que pese a exploração. Alguns vão entender o que é uma exploração ou não, vão se deixar ser explorados ou não. Eu tenho uma coisa muito clara comigo: estou inserido no sistema, mas algumas coisas eu não permito. Não permito, porque seria negar tudo que já estudei, já acredito da minha formação. Então acho que tudo tem uma linha, passou um pouco daquela linha, também não aceito, embora seja o sistema.

- Com relação a esse conteúdo, em média, qual o tempo dedicado para trabalhar com os alunos?

É o que eu falei primeiro parto de várias bases. Faço um levantamento delas antes de começar a trabalhar a questão da globalização. Então eu preciso de muitos pressupostos até chegar à globalização. Depois que eu atingir todos aqueles meus pressupostos e perceber que eles estão preparados, começo a trazer a questão da globalização. Para falar de tempo, tempo mesmo, um mês seria pouco. Mas como a gente cumpre o currículo eu acabo tratando nesses termos: de um mês e meio a dois meses, dependendo da sala, eu começo com a base dos conceitos de globalização, desenvolvo um projeto e concluo. Sempre procurei concluir com algum projeto deles, até para saber se eles entenderam, porque eu não dou a conclusão, eles é que a trazem. No projeto que a gente desenvolve eles têm que trazer esse retorno. No que eles trazem é que vou perceber se eles entenderam ou não o que é globalização.

- Você retorna esse assunto posteriormente?

O assunto entra naturalmente na evolução dos conteúdos que a gente está vendo. Quando, por exemplo, estamos trabalhando o capitalismo... A partir, de textos da faculdade, eu resumi algumas características do capitalismo, como: mercado consumidor, exploração da mão de obra, expansão, concorrência. Peguei várias características do capitalismo, vou resumindo e trabalhando cada conceito. Quando chega lá na frente num texto, numa reportagem de jornal, o aluno já teve contato com aquele conceito: mercado consumidor, mercado imobiliário. Como já trabalhei o conceito de mercado, e eles lêem: “o mercado aqueceu, o mercado esfriou”; “a concorrência na área automobilística é muito grande”, já ligaram a palavra, mercado, concorrência ao conteúdo que trabalhei. Também é bom lembrar que uma das características da concorrência pode ser considerada benéfica dentro do capitalismo, porque regulamenta os preços, dá qualidade ao produto, é boa porque você tem opções. Então eles começam a vincular todos os conceitos que dei com a notícia do jornal. Quando chego nesse ponto mensuro aquilo que passei, através de uma matéria qualquer, uso aqueles conceitos e, na leitura que eles estão fazendo, aí percebo que eles aproveitaram o que dei lá atrás.

- Como você relaciona globalização ao tema cidadania?

É como falamos lá atrás. É muito difícil desvincular uma coisa da outra, até porque eu não posso ter uma cidadania se eu não consigo entender o meu papel na sociedade. Se eu não sei o que eu estou fazendo aqui e pra que estou fazendo, se eu

for um ser totalmente alienado, eu não sou um cidadão. Eu entendo assim, eu tenho que perceber porque estou fazendo algumas coisas. Senão fica aquela velha história: (mais ou menos a história é essa) alguém prendeu alguém na cadeia, e o guarda recebeu a orientação, ele cumpre, mas nunca pergunta a orientação; passa muito tempo, anos, vem outro guarda, ele passa a mesma orientação e quando um dia, alguém resolve perguntar o porquê desse procedimento, descobrem que todos estão equivocados. Não é possível passar no trabalho, na escola, na vida cotidiana com os vizinhos, totalmente alienados. Quando a gente vai tratar a globalização, a gente tem que entender que é um objeto de cidadania também. Que hoje me interessa sim, o que acontece na bolsa de Hong Kong, Nova Iorque, eu não moro lá, mas de repente o meu trabalho aqui em Interlagos vai acabar porque algumas empresas em muitas cidades faliram e como eu sei que lá está ruim e lá eles estão pegando uma gripe, quando chega aqui vira uma pneumonia. Eu tenho que ter esse sentido das coisas, inclusive até para me estabelecer. Até para saber que ações eu tomo. Globalização e cidadania, nesse sentido, eu vejo vinculado, até porque se você não tem a informação está alienado. Ninguém consegue ser possuidor da cidadania sem ter informação básica.

- Para você, qual a importância desse conteúdo na formação cidadã do aluno?

O aluno do Ensino Fundamental pensa em fazer uma coisa da vida e resolve fazer outra. Eu pergunto para ele: por que você está mudando de idéia? Ih! Professor, isso aqui não vai durar muito tempo, não vai existir mais, eu tenho que fazer outra coisa da vida. Como falei Ninguém pode ter como objetivo fazer datilografia! Então de repente ele percebe que algumas coisas não existirão e outras profissões serão poderão ser criadas, mediante as novas necessidades. Não que o trabalho vai acabar como algumas pessoas falam. Não, o trabalho, nos moldes que existiam há vinte, trinta, quarenta anos, realmente, esse está acabando, esse falta muito pouco para acabar. Que trabalho vai ter? Um trabalho totalmente diferente. Hoje, se aprendi só, apertar parafuso, estou fadado a morrer de fome, porque hoje, eu tenho que aprender a apertar o parafuso, soltar o parafuso, colocar o parafuso, procurar o melhor parafuso, e reciclar o parafuso, ou seja, aquele que só sabe pegar na chave e apertar está sem emprego. Assim, como eu enquanto professor de Geografia tem que estar acompanhando as dinâmicas mundiais, transformações tecnológicas; porque a gente sabe que entrar em uma sala de aula hoje é tão complexo, que só minha formação em Geografia não é o suficiente. E o aluno percebe isso. Por isso, levo o aluno a refletir sobre aquilo que ele espera, deseja e o que vai procurar para sua formação, pensando no seu futuro, vendo as transformações rápidas do mundo. Nesse momento, ele já percebeu que algumas profissões não vão dar certo na vida dele porque não vão mais existir.

Com o adulto (EJA), ele está no processo, tenho alunos meus que já decidiram não parar os estudos. Foram estudar porque alguém exigiu diploma para continuar naquele emprego de mecânico, vigia, ou qualquer outra função; mas ele percebeu que voltar para a escola não era só o diploma, era estudar e alguns já seguiram faculdade. Tive retorno de ex-alunos que tomaram o estudo como continuidade. Esses perceberam o recado que foi dado. Então o conteúdo de globalização foi atrelado à cidadania dele, eles correram atrás. No EJA a percepção é mais concreta e rápida.

Com os jovens, do ensino regular é mais difícil acompanhar. Mas mesmo assim encontrei uma jovem, trabalhando em um banco, que usou um resumo de minha aula de globalização em um trabalho na faculdade.

- Você concorda que esse tema é fundamental para a formação cidadã do aluno do Ensino Fundamental, mesmo não tendo esse retorno imediato?

Ah sim! Eu tenho que passar por esse assunto, por isso, preferencialmente, no caso do Fundamental II eu passo esse tema no final de ciclo. Porque o aluno tem que ter muitas bases, ter muitos pressupostos para estar chegando a algumas colocações. Se

não tiver essa base, essa construção antes desse período fica muito difícil, muito abstrato para ele. Ele não vai entender nunca que estou falando de globalização. Ele mistura globalização com TV Globo. Então ele não vai entender mesmo.

- Ao tratar a globalização quais as escalas (local, regional, nacional, mundial) você privilegia? Por quê?

Tanto o aluno regular como o adulto, a primeira noção que a gente trabalha é bem local mesmo, para começar a concretizar conceito. Com o adulto eu vou ao trabalho dele e parto do questionamento: por que voltou para a escola? Com o adolescente vou olhar na roupa que ele está usando, no celular que está usando, e questioná-lo naquilo que está usando. É muito imediatista, mesmo, naquele sentido de uso. No caso de adulto, eu vou trabalhar nas questões mais regionais ou de Brasil ou até vai pra de fora vou olhar em outra dimensão, bem lá na frente, cada uma dentro dos seus objetivos. Eu só passo de uma fase para outra quando ele já estabeleceu os conceitos aprendeu o que aquilo está fazendo na vida dele. Quando eu saio do Brasil vou às origens de tudo isso. (globalização).

No adolescente a gente parte para fora é um lugar mais de conceitos, a gente trabalha muito, por exemplo, com os mapas, a gente vai trabalhar essa expansão, com matéria de jornais, que eu faço com adultos, também. Mas, imediatamente nesse nível que a gente está trabalho muito os conceitos locais, porque é muito complexo sair pro nível mais lá fora e a gente ter uma discussão, talvez se ele (aluno) se interessar pelo assunto, lá na faculdade dele, em outros locais, ele vai conseguir partir para outras dimensões, porque ele vai ter outras bases. A gente nem tem tempo pra isso, tem até a questão de não ter tempo. É como disse no começo da nossa conversa, uma professora de Geografia da USP, em um seminário que eu fui; ela demorou duas horas para tentar conceituar o que era globalização. Então, muito difícil, eu não posso, hoje, cogitar, que eu vá passar por todas as fases da globalização no Ensino Fundamental II com o aluno da oitava série. Mas que ele vai ter uma noção, e mais tarde possa querer procurar e possa saber começar, então aí ele vai.

- Que recursos didáticos você utiliza para trabalhar esse assunto?

Como falei, começo da roupa que ele está usando. Depois da roupa dele, vou para os jornais, vou para as revistas, propaganda de televisão. Têm comerciais que gravo. No EJA, como é a noite, nós assistimos jornal Nacional. Vários são os recursos, mas eu vou trazer aqueles que são bem próximos a eles. Só pedi que eles anotassem em uma folha, num canto o que entendi e no outro o que não entendi. Por exemplo: assunto “futebol” se entendeu vai para a coluna do entendi, “bolsa de valores”, se não entendeu vai para essa coluna. Eles assistiram o jornal, fizeram as anotações. Depois chegaram a conclusão que oitenta por cento dos assuntos estavam na coluna do “não entendi”. Como pode! Adultos só se interessarem por coisas que não são tão interessantes para a vida deles, como por exemplo, saber quanto um jogador de um time ganha?! Talvez, ele possa se posicionar e perceber o quanto é mais pobre! Essa informação vai servir para mostrar o “quanto ganho pouco”. Saber se o time ganhou ou perdeu atende a interesses “outros”, que as “massas” utilizam bem porque esquecem que a bolsa despencou que o dólar aumentou que o desemprego está aumentando. O aluno adulto não fez essa reflexão, quando ele perceber que viu um jornal inteiro e não entendeu quase nada é porque tem alguma coisa errada, mas eles têm que concluir isso. Eu também preenchi as colunas do que entendi e não entendi, para, justamente, criar o debate, pois meus resultados divergiram deles.

- No Ensino Fundamental, você experimentou fazer esse tipo de trabalho?

No Fundamental, quando eu tive que conceituar algumas coisas, (eu estava achando muito difícil) e, tinha um livro didático que fazia referência sobre a globalização e o papel dos meios de comunicação na globalização. Então pedi propagandas para os alunos. Eles fizeram recortes, cartazes. O próprio livro didático pedia em uma das

atividades para os alunos elaborarem propagandas. Colocamos as regras e eles fizeram as propagandas e eu percebi que eles têm muitos outros conhecimentos, filmaram, fotografaram. Quando fui perceber tinham até colocado no “you tube” (arquivo de vídeos da Google). Informei à coordenação da escola porque tem a questão do adolescente, o uso da imagem, enfim. Mas eles fizeram por conta deles, eu fiquei sabendo depois. A propaganda foi muito bem feita, mas com certeza teve seus riscos por estar exposta em uma rede de acesso aberto na internet. Eles usaram todos os recursos que tinham. Aí eu percebi que eles absorveram os conceitos que passei.

- Que livro didático você utiliza? Como ele contempla essa temática?

Eu uso do livro didático aquilo que no momento está privilegiando meu planejamento. Tem muita coisa do livro didático que está distante muito distante da sala de aula do aluno. Se eu for trabalhar com ele vai ser cansativo, não vou ter retorno e não vou ter nenhum objetivo de trabalhar com o aluno algumas coisas que o livro didático traz. O autor deve até saber por que colocou lá, mas eu não estou entendendo, que dirá o aluno! Não que eu não entenda o conteúdo, a questão é: qual é o objetivo de...? Para o meu aluno de periferia que acha que a Avenida Paulista está muito longe. Aliás, eu sempre passo para eles que o mundo é muito amplo. O mundo não é só a Cidade Dutra, Interlagos, não é só o Brasil. O mundo é muito amplo, e que eles tem um horizonte inteiro que não se resume até onde eles conseguem ir a pé. Eles têm que saber que o mundo é muito maior e eles têm possibilidades de ir mais longe, em todos os sentidos.

Livro didático eu não pego tudo, porque quem conhece meu aluno, sua realidade, sou eu, então esse recurso só se encaixa nas minhas aulas quando atende meus objetivos.

Se eu me prender só no livro didático consigo o desinteresse do aluno. Utilizo sim esse material, naqueles conteúdos que privilegiam os temas de projetos que estou trabalhando. Como no exemplo que falei acima.

- E a temática da globalização?

A globalização nos livros ainda é muito distante, muitos tentam até vincular o cotidiano do aluno com a globalização. Muitos autores tentam até fazer essa ligação. Mas temos que lembrar que quando chegam à oitava série eles têm muita dificuldade com a leitura, tudo fica difícil. Eles têm vergonha de ler, dificuldade de interpretar. Quando vou trabalhar com o livro, naquele assunto, antes tenho que ter dado uma base.

- As consequências da globalização, assunto tratado por muitos teóricos das ciências sociais, você contempla esse item com os alunos do Ensino Fundamental? Como?

Tanto no Ensino Fundamental como no EJA, nos dois, com abordagem diferente, trato sim. Tanto que a gente chega a uma conclusão, não conclusiva, porque nem tem; mas a gente faz alguns fechamentos nas devidas proporções. Por exemplo: o aluno vai chegar ao final do Ensino Fundamental II: ele viu as coisas boas da globalização: ele está usando tênis, ele está falando no celular, é barato! Tudo isso é bom, ele gosta. Até eu tenho um celular de última geração, feito na China... Estou vendo as coisas boas dessa globalização. Então pedi propagandas para os alunos. Eles fizeram recortes, cartazes. O próprio livro didático pedia em uma das atividades para os alunos elaborarem propagandas. Colocamos as regras e eles fizeram as propagandas e eu percebi que eles têm muitos outros conhecimentos, filmaram, fotografaram. Quando fui perceber tinham até colocado no “you tube” (arquivo de vídeos da Google Olhamos pelo lado que a globalização não está proporcionando só coisas boas. Principalmente para os países que não detêm tecnologia porque pagam caro por ela. Pensar nos países como o Brasil, que é um país em desenvolvimento, hoje usa-se o termo emergente; sim o Brasil sempre está

saindo de algum lugar desenvolvendo de um lugar. Temos que refletir, saindo de onde? Indo para onde? Emergindo de onde?

A globalização tem o lado bom, o celular faz tudo, meu carro também tem uma série de coisas boas! Mas e o lado ruim? O lado ruim é que não significa que o Brasil está desenvolvido, que as questões sociais não estão resolvidas, que os lucros de tudo isso não estão ficando no país, que a renda não está sendo mais bem distribuída. Então de uma forma bem menos complexa a gente vai trazendo essa questão para o Fundamental II. Seria bom pensar que os produtos fossem totalmente brasileiros. Os países mais pobres são os mais prejudicados. Com relação aos países ricos, com toda essa crise, surgem outros e novos questionamentos nessa relação com a globalização.

- É dessa forma que você passa para o seu aluno?

Para o EJA, é nesses termos que passo, eles conseguem absorver por causa de sua vivência.

Para o Ensino Fundamental II eu chego só até o ponto onde eles percebem que tudo isso que nós estamos usando é bom para o uso imediato, mas não significa que nós vamos nos desenvolver e muitos chegam a conclusão que precisamos ter a nossa tecnologia, quando ele chegou aí acho que é um bom caminho. Ele já entendeu que a globalização traz certo “desenvolvimento” que não é real, é fictício, mas é percebida a partir do movimento de cada um, das ações individuais. Então ele percebe que a globalização é muito mais complexa. O país não está melhor porque ele, aluno, está com celular de última geração. Se ele percebeu isso, acho que já é um passo adiante. Ele ainda vai trabalhar descobrir muito mais a respeito do uso da tecnologia. Para esse jovem ainda vai ficar ainda, muito no abstrato. Por enquanto, hoje, talvez ele não tenha toda essa dimensão do conceito da globalização. A base foi dada, se algum dia ele quiser entender o mundo lá na frente, ele tem a base, pode começar de alguns pontos. Esse aluno regular, pode não ter toda a compreensão da globalização, mas já sabe, pelo menos, em que mundo está pisando. A gente deu um caminho para ele, se ele quiser continuar entendendo esse caminho, lá na frente, terá o Ensino Médio, a Faculdade e ter outras formas de continuar entendendo o mundo em que vive. Mas alguém falou, apresentou o assunto em algum momento.

- Para você, qual é a importância desse conteúdo na disciplina de Geografia?

Como em Geografia, a gente trabalha a questão da ocupação humana no espaço e suas transformações, a globalização nesse sentido causou uma total transformação na humanidade, na forma das sociedades se apropriarem e fazerem uso dos seus bens, dos seus meios de vida. Hoje por exemplo, com relação à tecnologia da comunicação, telefonia, veículos, era inimaginável há vinte anos atrás. Em dez anos as transformações foram radicais, um celular, hoje tem diversas funções. Nesse período “choveu” uma série de inovações e com elas novos conceitos. A melhor forma de explicar tudo isso, é através da Geografia, porque ela trabalha com as transformações que moldam a realidade de uma sociedade inteira. Na Geografia é bem apropriado trabalhar a globalização, quando, por exemplo, explico que hoje, a criança já tem celular quando vai para uma creche, e nós só fomos adquiri-lo a pouco mais de dez anos. Então, hoje nós estamos ensinando globalização e fazendo parte dela junto com os alunos. Essa é também uma perspectiva importante para passar aos alunos. Isso é Geografia.

Com relação às questões foram pertinentes, porque falei do meu trabalho, e também porque acredito na educação.

Vou insistir um pouco nas questões abaixo para complementar ou tirar dúvidas.

- Para você, qual a importância do conteúdo globalização na formação cidadã do aluno? (considerando o aluno da oitava série)

É interagir com o mundo em que vive. Ele não pode estar alienado do contexto socioeconômico em que está inserido. Apesar da grande maioria dos jovens não sistematizar o seu papel dentro da globalização, percebem o movimento e o sentido dela. Mas sem entender melhor, não conseguiriam traçar um caminho nos objetivos mais práticos da vida. Como por exemplo, quanto a sua formação, seu trabalho e até nas expectativas pessoais. Mesmo porque, muitos alunos do Ensino Fundamental, quando vão para o Ensino Médio param de estudar.

- Como você relaciona, nas aulas, o tema globalização com a cidadania, também considerando a oitava série?

A partir das expectativas, previamente levantadas com os alunos, quanto a suas pretensões profissionais ou pessoais. Quais os caminhos poderão trilhar em busca desses objetivos, tendo como os conceitos formados sobre globalização e como tornar-se sujeito ativo nesse processo. Por exemplo: A gripe influenza A, está ocorrendo no México, eu moro em Interlagos, tenho que me preocupar? O aluno vai de celular de última geração na escola, usa “notebook” via “wireless”, isso torna o país mais desenvolvido?

- Você citou na sua fala, que os alunos precisam de pressupostos, conceitos clássicos, para estudar globalização. Dê alguns exemplos.

Começando por localização geográfica. A Geografia Física fica muitas vezes à margem dos conteúdos ou dos planejamentos das aulas. Um aluno de oitava série chega nesse ano com carências nessa área. Tratar de globalização requer quesitos mínimos como a noção sobre continentes, países, clima, relevo, etc. Os conceitos mais específicos como: lucro, mercado consumidor, concorrência, exploração da mão de obra, iniciativa privada, estatização, expansão, entre outros são base do capitalismo e sem eles fica difícil passar para esse campo da globalização. Entender o que é capitalismo é fundamental no processo de entendimento do que é globalização.

- Você citou que alguns livros tentam vincular o cotidiano do aluno com a globalização. Então como, em geral eles abordam esse assunto?

Eles abordam os assuntos já com a presunção dos alunos estarem munidos dos pressupostos que falei anteriormente. Estão bem longe da realidade da sala de aula. Teoricamente o aluno teria que estar nesse momento, preparado para ler esse livro, mas a realidade do aluno de periferia é outra. Muitas vezes eles não conseguem entender a diferença entre município de São Paulo e estado de São Paulo; o que é ser paulistano e ser paulista. Os livros passam muito mais o entendimento global das sociedades e suas economias. Lá (nos países) tem um povo, uma história, uma cultura, uma religião, uma realidade e uma conjuntura econômica baseada na sua formação. Então, mostrar uma figura de um corpo no rio Ganges descontextualizado de tudo que falei acima, remete ao aluno uma imagem de horror. Os livros didáticos parecem carecer de informações para formações mais próximas da realidade, do cotidiano escolar.

APÊNDICE H**ENTREVISTA NA ÍNTEGRA DO PROFESSOR MANUEL**

Identificação do entrevistado

Nome: Manuel

Idade: 38 anos

Naturalidade: São Paulo

A maior parte de sua educação fundamental e média foi feita em escolas:

Ensino Fundamental: (X) pública () privada

Ensino Médio: (X) pública () privada

Instituição em que concluiu o curso de Geografia: UNESP- Marília. Formação inicial em Ciências Sociais, e especialização em Geografia.

Ano da conclusão do curso: 1995

Tem outra(s) habilitação(es)? Qual(is)? Não

Fez ou faz algum curso de extensão, especialização ou pós-graduação? Qual ou quais?

Instituição(es) formadora(s):

Há quanto tempo leciona: 13 anos

Atualmente trabalha em que tipo de escola?

(X) pública () privada

Nos últimos anos, que nível de ensino tem atuado mais, como professor (a)?

() Fundamental I (X) Fundamental II () Médio (X) EJA

Escola(s) em que leciona e ano(s) que atua: EMEF Frei Damião

- Qual sua preferência de ano para atuar? Por quê?
Oitavas séries e EJA. Porque são mais maduros e dá para discutir, dá para desenvolver melhor a parte crítica.
- O seu planejamento anual prevê conteúdos do tema globalização? Em que ano do Ensino Fundamental você aborda esse assunto?

Globalização. Abordo na oitava série e no quarto termo do EJA. Justamente quando trabalho Geografia Humana, Geopolítica. Essas séries são melhores para trabalhar esse assunto.

- Quais assuntos você trabalha nessa temática?

Trabalho a questão da globalização cultural, globalização econômica, a questão das áreas excluídas da globalização, as partes positivas e negativas da globalização. Sempre coloco a globalização desses dois lados: trabalho o que é positivo e também o que é negativo: da exclusão; a sobreposição da cultura de massas sobre as culturas regionais, locais, da imposição de certos valores, “imperialismo” de certos países impondo a sua cultura à países excluídos. Trabalho, também a parte de tecnologia, a importância nessa área da ciência. Sempre tentando fazer esse contraponto entre os lados positivos e negativos que é inexorável. Não adianta com a postura crítica, simplesmente contrária: porque globalização gerou malefícios sociais nos países mais pobres. É tentar entender o que tem de positivo e negativo nesse processo.

- Você trabalha essa temática mediante orientações curriculares institucionais? Explique sua resposta.

Eu não tomo essas orientações como determinante. Essas orientações seguem um roteiro prévio, mas eu não fico preso. As orientações são como um caminho, mas eu não me prendo as formas, o planejamento, faço independente das orientações. A globalização está no meu planejamento porque é um tema super importante, independente de PCN ou qualquer outra orientação curricular. Na oitava série do regular e no quarto termo do EJA, globalização é um preparo para o Ensino Médio, ali abordagem será muito maior. E nesse caso, essas orientações e os PCNs orientam para isso. É um tema da realidade atual, recorrente; assim como o aquecimento global, assuntos que não podem ficar fora do planejamento no Ensino Fundamental.

- Com relação a esse conteúdo, em média, qual o tempo dedicado para trabalhar com os alunos? (referência às oitavas séries)

No regular (considerando a escola que trabalho, que é de periferia) tudo demora demais por causa da indisciplina, falta de atenção. Considero que esse conteúdo leva de um a dois bimestres. A indisciplina e o déficit de atenção são os maiores problemas no desenvolvimento de qualquer conteúdo. Os alunos aqui da periferia não tem muito interesse no aprendizado. E talvez, um aspecto negativo da globalização seja o fato de o conhecimento escolar estar banalizado. Aí gera dificuldade em falar de globalização, que é um assunto abstrato, é complicado. Passo filmes eles mostram total desinteresse, não prestam atenção. Então esse conteúdo, realmente, é no mínimo um bimestre.

- Você retoma esse assunto posteriormente?

Sim, sempre retomo. Esse tema não só retomo como antes, já falo. Porque, por exemplo: quando abordo as grandes navegações, já falo um pouco de globalização, que é uma “pré-globalização”, as rotas comerciais, já eram relações de globalização. Depois que passo o conteúdo, também volto. Se bem que eu procuro deixar esse assunto para o último bimestre.

- Como você relaciona globalização ao tema cidadania, considerando as séries que trabalha esse assunto?

Teoricamente tem muita coisa para trabalhar, que na prática fica difícil. Globalização e cidadania. Procuro sempre ressaltar o lado positivo da globalização e também o lado positivo de você valorizar a sua cultura, sua nação, seu país, a sua cidadania nacional, tentando buscar as raízes do Brasil, os elementos culturais. Aqui na periferia que eu trabalho, tem uma influência muito grande da cultura nordestina, por causa de muitos migrantes, busco essa valorização. Também busco elementos da cultura portuguesa, uma das bases da nossa cultura. Falo de valorizar elementos e onde eles se inserem que é no global. Não se deslumbrar com o global (internet, coisas de outros países) e esquecer o local. Valorizar o local para se inserir no global e valorizando o local você tem uma relação forte com a cidadania. Aquela coisa de: olhar para sua aldeia para se interar com o mundo. E também trazendo da globalização, informações sérias, importantes de elementos de justiça, de leis, de exemplos de outros países e assim confrontar com a nossa realidade aqui do Brasil e da América Latina. Toda vez que falo de globalização, eu relaciono o Brasil com a América Latina, apesar de o Brasil ser um pouco separado da América Latina em suas relações, eu sempre faço essa relação: como é a globalização no Brasil; como o Brasil foi inserido na globalização; e a América Latina na globalização. Não tendo uma postura política extremista de esquerda, ou de direita, neoliberal, buscando ter uma visão crítica, observando que a globalização tem os lados positivos e negativos.

- Para você, qual a importância desse conteúdo na formação cidadã do aluno?

Pensando na globalização cultural. Por exemplo, outro dia em aula, estávamos conversando sobre o papel da mulher, elementos culturais. Chegamos à conclusão que tem muitos elementos culturais, vindo de fora que sobrepõe à nossa cultura. Está bem menos, cada vez mais os jovens estão começando a ver a cultura brasileira, estão valorizando. Mas teve uma fase que era bem maior essa desvalorização da cultura brasileira e valorização da global: norte americana; europeia. A globalização pode ser traduzida em alguns pontos negativos por americanização, que é um problema. Esse é um ponto importante, pensar e ver a globalização como não americanização. E vê-la como globalização mesma, culturalmente é interessante saber que tipo música tem no Zaire, na França, nas misturas que existe na França, na Alemanha, no Brasil, trazendo elementos de misturas também dos Estados Unidos com países Africanos – esse é o lado positivo da globalização. O lado negativo seria você massificar e todos os países começarem a ter aquela visão, aquela cultura determinada, principalmente pela americanização, esse é um problema. A formação cidadã do aluno é você saber valorizar as suas raízes e colocar essas raízes em contato com o mundo, também nós não podemos se fechar. O jovem vai ter informação de vários e vários lugares do mundo. Eu coloco para os alunos que são importantes, sim, você fazer uso da internet, mas antes de se deslumbrar com os fenômenos da mídia de consumo, tentar buscar elementos mais caros da nossa cultura que estão se perdendo. Muitos jovens não conhecem Luís Gonzaga, elementos básicos da nossa cultura. Caetano Veloso, nem sabe quem é. Então a nossa cultura está se perdendo porque a cultura globalizada está sobrepondo de forma massificante. Não é eliminar a realidade globalizante, é saber filtrar para não deixar se perder as raízes da nossa cultura. Para mim cidadania, a formação cidadã é isso, o indivíduo saber valorizar a sua cidadania do seu país.

- As consequências da globalização, assunto tratado por muitos teóricos das ciências humanas, você contempla esse item com os alunos? Como?

As consequências: a globalização, como disse anteriormente, tem seu lado positivo e negativo. Não pode ser abordada pelo lado de esquerda extrema ou pelo lado neoliberal de direita, de deslumbramento. Ainda vão ter muitos confrontos nesse processo, essas crises. E na periferia, falamos muito com os alunos que eles são

atores nesse mundo global, nessas transições do século XXI e tem muita coisa que ainda está em transição. A gente vai falar de fatos em andamento e ainda não sabemos direito o que está acontecendo, então a gente dá as idéias, para que, futuramente, eles possam seguir o caminho. É difícil porque a gente vive lutando contra a cultura global, é uma cultura de alienação. Um dos problemas da globalização é a alienação. Os alunos vêm para a escola e não quer saber de nada, eles não vêm a escola como um local que pode ajudá-los na vida, não só para o mercado de trabalho, mas também, modificarem o futuro. Eles vêm a escola de forma alienada, comportamental, de idéias, não tem vontade de aprender.

A globalização vai ser muito mais de impacto, mais de confronto, mais de crítica para o aluno da periferia. Porque você tem que rever, para esse aluno da periferia o conceito de classes sociais para que ele saiba até que ponto essa globalização está mandando “goela abaixo” valores de subalterno e até onde ele está perdendo. Muitas vezes a globalização impõe valores, quer estigmatiza. Por exemplo, esses aí da periferia serão globalizados sim, mas na situação de submissos. Então é problemático, existe muita liberdade com a internet, mas se você não souber buscar, não tiver o filtro, você vai ter uma liberdade para ser capacho. O que você vai buscar é aquilo que é direcionado, que foi separado para os inferiores. Quando eu falo de globalização na periferia, falo principalmente na questão das classes sociais. Não pode se deslumbrar, porque globalização não é tudo igual, a base dela não é ser tudo igual, mostrar tudo igual, mas não é. Entre as diferenças, existem diferenças menores ainda. Por exemplo, O Brasil já é “quintal”, já seria uma periferia e dentro da periferia tem a periferia mais periferia ainda. Quando falo da globalização, falo em valorizar elementos da cultura e da classe social, uma forma de conscientização, sem extremismos. Na globalização o que se perde muito são valores culturais e valores sociais. A globalização mascara a distribuição desigual de renda porque vai dar aquela base geral para todo mundo como se fosse o falso conceito de democracia: todos têm informação, todos têm internet, todos têm acesso às mercadorias mais baratas. Houve um avanço, mas também mascarou muita coisa

- E nesse caso das conseqüências e de forma geral do conteúdo da globalização, como você contextualiza? Conforme sua colocação, esse assunto é bem abstrato, como você o torna concreto, na aula? Dê exemplos de sua prática na sala de aula.

Geralmente eu falo de empresas multinacionais, marcas de produtos, comportamentos. Por exemplo, falo de alimentação, “*fast food*”. Falar de globalização, também tem que falar de comportamentos. Aqui na periferia tem “*Mc Donalds*”, então é um tipo de alimentação e marca que está na cultura brasileira e mostra a globalização. Não faz parte da nossa tradição. Essa parte da globalização eu abordo mais pela Geografia cultural. Exemplos da mídia, música (tipos de música dominante, de onde é de onde vem) de vestimenta, de internet.

- Que recursos didáticos você utiliza para trabalhar globalização?
Lousa, filme, textos. Gosto de trabalhar com áudio visual. Uso do computador na sala de informática (esta escola tem esse recurso).
- Você usa livro didático? Como ele aborda essa temática?
Aqui nessa escola tem o livro do Vesentini, que é bem ligado a Geografia Crítica. Eu uso alguns textos desse livro, ele tem uma abordagem crítica e muito econômica. Às vezes uso outros livros e outros textos. Com relação a essa temática, o livro tem mais da globalização dos mercados, da economia em geral e não aborda Geografia Cultural, não trata da realidade do aluno de periferia, por isso eu busco mais da minha vivência e postura pessoal nesse assunto em particular. Porque os livros não citam a questão da vivência na periferia, das músicas. Por isso eu sempre falo de música, que é uma coisa que está ali, eles estão tendo contato. Por exemplo, trabalhei o avanço do rap pelo mundo através da globalização, chegou ao Brasil e tomou uma forma bem brasileira, é um tipo de música que veio de fora e foi assimilada pelos brasileiros e tomou uma forma bem particularizada. Exemplo de

como houve uma assimilação de cultura globalizada e valorizando a sua própria. E para trabalhar com o aluno é mais fácil dessa forma, porque economia é muito difícil dele se interessar. E o livro do Vesentini é muita economia. Uso ele como base, por causa dos dados, de informações, mas vou mesclando com a cultura.

- Ao tratar a globalização quais escalas (local, regional, nacional, mundial) você privilegia? Por quê?

Elas vão se relacionando, parte do local até o mundial e do mundial até o local. Logicamente privilegio o local, não é que privilegio; mas é necessário fazer um destaque para a importância de valorizar o seu país, a sua cultura, aí depois, você está globalizado se valorizando. Essas escalas estão sempre se relacionando, esses elementos vão se misturando. Em um momento está falando da sua realidade, não dá para separar quando fala do global. Por exemplo, agora vou falar do Brasil, só! O que é o Brasil, só!? Já está globalizado faz tempo.

- Para você qual a importância desse conteúdo na disciplina de Geografia?

Tem importância muito grande, fundamental. Para valorizar a própria cultura e também explicar culturas de outros países e despertar interesse do aluno por cultura. Porque a alienação é tanta que ele não tem interesse. Ele conhece meia dúzia de *funks*, música da moda só procura isso. Se, tem uma coisa muito boa da globalização é que se tem informação de culturas e modos de vida de países do mundo todo, não só na internet, mas alguns programas de televisão, também apresentam. Um dia passou um filme, em que a trilha sonora era dos ciganos dos Balcãs. A importância desse tema na Geografia é a valorizar a cultura local, geral. Despertar o interesse por cultura, adolescente não tem interesse por esse assunto. Ele valoriza a cultura massificada. Falo muito das nossas culturas regionais e depois falo das culturas do mundo.

- Você falou muito de cultura, explique melhor a cultura nesse contexto.

O que eu valorizo é a cultura das tradições, do modo de vida das pessoas, das suas raízes. A cultura massificada está associada a essa globalização mais geral, mas ela não é de todo negativa, porque se ela traz elementos de outros países acaba enriquecendo a cultura local. Por exemplo, de repente tem-se a mistura da música árabe com a francesa. Então posso ser globalizado, conhecer, gostar, mas não perder minha cultura autêntica, minhas raízes. Existe na globalização, muita troca de cultura, mistura e é importante ressaltar o que é a massificação e separar do que é autêntico. É tentar fugir da massificação e buscar o positivo dessa mistura cultural que a globalização trouxe. Primeiro valorizar a cultura brasileira e depois as outras, principalmente as mais ligadas, como a latina, africana, e também de outros países. Existe o lado que se fala que a globalização é americanização, não significa partir para o anti-americanismo porque eles são um país com muita diversidade cultural e não pode criar a situação de que tudo que vai se falar é anti-americanismo, isso é um perigo, também. Então cultura é um tema bem complexo, bem difícil porque tem ver todos os lados.

- A globalização, segundo o enfoque que você aborda na sala, foi um tema que se constituiu na sua formação de professor, ou na sua vivência?

Vem desde a faculdade, estudei no período de 1990 e 95, e era um período que esse tema estava em ebulição, o neoliberalismo no seu auge. Críticas aos marxistas ortodoxos, as tecnologias possibilitando cada dia mais a integração entre as pessoas do mundo, as notícias, as associações entre os países. O caminho agora era a globalização. No começo se via a globalização com olhar muito pessimista, mas eu a vejo como um processo inexorável. Não dá para falar: estou fora desse processo, não quero; não dá. Principalmente dentro da escola, temos que falar: nós estamos dentro desse processo. Então muita coisa, podemos aceitar outras abolir, eliminar e o que a

gente pode ressaltar é possibilitar aos alunos de conseguirem ter elementos culturais e valorizar a cultura deles, já é importante, hoje na sala de aula.

A organização desse conteúdo parte mais de uma formação minha, mas pegando o livro didático, os PCNs, as orientações curriculares, todos seguem aquele padrão de: formar o aluno para a cidadania, eu tento colocar em uma prática mais verdadeira, sem ficar nesse discurso. Não dá para dar aula só pensando nos PCNs, é muito genérico. Mas a gente tem que ler, tem que conhecer e esses documentos apresentam esse título. Mas a apresentação é igual para todos, não existe essa apresentação da diferenciação de classes sociais, parece que todos são iguais. E nós professores temos que apresentar a realidade e não impor algo de cima para baixo. Eu não vou dar globalização para os alunos como se eu não fizesse parte dela. Eu também estou inserido, eu saio nas ruas, ouço músicas, consumo esses produtos. Então juntos, tentamos entender a globalização e depois se posicionar de uma maneira melhor.

APÊNDICE I**ENTREVISTA NA ÍNTEGRA DA PROFESSORA JANE**

Identificação do entrevistado

Nome: Jane

Idade: 42anos

Naturalidade: brasileira

A maior parte de sua educação fundamental e média foi feita em escolas:

Ensino Fundamental: (X) pública () privada

Ensino Médio: () pública () privada

Instituição em que concluiu o curso de Geografia: Curso de Estudos Sociais com habilitação em História e Geografia. UNIB

Ano da conclusão do curso: 1989.

Tem outra(s) habilitação(es)? Qual(is)? Pedagogia

Fez ou faz algum curso de extensão, especialização ou pós-graduação? Qual ou quais? Pós Graduação: Especialização em Gestão Educacional.

Instituição(es) formadora(s): UNICAMP

Há quanto tempo leciona: 19 anos

Atualmente trabalha em que tipo de escola?

(X) pública () privada

Nos últimos anos, que nível de ensino tem atuado mais, como professor (a)?

() Fundamental I (X) Fundamental II () Médio () EJA

Escola(s) em que leciona e ano(s) que atua: EMEF Conde Pereira Carneiro.

- Qual sua preferência de ano para atuar? Por quê?

Preferência de atuar na oitava série, é que eles são mais maduros, dar para discutir mais os assuntos. Há 10 anos que dou aula nas oitavas séries, eu sempre escolho essas turmas.

- O seu planejamento anual prevê conteúdos do tema globalização? Em que ano do Ensino Fundamental você aborda esse assunto?

No planejamento tem o tema globalização, aliás, eu começo esse tema.

- Quais os assuntos você trabalha nessa temática?

Desenvolvimento e subdesenvolvimento, tecnologias e as relações com emprego, os Continentes, o Brasil e as relações econômicas. Na realidade é um vai e vem. Você está trabalhando a Europa, você traz os prós e contras, está trabalhando Brasil, vamos comparar a questão de multinacional.

- Quais são os seus objetivos ao trabalhar o tema globalização?

A globalização, como conteúdo é para o aluno poder se inserir nesse mundo. Para entender, na realidade, o que essa globalização traz: benefícios e conseqüências e como o aluno está inserido nisso. Não é um assunto fácil, é extremamente complexo. Entra a questão do mercado de trabalho, a importância dele estar estudando. Você tem um leque de informações muito grande e hoje em dia é até complicado ir fechando o assunto. E a intenção é fazer com que eles (alunos) entendam o que a globalização traz para ele enquanto, aluno, até para arrumar um emprego. Hoje quem fica no mercado de trabalho? Não é só aquele que terminou o ensino fundamental e médio. Hoje em dia ele tem que ter um estudo, competência, habilidade. Tudo isso nós tentamos mostrar. É difícil, é muito difícil.

Falo para os alunos que hoje em dia se tem a globalização, tem um monte de facilidades, a informação chegando a todo o momento, mas é necessário saber mesclar essas informações e verificar se é importante ou não. Entender até a questão dos países desenvolvidos ou não, por que eles comandam tudo isso. E quem é que permanece no mercado de trabalho, não é só terminar uma faculdade. Antigamente terminava a faculdade, você tinha emprego, era status. Hoje em dia não é isso. Eu tento passar isso, também para os alunos.

Para estar trabalhando, incentivando eles a buscarem conhecimentos e não a gente passar as respostas. Não dar uma definição pronta para a globalização, eles é que tem que buscar.

- Você trabalha essa temática mediante orientações curriculares institucionais? Explique sua resposta.

Eu acredito que o aluno precisa se situar no mundo e, o mundo está em função dessa tal globalização, então ele precisa entender o mundo. Se for institucional ou não, eu acho fundamental esse conteúdo. Até porque para analisar mapas, determinados mapas, é preciso saber sobre a globalização; trabalhar o aparecimento das cidades, das multinacionais, essa interdependência, interligação dos países, busca-se tudo isso nesse tema. Na realidade o aluno precisa fazer a leitura do mundo e tendo essa leitura do mundo, tem-se a globalização. Você não consegue ficar fora, é muita informação, é muita tecnologia ao mesmo tempo e você tem que se situar nisso.

- Com relação a esse conteúdo, em média, qual o tempo dedicado para trabalhar com os alunos?

Início o ano com ele e retomo durante todo o período.

- Você retoma esse assunto posteriormente?

De repente o assunto se torna repetitivo, mas os alunos têm que perceber a globalização. É sempre esse vai e vem.

- Como você relaciona globalização ao tema cidadania, considerando os anos que trabalha esse assunto?

Esse tema deveria como outros, ser um caminho para a formação cidadã do aluno. Mas não sei se estou no caminho certo, se a gente mostrando as consequências da globalização ele consegue perceber o que é ser um cidadão. Para ele (aluno) ter mais cidadania precisa saber o que é isso. Trabalhar nesse contexto é complicado; acho que mostrando as consequências da globalização na sociedade, a questão do desemprego, da mão de obra não qualificada. Ou até mesmo, eu tento mostrar para ele (aluno do ciclo, que vai passando) qual o interesse de tudo isso? Chega ao final de uma oitava série ou de um Ensino Médio (quando consegue terminar) não vai ter emprego garantido. Na realidade o Brasil, ou qualquer outro país, mas citando o Brasil, não vai ter emprego para todo mundo. Então ele vai ser mão de obra desqualificada. O governo faz? Ele está dando chance, dá leite, dá uma série de coisas, a única coisa que ele não dá é vontade para o aluno. Por que o governo é tão bonzinho? Porque na hora de arrumar emprego, não tem para todos e aí a maioria tem que ser a mão de obra mais barata e o governo vai argumentar que deu tudo para os alunos. Eu tento passar isso para os alunos, não sei se isso é a cidadania, se estou no caminho certo, mas é isso que mostro. Por exemplo, o governo tem mil alunos na terceira série do Ensino Fundamental, teoricamente ele tem que garantir que quando esses mil alunos chegarem ao final do Ensino Médio terá emprego. Mas não tem emprego para todos, porque tem a questão da tecnologia, das máquinas cada vez mais aprimoradas substituindo a mão de obra, a questão da internet, um processo acelerado. E não gera emprego para todo mundo. E depois de quem é a culpa da pessoa estar desempregada? É dela mesma que não soube aproveitar a oportunidade (segundo a visão do governo).

Muitos alunos não completam o Ensino Médio, seja por falta de desenvolver competências, habilidades ou a questão econômica. Aí também lembro para eles a importância da globalização.

O aluno vai passando de ano, e quando chega à oitava série, tento mostrar tudo isso para ele, porque ele vai ser excluído. A educação parece inclusiva, mas na realidade está excluindo porque o jovem não consegue se inserir no mercado de trabalho.

Na realidade começo a trabalhar a questão da cidadania, o ser cidadão nas quintas e sextas séries. Esse tema só começa a ter uma consistência na oitava série, quando o aluno está mais próximo do mercado de trabalho.

- Para você, qual a importância desse conteúdo na formação cidadã do aluno?

A importância da leitura de mundo, do aluno estar se inserindo no mundo. Você tem informações de todos os lados, será que ele está sabendo verificar o que é mais importante e o que não é verdadeiro?

Alguns alunos se percebem no contexto, principalmente, quando o assunto é emprego, a questão da qualificação da mão de obra. Eu tento mostrar a importância dele estar estudando e estar dentro desse mundo.

- As consequências da globalização, assunto tratado por muitos teóricos das ciências humanas, você contempla esse item com os alunos? Como?

Contemplo esse assunto no contexto. Principalmente com o desemprego. O acesso à informação é fácil, mas será que tudo que vê é verdadeiro. Hoje em dia você pega um trabalho de escola e ele foi puxado todo da internet.

Contextualizar: é complicado; a gente tenta buscar através das revistas, jornais, ou o aluno busca informações aquilo que escutou, ou uma palavra que ouviu e traz essa pergunta para aula.

- Que recursos didáticos você utiliza para trabalhar globalização?
Textos, internet, imagens.

- Você usa livro didático? Como ele aborda essa temática?

Utilizo livros didáticos, mas geralmente trago textos de fora, charges de globalização. O livro didático apresenta a definição da globalização, não sai disso. Ele define o que é a globalização: apresenta assim: termina a Segunda Guerra Mundial, depois o Mundo Bipolar e por último a Globalização, a Terceira Revolução Industrial. Mas Globalização não é só isso, não dá para encerrar o tema aí.

- Ao tratar a globalização quais as escalas (local, regional, nacional, mundial) você privilegia? Por quê?

Eu acho que uso um pouquinho de cada. Muitas vezes começo no mundial. Vamos imaginar a Europa, o que é globalização, discuto isso, parto do macro para o micro, e no local o que é São Paulo? O que acontece aqui? Eu acho que pego um pouquinho de cada. Também daria para começar do local para o mundial. Por exemplo, eu tenho trabalhado com uma oitava a questão da urbanização da Av. Paulista, através das imagens. Você vê a globalização lá na Av. Paulista. Trabalhei imagens, todo um processo de mudança e hoje, como é hoje? Como é essa comunicação, hoje? De repente a Paulista virou um símbolo. Onde está a globalização ali? De repente até do local para o mundial consegue, dá para fazer essa ligação.

- Para você, qual a importância desse conteúdo na disciplina de Geografia?

Os alunos têm que perceber que a globalização não é uma coisa isolada, o mundo está em transformação e que ele tem que estar nisso, também. Não adianta só falar que estamos num mundo globalizado, eu faço parte desse mundo, tenho que entender tudo isso, porque passo por tudo isso.

O importante é elencar conteúdos que mostrem como é a realidade, principalmente com relação ao mercado de trabalho. Conteúdos que alertem para a necessidade do aprendizado mais consciente e não só tratar desse tema quando não conseguiram nada.

Eu busco trabalhar, assuntos diversos com eles. Nós temos que entender o nosso dia a dia. Tenho que entender que eu faço parte do mundo. Que o Brasil faz parte de uma estrutura, que tem outros países que comandam. Por que tem essa influência, o que acontece nesse momento? Uma coisa depende da outra.

Quando fala de globalização, também vem à tona o exemplo dos jogadores que ganham muito dinheiro, mas quantos chegam aí? E se o aluno não chega ali, vai viver frustrado?

Por que tem o desemprego? Porque tem o salário mínimo? A questão de o salário mínimo ser baixo. O que é o salário mínimo?

É importante trabalhar a questão da cidadania, o que é ser cidadão. Relacionar todos os temas e dar condição do aluno se perceber na globalização.

A maioria dos alunos do Conde mora muito longe, tem alunos muito carentes, também tem alunos com uma qualidade de vida melhor, com nível de renda melhor do que os outros. A maioria dos alunos vem de longe, poucos moram perto da escola. Tem muita desigualdade social. A comunidade é participativa e a escola é tradicional, sempre ocorre presença maciça dos familiares nos eventos.